

a chama

ANO XXXVI . DEZEMBRO 2009 . Nº 77 . APM DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

EDIÇÃO ESPECIAL



50
ANOS

A HISTÓRIA DO SÃO VICENTE

Editorial

Recentemente participei do encontro dos Professores de nossa Escola com Pe. Lauro, que lhes apresentou as principais diretrizes pedagógicas para o ano de 2010. Confesso que fiquei emocionado. As palavras que conquistavam nossas mentes refletiam no coração a certeza de que o melhor para a formação de nossos filhos estava presente naquele auditório. “A finalidade de uma obra vicentina, como este Colégio, é preparar os Alunos para que possam dedicar-se mais plenamente a um trabalho que ajude, promova e evangelize os Pobres. Por isto, o espírito crítico, a crítica social, a visão humanista da vida, o compromisso social, o conhecimento crítico e instrumental da realidade são consequência normal de sermos Professores e Alunos vicentinos: não é favor nem é luxo. É obrigação, é nosso 'traje', nosso 'uniforme'. Isto tem que constar claramente no nosso projeto pedagógico e em nossa prática diária”.

Durante toda a apresentação, a ênfase de que os Alunos são os agentes mais capazes de transformar sua própria situação reforçou a importância do diálogo: “Não dividiremos os dados da realidade em positivos e negativos, mas tentaremos vê-los todos como forças de crescimento ou de resistência. Nisto, sobretudo, é importante ouvir como os Alunos consideram as coisas. Nenhum método, por eficiente que seja, substitui o ouvir amorosamente o ponto de vista dos Alunos.(...) Aqui, não temos que ensinar

só geografia, mas também os rumos da vida. Não nos preocuparemos só com o sujeito da frase, mas com o Aluno ser sujeito em sua vida. (...) ponham o nosso ensino e o estudo dos Alunos a serviço da vida e não dos exames, da nota, do vestibular, do mercado de trabalho, visando não o lucro ou o sucesso, mas as pessoas e sua vida em plenitude. Vamos procurar não excluir ninguém, mas esforçar-nos por incluir todas as pessoas”.

Ao ouvir isso, pensei nos nossos filhos e na tarefa que temos: “(...) escutar com atenção e tentar entender as (suas) necessidades e aspirações(...), criando uma atmosfera de respeito e de confiança mútua e ajudando-os a cultivar o sentimento de autoestima”.

E, para finalizar, um desafio de todos nós: “Sabemos que nem tudo que nasce de uma bela intuição se conserva em sua pureza e em seu encanto original. Assim acontece que a cobrança de resultados nos exames, nas provas e nos testes acaba por desviar-nos da tarefa de provocar o encantamento, de manter o interesse, de conservar nos Alunos o desejo de aprender (contra a obrigação de estudar...). Como recuperar isto?”. A leitura desta edição especial de nossa revista A CHAMA é um excelente material para respondermos a essa questão. Boa leitura.

Fernando Potsch, Presidente da APM

a chama

Ano XXXVI Nº 77
Dezembro / 2009

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú, Fernando Potsch

Projeto editorial: Luciana Cabral

Redação: Raphaela Peres, Luciana Cabral e João Rocha Lima

Revisão: Pe. Lauro Palú

Projeto gráfico: Christina Barcellos

Fotos: arquivo CSVP, fotos de arquivos de ex-alunos, Gilberto de Carvalho e Pe. Lauro Palú

Secretária da APM e da Redação: Marcia Soares Lima

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 3 mil exemplares

Jornalista Responsável: Raphaela Peres - Mtb: 30739/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidentes: Fernando Potsch C. e Silva e Simone Pestana da Silva

Vice-Presidentes: Marcelo de A. Lima Gonçalves e Maria Elizabeth F. Norões

Relações Públicas: Flávio Altoé de Moura e Márcia Aparecida Zucchi

Secretários: Daniel Estill e Adriana Rieche Estill

Tesoureiros: Lúcia Helena C. Villela e Adriana Alencar A. do Amaral

Conselho Fiscal: Natália França Ourique, Alfredo C. Botelho Machado, Giancarlo Michetti

Representantes dos Professores: Gerson Vellaco Junior e Cristina Cavalcante

Moderadores: Padre Lauro Palú e Padre Emanuel B. Bertunes

Uma edição especial

Esta edição comemora os 50 anos do Colégio São Vicente de Paulo. Seguimos a linha do tempo, aproveitando o levantamento feito pelos Alunos do 4º Ano. Cada década teve seus altos e baixos analisados, compreendidos e apresentados nos tópicos principais que documentamos e ilustramos.

O conteúdo desta edição, tantas alegrias e lutas e idas e vindas e tanto idealismo, é o modo concreto de mostrar como é nosso Projeto Pedagógico. E é extremamente bonito ver como as linhas de ação que seguimos nasceram de nossa vida diária, da idéia dos Fundadores e primeiros Formadores, viraram nosso modo próprio de ser e ainda agora orientam a vida de todos nós e ainda inspirarão grandes esforços no futuro, para alcançarmos nossos propósitos e continuarmos, com juízo, querendo ser um Colégio muito especial.

Na origem, o São Vicente foi sonhado como continuação do Colégio do Caraça, de Minas Gerais, onde começou a Província Brasileira da Congregação da Missão, proprietária e mantenedora desta casa de educação. Nestes 50 anos, amadureceram muito os objetivos originais, com abertura extraordinária para o momento brasileiro e suas sucessivas políticas, seu crescimento, sua modernização e seus voos mais altos. Quase cada número de nossa revista, nos últimos anos, falou do Caraça, mostrando como é viva e forte essa ligação.

Também mostramos, aos poucos, as coisas que caracterizam nossa Comunidade, como apareceram e se firmaram como nossa identidade: a formação política, a cidadania, a participação decisiva dos Pais, uma parceria imaginosa e extremamente trabalhosa e por isso mesmo muitíssimo produtiva, resultados humanos muito profundos, alicerçados igualmente numa preocupação pastoral, que tem unido as Famílias ao Colégio e entre si.

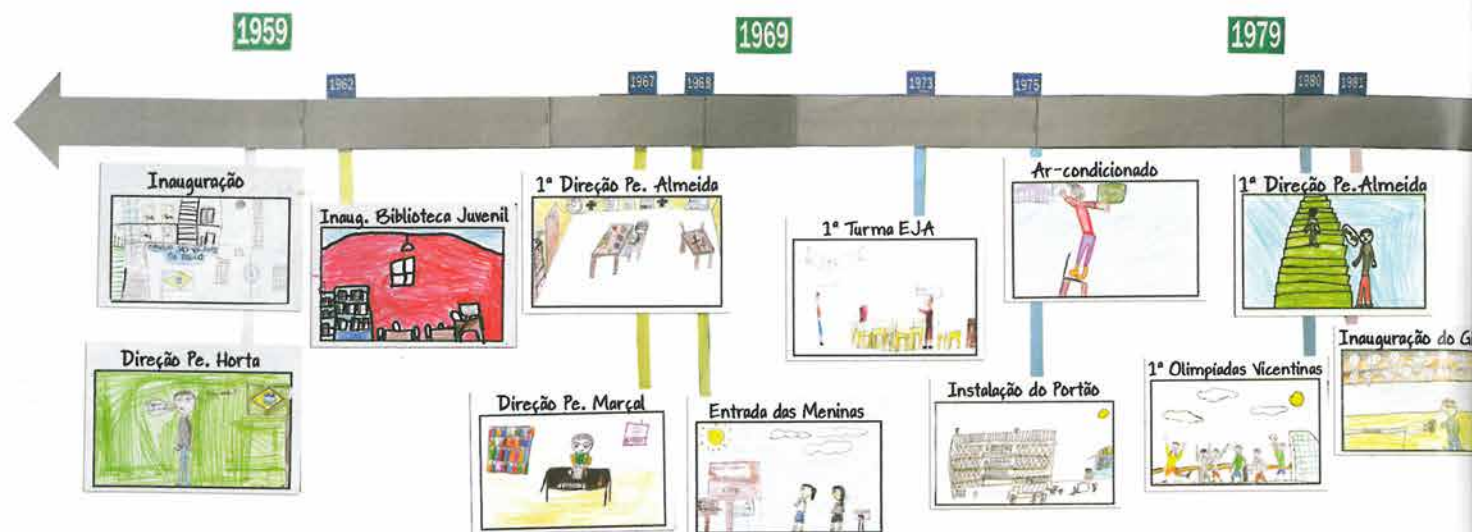
Estas páginas aumentadas seriam insuficientes para os nomes dos 13.390 Alunos e Alunas matriculados até este ano. Ainda precisaríamos pôr os nomes de todos os Professores, Professoras, Funcionários e Funcionárias, das Diretorias da Associação de Pais e Mestres, dos líderes de grupos ou movimentos que nos animaram nestes anos de lutas e conquistas. Mas a menção de muitas das nossas realizações servirá de estímulo a quem desejar aprofundar o que foi a razão de nossos sucessos, a base de nossa alegria, o alimento de nossa esperança. Escrevo isso como testemunha da inauguração e organizador das festas dos 25 e dos 50 anos deste Colégio e, por isso mesmo, forte candidato a participar do centenário, em breve!

Pe. Lauro Palú, C. M., diretor



CSVP 50 ANOS

Linha do tempo



Antes de 1959

1959-1969

1969-1979

A IDÉIA INICIAL	PÁG 4
A DESCOBERTA DO TERRENO	PÁG 4
O APOIO DOS EX-ALUNOS LAZARISTAS	PÁG 5
A AJUDA DO PRESIDENTE JUSCELINO	PÁG 5
O PROJETO ARQUITETÔNICO E AS OBRAS DE CONSTRUÇÃO	PÁG 6
O CARAÇA COMO FONTE INSPIRADORA	PÁG 7

A INAUGURAÇÃO DO COLÉGIO	PÁG 8
A MISSA, A SOLENIDADE E O BANQUETE	PÁG 8
A DIREÇÃO DO PE. HORTA	PÁG 10
A CRIAÇÃO DA APM E DAS VOLUNTÁRIAS	PÁG 11
A DIREÇÃO DO PE. MARÇAL	PÁG 14
A 1ª DIREÇÃO DO PE. ALMEIDA	PÁG 16
A EDUCAÇÃO LIBERTADORA	PÁG 18
A ENTRADA DAS MENINAS	PÁG 19

AS PRIMEIRAS BENFEITORIAS	PÁG 20
O PROFISSIONALIZANTE	PÁG 22
O CURSO SUPLETIVO	PÁG 23
AS PRÁTICAS ESPORTIVAS	PÁG 24
A REVISTA A CHAMA	PÁG 25
O REFLORESTAMENTO	PÁG 26
AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS	PÁG 27
A PARTICIPAÇÃO DO GRÊMIO	PÁG 27

do CSVP

Para festejar os 50 anos do CSVP, não faltaram missas, almoços, festas, exposições e eventos. Os alunos participaram ativamente das comemorações. Cada uma das turmas do colégio preparou algo de especial para celebrar a data. "A linha do tempo" foi trabalho das turmas do 4º ano do Ensino Fundamental. E foi o nosso ponto de partida. Foi nele que a revista se inspirou para montar esta edição comemorativa. Um breve registro cronológico, permeado por algumas das muitas histórias que o Colégio São Vicente tem para contar.



1979-1989

1989-1999

1999-2009

A 1ª DIREÇÃO DO PE. LAURO	PÁG 34
A INAUGURAÇÃO DO GINÁSIO	PÁG 36
OS DEBATES POLÍTICOS	PÁG 38
A VIGÍLIA	PÁG 40
A CRISE DO CRESCIMENTO	PÁG 42
AS JORNADAS PEDAGÓGICAS	PÁG 43
O JUBILEU DE PRATA	PÁG 44
A 2ª DIREÇÃO DO PE. ALMEIDA	PÁG 46

A PINTURA DO MURO	PÁG 48
O MOVIMENTO DOS CARAS PINTADAS	PÁG 50
A SEMANA CULTURAL	PÁG 52
O TEATRO	PÁG 52
OS CORAIS DO SÃO VICENTE	PÁG 53
A REFORMA DA BIBLIOTECA	PÁG 54
O LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA	PÁG 56

A VOLTA DO PE. LAURO	PÁG 58
OS PROJETOS SOCIAIS	PÁG 60
OS PROJETOS DA APM	PÁG 62
AS EXCURSÕES	PÁG 63
O PROJETO PEDAGÓGICO	PÁG 66
NÃO SE APRENDE SÓ NAS AULAS	PÁG 68
AS FEIRAS DE LINGUAGEM E DE QUALIDADE DE VIDA	PÁG 70
O TRABALHO PASTORAL	PÁG 72
AS COMEMORAÇÕES DOS 50 ANOS	PÁG 73

O início



O PRESIDENTE JUSCELINO KUBISTCHEK BRINDA AO PROJETO DE CONSTRUÇÃO DO CSVP, NO ALMOÇO DO JORNAL O GLOBO



PE. HORTA E D. HÉLDER CÂMARA, À MESA, E ROBERTO MARINHO DISCURSANDO, AO FINAL DO ALMOÇO

“O primeiro momento do colégio surgiu em 1951, quando da posse do Pe. Sales, como Provincial do Rio de Janeiro. Este, para compor sua equipe, convidou para o Cargo de Ecônomo Provincial o Pe. Horta, que estava em SP construindo uma igreja.”

Marcelo Camurça, historiador
(A Chama/ 1978)

A idéia inicial

Ao convidar Padre Joaquim Horta para ajudá-lo na administração da Província, Padre José Paulo Sales Júnior incumbiu-o da venda da Casa Central, localizada na Rua General Severiano, em Botafogo. A casa se encontrava em péssimas condições e a proposta inicial era a de comprar um terreno para a construção da nova sede da Província.

Padre Horta chegou ao Rio, em 1954, e, já em outubro daquele ano, conseguiu negociar com a cervejaria Antarctica, oferecendo a casa para servir como um depósito de cerveja.

Com a venda do imóvel, os Padres Lazaristas instalaram-se por dois anos, sucessivamente, em dois imóveis da Rua Voluntários da Pátria, também em Botafogo. A conselho do Cardeal Dom Jaime Câmara, cujo desejo era o de ver construída uma igreja dos Lazaristas no bairro, Padre Horta se incumbiu de encontrar um terreno, onde pudesse construir a igreja e, junto a ela, a Sede Provincial. Após quatro ou cinco meses de procura, encontrou finalmente um terreno – em meio ao verde e aos poucos casarões da época – no bucólico bairro do Cosme Velho.

A descoberta do terreno

Segundo o historiador Marcelo Camurça, quem encontrou o terreno foi Zé Lino, antigo funcionário da Casa Central. Ao saber da intenção de Padre Horta, Zé Lino, que frequentava a Igreja de São Judas Tadeu, no Cosme Velho, lembrou-se de um terreno

“Os Lazaristas e sua grandiosa obra educacional. Lançada ontem no Cosme Velho a pedra fundamental do novo Colégio São Vicente de Paulo”

Jornal Correio da Manhã, 4/ 8/ 1956

próximo, que abrigava um cortiço. E já no início de 1955, “um carro preto subiu a Rua Cosme Velho, onde, em frente ao cortiço, saltaram três padres e Zé Lino, que se dirigiram ao casarão para os entendimentos com o proprietário.” Mas no terreno não convinha erguer uma igreja, uma vez que já existia, perto dali, a de São Judas Tadeu. E “como não era possível a igreja, surgiu a ideia do colégio”, explicou Padre Horta, em seu depoimento à revista A Chama, em 1977. “A idéia fundamentou-se na convicção de que deveríamos retornar a nossas origens, à nossa tradição de educadores no Brasil, como no Caraça, em Petrópolis e Curitiba.” A proposta da construção

do colégio foi, então, apresentada ao Conselho da Congregação, em Assembleia realizada em Petrópolis, sendo aprovada por unanimidade.

O apoio dos ex-Alunos Lazaristas

“Uma vez estabelecido que deveria fazer o colégio, o problema era a verba. Mas antes disso, eu me incumbi de fazer a Casa Central. Com prazo marcado e com o dinheiro que sobrou da compra do terreno, fizemos a Casa Central. A venda das matas do Caraça nos ajudou a terminar a obra.” E, assim que a obra da Casa Central foi concluída, iniciou-se a construção do colégio.

Com a preocupação de levantar os recursos necessários, Padre Horta procurou Austregésilo de Athayde, membro da Academia Brasileira de Letras e antigo aluno do Seminário de Fortaleza; no encontro surgiu a ideia da fundação de uma Associação de Ex-alunos Lazaristas, uma iniciativa importante no apoio para a construção do CSVP.

A ajuda do Presidente Juscelino

O primeiro encontro de Padre Horta com o Presidente Juscelino, ex-aluno do Seminário de Diamantina, se deu na fundação da Associação dos Ex-alunos Lazaristas, em almoço realizado no jornal O Globo, no dia 6 de agosto de 1956. O almoço contou com

São Vicente de Paulo - o Patrono

“Todas as pessoas desejam ser tratadas com doçura.”
São Vicente de Paulo

Nascido em 1581, num pequeno vilarejo no sul da França, o menino Vicente de Paulo era o terceiro dos seis filhos de um casal de camponeses. Mesmo enfrentando dificuldades, realizou seus estudos e, optando por dedicar-se à vida religiosa, ordenou-se em 1600. Com grandeza de espírito e um caráter extremamente combativo, o Padre Vicente de Paulo conseguiu organizar e liderar pessoas, multiplicando os esforços na ajuda aos mais necessitados. Em 1617, com o trabalho de cunho missionário e social, deu início, em Paris, à Congregação da Missão, que se tornou conhecida como a Congregação dos Padres Lazaristas, e, em Châtillon-les-Dombes, na região de Lyon, à Confraria da Caridade, atualmente conhecida como Associação Internacional de Caridades (AIC). Já no início do século 18, a Congregação da Missão e a Confraria das Caridades foram criadas também em Portugal. Falecido em 1660, São Vicente de Paulo foi canonizado em 1737, sendo declarado, em 1885, patrono de todas as Obras Sociais. O CSVP, fundado e mantido pela Província Brasileira da Congregação da Missão e tendo sido batizado em homenagem a São Vicente, tem como missão justamente promover seus ideais, oferecendo uma formação reflexiva, cujo fundamento é a promoção do bem social.

a presença do Padre Sales, Provincial da Congregação da Missão, Padre Horta, Procurador Provincial, e dos ex-alunos Lazaristas. Com ampla divulgação na mídia, o evento reuniu ainda personalidades ilustres, como Dom Carlos Mota, Arcebispo de São Paulo, Dom Helder Câmara, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, Roberto Marinho, do jornal O Globo, Brigadeiro Eduar-

do Gomes, entre outros. Durante o almoço, Padre Horta expôs a ideia da construção do Colégio São Vicente de Paulo, ressaltando o retorno à tradição de educadores dos Padres Lazaristas no Brasil. E solicitou ao Presidente da República seu apoio, junto ao IAPC (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes), para a concessão de um empréstimo que garantisse os recursos necessários para a construção do colégio. “Com um empréstimo de 20 milhões de cruzeiros, garanto o colégio construído em dois anos”, disse Padre Horta ao Presidente.

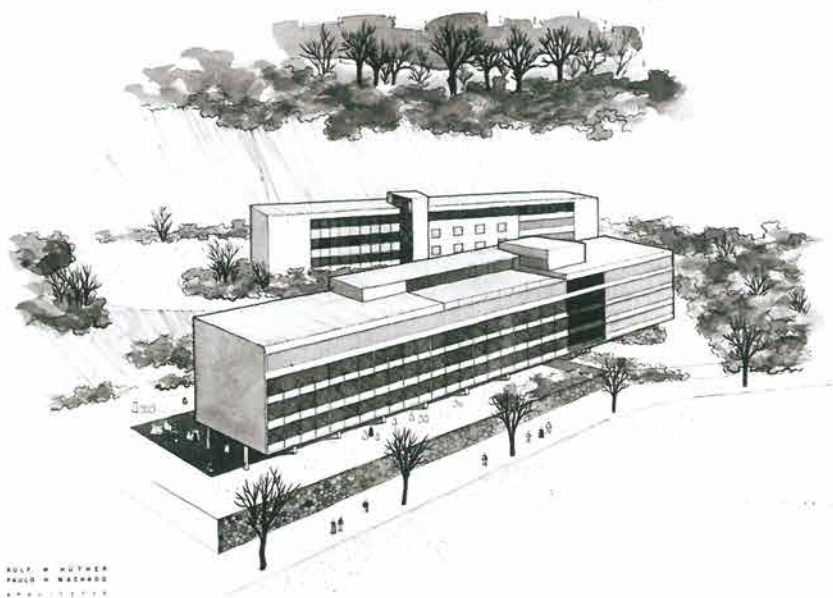
Apesar do apoio do Presidente, a captação dos recursos não foi fácil. “Juscelino prometeu dar o dinheiro, mas, entre a promessa e a execução, percorri um longo caminho. Ele deu a carta ao IAPC para o empréstimo de 20 milhões de cruzeiros. Mas a espera do dinheiro foi uma tragédia, porque o papel foi arquivado e desapareceu. Finalmente, conseguimos arrancar 7 milhões de cruzeiros”. E com isso, deu-se início às obras.



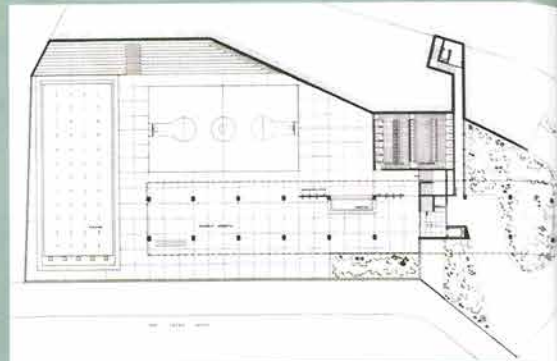
PEDRA FUNDAMENTAL

CARDEAL DOM JAIME DE BARROS CÂMARA, ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO, TENDO AO LADO O PÁROCO DA IGREJA SÃO JUDAS TADEU, NO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO CSVP.

A CERIMÔNIA SE DEU ÀS 10h DA MANHÃ DO DIA 3 DE AGOSTO DE 1956, COM A PRESENÇA DO CARDEAL VALÉRIO VALERI E DE OUTRAS IMPORTANTES PERSONALIDADES. COM AMPLA COBERTURA NA IMPRENSA, A SOLENIDADE CONTOU AINDA COM A BANDA DE MÚSICA DA POLÍCIA MILITAR E FOI TRANSMITIDA AO VIVO NAS RÁDIOS GLOBO, GUANABARA, CONTINENTAL E METROPOLITANA.



ROLF W. HÜTHER
PAULO W. MACHADO
ARQUITETOS



O PROJETO DO ARQUITETO ROLF WERNER HÜTHER TEM ARQUITETURA MODERNA E LINHAS ARROJADAS. NA MAQUETE, O PRÉDIO DE CINCO PAVIMENTOS, CONSTRUÍDO TODO SOBRE PILOTIS, COM 23 SALAS DE AULAS, EM AMPLAS E AREJADAS DEPENDÊNCIAS, ALÉM DE COZINHA E REFEITÓRIO, LOCALIZADOS NO SUBSOLO. NO DETALHE, A PISCINA E A QUADRA, QUE SERIAM OS ÚNICOS ESPAÇOS DE RECREAÇÃO. FOI NECESSÁRIO COMPRAR O TERRENO DO LADO.

O projeto arquitetônico e as obras de construção

Em entrevista ao jornal Correio da Manhã, no dia 2 de abril de 1959, Padre Horta declarou que a construção já havia consumido 40 milhões de cruzeiros. Deste total, 20 milhões foram obtidos por empréstimo. O restante foi obtido através de donativos e

contribuições, como as de pais e fundadores, dos quais cada um emprestou dez mil cruzeiros, sem juros, fazendo juz ao título de sócio fundador e assegurando a vaga para o filho.

Num projeto bastante arrojado, do arquiteto Rolf Werner Hüther, o prédio abrigava cinco pavimentos, com 23 salas de aulas, amplas e arejadas,

além do porão, com cozinha e refeitório. As instalações eram excelentes; paredes e pisos revestidos de plástico para evitar o barulho; e o refeitório dotado de ar-condicionado. A construção foi concluída em dois anos, no prazo estipulado, ficando a cargo dos jovens engenheiros Milton Saramago e Manoel de Mello Machado.



NA SEQUÊNCIA DE FOTOS, AS VÁRIAS ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO. O BONDE "ÁGUAS FÉRRAS" Nº3. PADRE HORTA, EMBORA DE APARÊNCIA FRANZINA, NÃO PASSAVA DESPERCEBIDO. ACOMPANHOU DE PERTO TODA A OBRA, DAS FUNDAÇÕES À COLOCAÇÃO FINAL DO PISO.

O Caraça como fonte inspiradora

Não podemos falar do Colégio São Vicente de Paulo sem mencionar o Caraça. Na verdade, a ideia de se construir o Colégio foi a de retomar a tradição de educadores da Congregação da Missão. Fundado em 1820, o Colégio do Caraça foi o primeiro colégio de Padres Lazaristas do Brasil e o primeiro secundário masculino de Minas Gerais. Uma legião de brasileiros se formou sob a orientação dos Lazaristas, incluindo políticos importantes, como os ex-presidentes Juscelino Kubitschek, Afonso Pena e Arthur Bernardes. Os dois últimos estudaram no Caraça, tido na época como “berço da cultura mineira e santuário das ciências e da religião”.

As primeiras iniciativas que viriam a se tornar o Colégio do Caraça remontam a 1774. Irmão Lourenço de Nossa Senhora, de Portugal, fundou, no atual município de Catas Altas, em Minas Gerais, uma pequena capela em um local retirado e pleno de natureza e harmonia, que servisse como “refúgio para as almas piedosas”, transformando-se também num centro espiritual e cultural. O retiro foi fundado numa serra magnífica, cuja silhueta – de uma cara gigante – fez os antigos colonizadores atribuírem ao local à denominação “Caraça”. Antes de morrer, Irmão Lourenço lutou pelo envio de religiosos que promovessem a educação dos jovens e o bem espiritual dos habitantes da região e, com sua morte, o Caraça foi legado ao rei de Portugal, Dom João VI. Através de uma Carta Régia, datada de 31/01/1820, a Congregação da Missão foi admitida no Brasil; e os primeiros Padres Lazaristas chegados ao país fundaram, em 1820, o Colégio do Caraça.

Como a construção original, deixada por Irmão Lourenço, era insuficiente para um Colégio, para abrigar tanto os alunos como os Padres Professores, o prédio recebeu, por volta de 1830, os primeiros acréscimos, com novas edificações sendo incorporadas ao longo dos

anos. A pequena capela, a Ermida de Irmão Lourenço, por exemplo, foi derrubada, em 1876, quando teve início a construção do atual templo neogótico, concluído em 1883.

Oficialmente declarado Colégio Imperial, em 1831, o Caraça recebeu a visita ilustre de Dom Pedro I e, posteriormente, em 1881, também a de Dom Pedro II. Embora o Colégio tenha encerrado suas atividades em 1912, o Caraça continuou a funcionar, como Seminário Menor da Congregação da Missão.

Um trágico incêndio, ocorrido no dia 28 de maio de 1968, no entanto, pôs fim ao célebre Colégio do Caraça. O incêndio teve início de madrugada, na sala de encadernação, se alastrando para o Museu de História Natural e as salas de aula, no primeiro andar, e atingiu, rapidamente, toda a edificação. Não houve feridos, mas o prédio do Colégio – e com ele, mobiliário, acervo, documentos e livros – transformou-se em cinzas. Os 90 alunos, que dormiam no terceiro andar, saíram do prédio tão logo o incêndio foi detectado. E tiveram ainda tempo – e coragem – de descer com cordas uma imagem de Nossa Senhora das Graças, se arriscando ainda a salvar 15 mil livros da Biblioteca, que contava então com cerca de 50 mil volumes. A igreja, ligada ao prédio do Colégio, foi salva, graças à retirada das telhas da Sacristia, para que o fogo não se alastrasse ainda mais.

Após 150 anos dedicados à formação intelectual e humana de jovens e seminaristas, o Santuário do Caraça, como é conhecido atualmente, foi reativado como pousada, no início dos anos 70. A cada ano, o Caraça recebe cerca de 10 mil alunos, provenientes de escolas públicas e particulares, além de milhares de visitantes e centenas de pesquisadores, que vão ao local conhecer a rica biodiversidade caracense e desfrutar o silêncio e a harmonia, tão valorizados por Irmão Lourenço. (Mais sobre o Santuário do Caraça, nas páginas 64 e 65)



1959 - 1969

A inauguração



DOM CAVATI, PE. HORTA, PE. JOSÉ PAULO SALES JUNIOR E AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

A inauguração do Colégio

No dia 30 de março de 1959, com o pátio ainda em obras, o Colégio São Vicente de Paulo abriu suas portas, recebendo 350 alunos, nos cursos de Pré-Primário, Primário e de Admissão, que equivaleria atualmente à 5ª série do Ensino Fundamental. O início das aulas se deu antes da inauguração oficial do colégio, que só viria a ocorrer quatro meses depois, no dia 19 de julho.

Mas antes mesmo da solenidade de inauguração, houve um almoço comemorativo no colégio, no dia 2 de junho, por ocasião do encontro do Presidente Juscelino Kubitschek com seus antigos mestres, o Padre Vicente Péronille, antigo reitor do Seminário de Diamantina, e o Padre Lidstrom, que havia sido seu primeiro professor. O almoço contou ainda com a presença de D. Hélder Câmara e a participação da nova geração de alunos. Um grupo de meninos, escolhidos para representar cada uma das turmas do Colégio, também se sentou

à mesa. Padre Horta, que fazia as honras da casa, não escondia o orgulho de receber Juscelino Kubitschek – neste segundo encontro com o presidente – para apresentar sua missão cumprida. O Colégio São Vicente de Paulo em pleno funcionamento!

A Missa, a Solenidade e o Banquete

A inauguração oficial do Colégio São Vicente de Paulo se deu no dia 19 de julho. A programação foi intensa, tendo início às 9h. Uma Missa de Ação de Graças, seguida da bênção solene dos edifícios, foi celebrada pelo Padre Francisco Godinho, que chegara de Paris, representando o Superior Geral dos Lazaristas. A Missa contou com a presença dos Bispos D. João Cavati e D. Inácio Krause, da Congregação da Missão, além de outras autoridades eclesásticas e civis, como o arcebispo do Rio, Cardeal D. Jaime Câmara, o arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmelo Mota, o Ministro Negrão de Lima e o prefeito Sá Freire Alvim, entre

“As obras começaram com data certa para acabar. Na frente do terreno, foi posta uma placa: 'Futuro colégio São Vicente de Paulo. Padres do Caraça. Padres Lazaristas. Matrículas abertas para março de 1959.’”

Padre Joaquim Horta



A Missa Pontifical no Santuário da Medalha Milagrosa e a inauguração do Colégio marcaram o início das comemorações do tricentenário de nascimento de São Vicente

“Com a presença de altas personagens sociais, culturais e eclesásticas foi celebrada, às 9 horas, no dia 18, no santuário da Medalha Milagrosa, a Missa Pontifical, sendo oficiante Sua Eminência o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, havendo, na ocasião Dom Helder Câmara, arcebispo auxiliar do Rio, discorrido sobre a vida e a obra de São Vicente de Paulo.”

Iniciam-se as aulas!

Os meninos desciam do ônibus em frente do colégio, com a calçada ainda por fazer, coberta por tábuas de madeira. E uma frota de seis ônibus percorria toda a zona sul, buscando a criançada.

Pois não é que chegaram mais crianças do que as que tinham sido matriculadas! Mas o mistério se desfez rapidamente. Como nem todos estavam uniformizados, alunos de outros colégios entraram, por engano, no transporte do São Vicente.

"Você vai pro colégio?", perguntava a responsável que vinha no ônibus, ao ver um menino com jeito de estudante. "Vou sim!", dizia o menino, e entrava.

Verificada a confusão, não houve nenhum estresse por parte dos pais dos alunos-penetas. Isso por conta da tranquilidade que existia na época.



outros. A celebração contou ainda com a participação da Banda de Música dos Alunos do Seminário do Caraça

A solenidade foi realizada no Salão Nobre do colégio, no quarto andar, com discursos proferidos pelo professor Gladstone Chaves de Mello, Padre Horta, Austregésilo de Athayde, que falou em nome dos ex-alunos Lazaristas, e do governador Negrão de Lima. Durante a cerimônia, os Padres Lidstrom e Péronille, da Congregação Lazarista, foram agraciados,

respectivamente, com a Ordem do Mérito e a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. A entrega da condecoração foi feita pelo Embaixador Negrão de Lima, representando o Presidente da República. Houve ainda uma merecida homenagem às famílias dos alunos e sócios fundadores do colégio.

Todos os convidados, incluindo professores e pais de alunos, participaram de um almoço oferecido pela direção do colégio, encerrando-se os festejos com um elegante banquete.



JUSCELINO FOI SURPREENDIDO COM A ENTREVISTA DE JOSÉ SILÓRIO DE OLIVEIRA VIANA E JORGE EDUARDO A. FORTES GARCIA, OS JORNALISTAS-MIRINS DO "ARAUTO", PRIMEIRO JORNAL DO COLÉGIO

*** Uma Entrevista Original — O almoço ainda ia em seu começo quando dois meninos, de bloco na

mão e lápis em riste, pediram licença para interrogar o presidente: "Somos repórteres do "Arauto", jornal de circulação interna", esclareceram. O Sr. Juscelino Kubitschek sorriu e disse que estava acostumado a enfrentar jornalistas e que podiam perguntar o que quisessem. Houve, então, a entrevista, uma curiosa entrevista que revelou verdadeiras vocações. Com a autorização dos nossos coleguinhos e prováveis substitutos de amanhã, pedimos vênias para reproduzir na íntegra, em forma de pergunta e resposta todo o diálogo travado: P — Em que ano V. Ex^{ta}. estudou no Seminário de Diamantina? R — de 1914 a 1917. P — O estudo era muito punhado naquela época? R — Terrivelmente. P — V. Ex^{ta}. trabalhou para custear os estudos? R — Sim. Para o curso de medicina trabalhei dez anos. P — Dizem que Brasília vai ser uma bela capital. E' mesmo? R — Vai ser a mais linda cidade do mundo. P — Que sensação V. Ex^{ta}. sente visitando o colégio cujos padres foram seus professores? R — Visito com a maior emoção, sobretudo por me encontrar entre dois mestres do tempo em que eu tinha a idade de vocês. P — Gostaria V. Ex^{ta}. de voltar a ser criança para frequentar este querido colégio? R — Se Deus me concedesse essa graça, eu deixaria o meu posto de presidente para voltar a ser criança. P. Se V. Ex^{ta}. tivesse filho, em que colégio o colocaria? R — Dos lazarisistas. P — V. Ex^{ta}. planejou uma rede de colégios e faculdades na nova capital? R — Já estão em plena construção. P — V. Ex^{ta}. virá à inauguração oficial do colégio? R — Com o maior prazer".

O GLOBO, 3 DE JUNHO DE 1958/ O GLOBO NO CATETE

A direção do Pe. Horta

Padre José Paulo Sales Júnior, Provincial da Congregação da Missão do Rio, que convidou Padre Joaquim Horta para ajudá-lo na administração da Província, o descreveu assim:

“Pe. Horta sempre manifestou um enorme dinamismo pessoal. Espírito de iniciativa, visão administrativa, facilidade para estabelecer relacionamentos, capacidade de trabalho, liderança, coragem e determinação para grandes empreendimentos, eram algumas das muitas qualidades que, unidas ao espírito de fé, o animavam, o iluminavam e tornaram a sua ação bastante significativa e fecunda em realizações.”

Sem dúvida, Padre Horta esteve à frente de inúmeros desafios, valendo destacar sua atuação como Ecônomo da Província, de 1951 a 1959, tendo tido um papel fundamental na construção do colégio, bem como o vigor

que demonstrou na direção do CSVP.

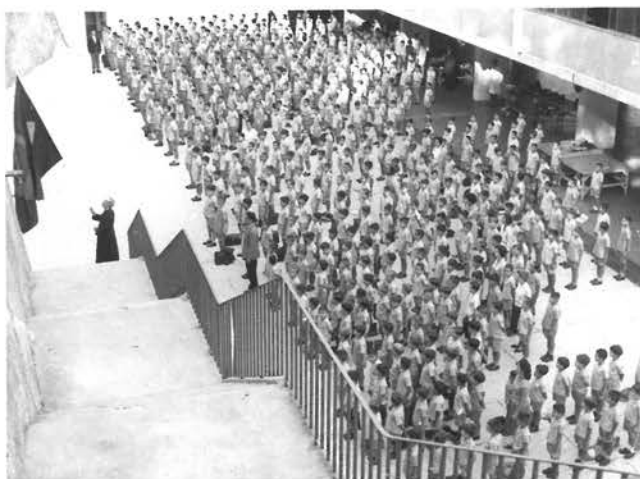
Da inauguração até o final de sua direção, em 1964, foram muitas as realizações. Um mês após iniciadas as aulas, é publicado o primeiro jornal do colégio, o ARAUTO, que mereceu inclusive nota na imprensa, por conta da entrevista dos alunos-repórteres com o Presidente da República. Já no início de 1960, realiza-se, sob sua direção, a criação da Associação de Pais e Mestres (APM) e da Associação de Caridade de São Vicente de Paulo. O Concurso de Contos, promovido no colégio, em 1961, com a presença do escritor Viriato Corrêa, a inauguração da Biblioteca Juvenil, em 1962, além da criação do 1º Grêmio, neste mesmo ano, foram alguns dos acontecimentos que marcaram a história do colégio, sob a direção do Pe. Horta. Foi também no ano de 1962 que o São Vicente teve sua primeira formatura,



com a conclusão da primeira turma do Curso Primário. No ano seguinte, formava-se a do Curso Ginásial, no dia 15 de dezembro de 1963, tendo como seu paraninfo Pe. Horta, que mostrou-se bastante orgulhoso e emocionado. E na noite do dia 16, uma comemoração muito especial, um Baile no Copacabana Palace, com traje a rigor!



NA FOTO ACIMA, A 1ª DIREÇÃO DO COLÉGIO. O DIRETOR PADRE JOAQUIM HORTA, NO CENTRO, COM O PE. GUERRA, SECRETÁRIO, E PE. NOGUEIRA, TESOUREIRO, À SUA DIREITA, E À SUA ESQUERDA, PE. ALMEIDA, VICE-DIRETOR, E PE. MIGDON, PROFESSOR. AO LADO, O HASTEAMENTO DA BANDEIRA, QUE SE DAVA NA ENTRADA DO COLÉGIO, TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS, E O SHOW DOS PALHAÇOS CAREQUINHA E FRED NO AUDITÓRIO.





NA FOTO DA 1ª TURMA, COM PE. JORGE CUNHA, O MENINO MORDENDO O BEIÇO É O MARRECO. SEU NOME É JOSÉ RICARDO PESSOA DA SILVA, MATRÍCULA 293. NA FESTA DOS 50 ANOS DO COLÉGIO, DIA 25, ELE APARECE SORRINDO, À ESQUERDA. SENTADO AO SEU LADO, O COLEGA DE TURMA AFFONSO BERARDINELLI, QUE ENTROU NO ADMISSÃO. JOAQUIM RASGADO, DE PÉ. FOI TAMBÉM DA TURMA DE 59 E, POR POUCO, NÃO SE FORMOU NO COLÉGIO. SAIU NO INÍCIO DO 3º CIENTÍFICO. FERA NO TÊNIS, GANHOU UMA BOLSA PARA OS EUA E ACABOU FICANDO POR LÁ. TENISTA CONHECIDO, MORA EM FORT LAUDERDALE, FLORIDA, E VEIO ESPECIALMENTE PARA A FESTA!

Associação de Pais e Mestres (APM) e Voluntárias da Caridade

A primeira reunião de pais de alunos do São Vicente, realizada no dia 3 de maio de 1960, contou com a presença de todo o corpo docente do Ginásial. Formava-se ali a Associação de Pais e Mestres (APM), tendo como seu presidente fundador Christóvão Leite de Castro. Na ocasião, assumiu uma diretoria provisória e, tão logo foi elaborado o Estatuto e fundada a Associação, elegeu-se uma nova Diretoria, cujo presidente foi Hélio Rocha Araújo.

A fundação da Associação de Caridade de São Vicente de Paulo, atualmente conhecida como Voluntárias da Caridade, por sua vez, se deu três meses depois, em agosto; criada justamente por iniciativa de um grupo de mães da APM. E, já no mês seguinte, recém-formada, promoveu um encontro nacional, em homenagem ao tricentenário da morte de São Vicente. A sessão de abertura, dia 14 de setembro, contou com palestras do arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, e do Provincial da Congregação da Missão do Rio, Padre José Paulo Sales Junior, reunindo, no Salão Nobre do Colégio, cerca de 250 senhoras de todo o Brasil.

A APM e a Associação das Voluntárias foram fundadas praticamente ao mesmo tempo, como uma decorrência natural da própria história do colégio. A integração entre as famílias e a escola, que a APM tem por finalidade promover, é um diferencial dos mais importantes do São Vicente. E não poderia deixar de ser. A integração, a relação estreita com as famílias existiu antes mesmo da inauguração do colégio.

O apoio recebido dos pais e sócios fundadores, conforme relato do Padre Joaquim Horta, foi fundamental para dar prosseguimento às obras de construção. Vale lembrar também o papel dos ex-alunos

Lazaristas, em especial o de Austregésilo de Athayde e do Presidente Juscelino Kubitschek, quando nem as fundações do prédio havia, ressaltando o apoio da família vicentina, como um todo, ao projeto de construção do CSVP, fundado e mantido pela Província do Rio de Janeiro da Congregação.

E a atuação das Voluntárias da Caridade teve origem no próprio trabalho de São Vicente de Paulo, patrono do colégio. Com a idéia de multiplicar os esforços na ajuda aos mais necessitados, São Vicente serviu como fonte inspiradora para este e outros grupos que vêm atuando no CSVP, como a COMPASSO e o grupo MAS (Multiplicadoras na Ação Social), contando com o apoio incondicional da própria APM. (Leia mais sobre os projetos da APM e os trabalhos de Ação Social, nas páginas 60 a 62).

O 1º PRESIDENTE DA APM, CHRISTOVÃO LEITE DE CASTRO, E A 1ª PRESIDENTE DAS VOLUNTÁRIAS, MADELINE PINI LEITÃO, COM O PE. ALMEIDA.



CONCURSO DE CONTOS

O JORNALISTA, ESCRITOR E DRAMATURGO VIRIATO CORREA JÁ ERA CONHECIDO DA GAROTADA. DENTRE AS OBRAS DO AUTOR, "CAZUZA" SE TORNOU UM DOS CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA. NA FOTO, O ESCRITOR FAZ A ENTREGA DOS PRÊMIOS DO CONCURSO DE CONTOS, QUE FOI PROMOVIDO NO COLÉGIO, EM 1962. NA FOTO, RECEBENDO O PRÊMIO, JORGE EDUARDO WOOD FAULHABER, QUE FOI TAMBÉM PROFESSOR DO COLÉGIO, PAI DE ALUNO E PRESIDENTE DA APM.



FAUSTO, EVERARDO E SÉRGIO, ENTRETIDOS COM A LEITURA DA OBRA DE VIRIATO.

Os primeiros anos

A administração do colégio, tendo à frente Pe. Horta, contava com a colaboração dos padres Francisco Guerra, secretário; Pe. Armando Nogueira, tesoureiro; Pe. Audálio Neves, encarregado da Pastoral catequética; e Pe. Almeida, responsável pela disciplina. Com um grupo de 21 professores, incluindo o apoio dos padres que também lecionavam, e 350 alunos matriculados em 1959, o colégio foi crescendo, com a abertura do curso ginásial (5ª a 8ª série), já em 1960, e o científico (atual ensino médio), em 64.

O dia-a-dia era bem diferente dos dias atuais. Difícil imaginar cerca de 400 alunos enfileirados no pátio para o hasteamento da bandeira, realizado

rigorosamente às 8h da manhã das segundas-feiras. Imaginar o Hino da Bandeira ser cantado de memória pela garotada, com todo o respeito que o ato exigia. E para certas solenidades, imaginar que havia, inclusive, um uniforme de gala – calças curtas, paletó e gravata, com meia e sapato, possivelmente, um par de vulcabras. Difícil imaginar ainda os alunos fazendo suas refeições num silêncio quase absoluto. Estudando em regime de semi-internato, de 8 às 5 da tarde, e almoçando no refeitório do colégio, localizado no subsolo e dotado inclusive de ar-condicionado, um luxo naquela época. Os alunos maiores servindo os menores e, depois, sentando-se em seus respectivos lugares.

Naquela hora, o silêncio era sagrado, assim como os bons modos à mesa. Mas em contraste com o silêncio mantido no refeitório, na hora do recreio havia uma tremenda – e saudável – algazarra. Cabra cega, cabo de guerra e esconde-esconde eram algumas das brincadeiras da criançada. Mas, embora fossem outros tempos, a formação oferecida aos alunos, mais do que atender às ementas das disciplinas, incluía também, assim como acontece hoje em dia, aspectos mais abrangentes. As excursões, as atividades esportivas, as programações culturais e a participação dos alunos, cuja representação se dava através do grêmio, tiveram início já nos primeiros anos do colégio.

VIAGEM PRÊMIO A BRASÍLIA

EM 1962, SEIS ALUNOS DAS 2ª E 3ª SÉRIE GINÁSIAL, VENCEDORES DE UM CONCURSO SOBRE A SEMANA DO LIVRO, GANHARAM UMA VIAGEM A BRASÍLIA E ÀS CIDADES HISTÓRICAS DE MINAS GERAIS.

A VIAGEM REALIZOU-SE LOGO APÓS O ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO, EM DEZEMBRO, NA KOMBI DO COLÉGIO, CONDUZIDA PELO ANTÔNIO SOARES E PELO SR. MANOEL (MOTORISTA DA FAMÍLIA DO EVARISTO); O RESPONSÁVEL PELO GRUPO ERA O PADRE HUGO PAIVA.

A VIAGEM FOI UMA AVENTURA PELAS ESTRADAS SINUOSAS, EM PISTA ÚNICA E TRÁFEGO INTENSO DE CAMINHÕES, ONDE CADA ULTRAPASSAGEM FEITA PELO ANTONIO ERA CALOROSAMENTE COMEMORADA PELOS GAROTOS. FOI UM DIA PARA CHEGAR A BELO HORIZONTE E OUTRO ATÉ BRASÍLIA. A CAPITAL ESTAVA RECÉM INAUGURADA E PARTE DA TURMA COM PE. HUGO PAIVA FOI HOSPEDADA PELA EX-PROFESSORA DO COLÉGIO, D. ODETTE PESSOA MACIEL, QUE TINHA SE TRANSFERIDO PARA BRASÍLIA PARA TRABALHAR NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC.

O MOTORISTA ANTONIO SOARES TRABALHA HÁ 50 ANOS NO SÃO VICENTE. NO CHURRASCO DOS EX-ALUNOS, ELE, CARLOS EDUARDO PINI LEITÃO E ANTONIO CARLOS VASCONCELOS RELEMBRARAM A VIAGEM.



A TURMA JUNTO À ESCULTURA "OS CANDANGOS", EM FRENTE AO PALÁCIO DO PLANALTO, PRAÇA DOS TRÊS PODERES, BRASÍLIA. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: JUSTINO ARTUR FERRAZ VIEIRA, CARLOS EDUARDO PINI LEITÃO, RICARDO TOSCANO MULLER (ABRAÇANDO A ESCULTURA), ÁLVARO TEIXEIRA ANCEDE FILHO, ANTONIO SOARES DE OLIVEIRA (MOTORISTA DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO) E ANTÔNIO CARLOS VASCONCELOS VALENÇA.

1- TORNEIO DE FUTEBOL EM 1964, TODOS CANTAM O HINO NACIONAL ANTES DO JOGO

2- O GABINETE BIOMÉTRICO

3- A DISPUTA DE BOLA NO BASQUETE ENTRE O SÃO VICENTE (LISTRA DIAGONAL) E O COLÉGIO ANDREWS (LISTRAS VERTICAIS), EM JOGO EM 1963

4- PE. HORTA DISTRIBUI BISCOITO PARA OS ALUNOS, QUE PASSAVAM O RECREIO NA SALA DE AULA ATÉ O PÁTIO FICAR PRONTO



5- O REFEITÓRIO, NO SUBSOLO

6- PROFª NÍCIA SIMÃO TRAZ A TURMA PELA LADEIRA

7- DIPLOMA DE LIDERANÇA DE TURMA, EM 64 - ATUAIS REPRESENTANTES DE TURMA

8- OS ALUNOS FAZEM AS CONTAS QUE A PROFª LENITA COLOCOU NO QUADRO



9- A APRESENTAÇÃO DO JUDÔ COORDENADO PELO SARGENTO LIMA

10- BRINCADEIRA DE CABRACEGA NO RECREIO

11- NO PÁTIO, ALUNOS BRINCAM DE CABO DE GUERRA. AS MESAS DE PING-PONG AO FUNDO



A direção do Pe. Marçal

Padre Marçal Versiani dos Anjos foi o 2º diretor do Colégio São Vicente. Assumiu a direção em 1965, em meio a um período delicado, por conta da situação política instaurada no país com o Golpe Militar. Com coragem, teve uma postura firme ao acolher muitos professores, que sofreram pressões políticas na época, como Moacyr de Góes e Jair Barros.

No curto espaço de tempo em que atuou como diretor, de 1965 até julho de 1967, Padre Marçal esteve à frente de importantes acontecimentos na história do colégio. Em 1965, ainda viva na memória do país a suspensão dos direitos civis em 64, o Colégio São Vicente dá uma aula de democracia. É realizada a eleição para a nova diretoria do Grêmio Estudantil. Com título de eleitor, voto livre, secreto e direto, os alunos exerciam, assim, o seu direito de escolha, elegendo seus representantes.

Em 1966, ainda sob sua direção, o São Vicente tinha sua 1ª turma no 3º ano do Curso Científico, já se preparando para o vestibular. Padre Marçal deu um impulso decisivo ao 2º grau e o colégio obteve um resultado excelente, com 80% de aprovação no vestibular. Em julho de 1967, Marçal

1967

**1ª turma de vestibular:
80% aprovação**

participou da Assembléia Geral, em Roma, como delegado da Província, deixando a direção do colégio. Mas voltaria depois à escola, integrando o corpo docente do São Vicente, já não mais como Pe. Marçal. Após pedir dispensa do exercício do ministério sacerdotal, em 1971, deixou o sacerdócio, casou-se em 1975, mas continuou a lecionar História. Intelectual, pensador crítico, foi também editorialista dos principais jornais do país. E no colégio, sempre elogiado pelos alunos, ficou conhecido como Professor Marçal. Um dos muitos expadres – e excelentes educadores – que atuaram como professores do Colégio São Vicente.



O diretor do CSVP é designado pela Congregação da Missão (CM), fundadora e mantenedora do colégio. Pe. Horta foi o 1º diretor, de 59 a 65; Pe. Marçal entrou em 65 e saiu em 67; assumiu Pe. Almeida até 79; e depois Pe. Lauro, de 80 a 86. Em 86, quando Pe. Lauro foi eleito Assistente Geral, em Roma, Pe. Almeida reassumiu o colégio e o dirigiu até maio de 99. Com seu falecimento, Pe. Lauro voltou a dirigir o colégio em 99 e o vem conduzindo, desde então, com bastante êxito.



PADRES MARÇAL E JORGE SOARES, NA ELEIÇÃO DO GRÊMIO, DIA 3 DE MARÇO DE 1965. JOSÉ ANTONIO DO NASCIMENTO BRITO, O JOSA, COM A CÉDULA NA MÃO, ESPERA SUA VEZ PARA VOTAR, ENQUANTO CARLOS FREDERICO BAUMGRATZ, O FRED, EM PÉ, OBSERVA A ELEIÇÃO. NO DETALHE, O TÍTULO ELEITORAL DO GRÊMIO ESTUDANTIL DO SÃO VICENTE, QUE ERA IDÊNTICO AO UTILIZADO NA ÉPOCA PELO TRIBUNAL ELEITORAL.

TÍTULO ELEITORAL
GRÊMIO ESTUDANTIL SÃO VICENTE

(SAO VICENTE DE PAULO) N. 113

ZARAV

Nome

13 setembro 1951
data de nascimento

JOSÉ PESSOA DA SILVA
assinatura do juiz eleitoral

9 de outubro de 1965
data da emissão do título

VOTOU:		
Em ... 19...	Em ... 19...	Em ... 19...
Em 13.10.65	Rubrica do presidente	Rubrica do presidente
Em ... 19...	Em ... 19...	Em ... 19...
Em 2... 11.1.1965	Rubrica do presidente	Rubrica do presidente
Em ... 19...	Em ... 19...	Em ... 19...
Em ... 19...	Rubrica do presidente	Rubrica do presidente
Em ... 19...	Em ... 19...	Em ... 19...
Rubrica do presidente	Rubrica do presidente	Rubrica do presidente

Alguns dos meus Santos de devoção

O São Vicente se distinguiu na Congregação e na Igreja por ter contratado como Educadores alguns que se tinham ordenado Padres e, depois de anos de exercício do sacerdócio, deixaram o estado sacerdotal e se casaram, "passaram para a Congregação dos dois travesseiros".

Um tempo, deixar de ser Padre era muito sério. Em parte, entendia-se a reação dos que ficavam e condenavam os que tinham saído. Alguns saíam provocando falatório, para não dizer verdadeiros escândalos, pelo modo como se desligavam das Congregações, dos ministérios e às vezes da própria Igreja, renegando a fé, ou porque já não queriam saber de nós... Algum que continuava Padre podia ficar pensando: "E por que não saio eu?" Algum mais farisaico poderia dizer: "Não saio porque sou fiel e serei fiel até à morte". Outro, talvez mais humilde e mais verdadeiro, quem sabe pensava assim: "Não saí porque não tive coragem. Não saio porque não tenho onde cair morto!"

O bonito foi o São Vicente não ter dado bola para quem condenava os ex-Padres e os ter contratado para trabalhar ou continuar conosco. E foram numerosos e vistosos, sobretudo alguns. Ao longo destes 50 anos do Colégio, ajudaram-nos muitos anos: Hugo de Vascelos Paiva, Migdon Gonçalves Pinto Coelho, José Fernandes da Silva e Marçal Versiani dos Anjos e outros que saíram e ainda continuaram conosco alguns meses, como Jorge Soares e João Batista Ferreira, todos da Congregação da Missão, mantenedora do Colégio. E ainda o Mirabeau Lopes, o Fontoura, o Olegário, do clero diocesano, o Wander Francisco de Paula, ex-Salesiano, o Sebastião Moreira, que já não lembro de que Congregação fora. O Alcides Restelli Tedesco tinha sido Irmão Marista.

O que deram como contribuição foi a sua formação, que não perderam ao deixar o ministério. Alguns, pelo contrário, se especializaram em pedagogia, sociologia ou psicologia, e trouxeram novas ajudas ao trabalho. Sua presença era um questionamento constante para avaliar-



CASAMENTO DO EX-PADRE MIGDON E ROMANA, EM AGOSTO DE 75

mos a sinceridade de nossos propósitos, a fidelidade no cumprimento dos votos, a autenticidade de nossa realização pessoal. Lembro-me das conversas com um deles, que não desejava envelhecer na Congregação e ter que ficar se arrastando pelos corredores, numa velhice triste... Espero envelhecer e morrer na Congregação, sem me arrastar de pijama e chinelos pelos corredores e sem ficar ... deixe pra lá.

Num dos casos, senti que o ex-Coirmão continuava (e continua até hoje) conosco, mas precisava da companhia de uma esposa, para sua plena realização. O problema nem sempre é a castidade; às vezes é antes a solidão... E só Deus sabe quanto o haver mortificado no coração o amor pelas pessoas, o carinho familiar e o desejo de paternidade pode ter levado à dureza, que nos faz, às vezes, criticar os que deixam o ministério mas continuam com seu ideal de educadores, nossos amigos como antes e também, por que não?, ainda bem precisados, às vezes, de nosso apoio e compreensão. Abertura de coração, mentalidade pluralista, compreensão, amizade antiga, tudo explica os fatos e justifica os frutos da melhor qualidade que tivemos. Muita gratidão por todos eles, com especial oração pelos já falecidos.

Pe. Lauro Palú, C. M.

PADRE MIGDON GONÇALVES INGRESSA NO COLÉGIO, EM 1960, COMO PROFESSOR DE PORTUGUÊS, PARTICIPANDO TAMBÉM DO ENSINO DOS ESPORTES E, DEPOIS, DO LABORATÓRIO DE ELETRÔNICA DO CURSO PROFISSIONALIZANTE. MUITO QUERIDO PELOS SEUS ALUNOS, O "PROFESSOR PARDAL" DO COLÉGIO ERA LOUCO POR ENGENHOCAS. LOGO DEPOIS DE ENTRAR NO SÃO VICENTE, TEVE A IDÉIA DE MONTAR UM PLACAR ELETRÔNICO PARA UTILIZAR NOS JOGOS QUE ERAM DISPUTADOS NO PÁTIO INTERNO. O RÁDIO "RABO DE PEIXE" É TAMBÉM DAQUELA ÉPOCA. CADA ALUNO MONTAVA UM AO LONGO DO CURSO, COLOCANDO SUAS INICIAIS NA FRENTE DO APARELHO PRONTO. O RÁDIO DE NA FOTO, CUJAS INICIAIS SÃO "JRP", É DE JOSÉ RICARDO PESSOA E FUNCIONA ATÉ HOJE. SEM DÚVIDA, SUA IDÉIAS E SEU JEITO ERAM DE VANGUARDA. SEU MEIO DE TRANSPORTE PELAS RUAS TRANQUILAS DO COSME VELHO E REDONDEZAS ERA A MOBILETE.



A 1ª direção do Pe Almeida



“Antenado com tudo que acontecia no mundo, estava sempre preocupado com a situação política, social e econômica – especialmente com a pobreza e a miséria. E foi essa preocupação que imprimiu no São Vicente a marca do compromisso social”

A Chama/ 1999

Com quase seis anos de “casa”, Padre José Pires de Almeida assumiu a direção do CSVP em 1967. Sua atuação no colégio teve início logo no primeiro dia de aula; na época, como responsável pela Coordenação de Disciplina. A tarefa não foi fácil, conforme seus relatos publicados na revista A Chama/1977. “No início das aulas, o pátio ainda em obras, era o paraíso da meninada!” (...) “Com a maior sineta que encontrei por aqui, eu quase arrebatava os tímpanos do pessoal.”

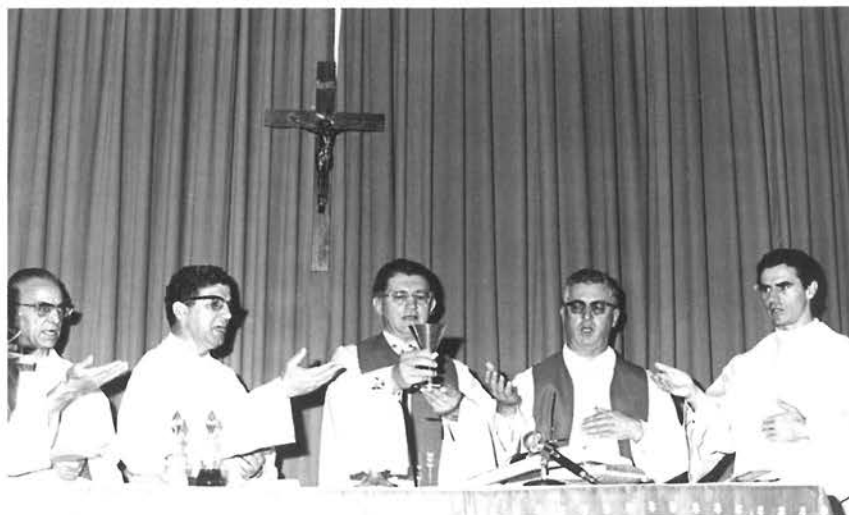
Desde o início, ele não tinha dúvidas quanto aos desafios que viriam pela frente. “Normalmente uma escola começa pequena, com uma ou duas turmas, e vai crescendo. O São Vicente começou grande, e isso foi muito arriscado.” Na verdade, a construção do colégio era em si um projeto bastante ousado; os recursos foram obtidos com muito esforço e as obras tinham data certa para terminar. Mas deu certo, com o início das aulas dos cursos de Alfabetização ao Admissão, em regime

de semi-intenato, e a abertura de novas turmas já no ano seguinte.

Pe. Almeida participou de um longo período da história do CSVP. Antes mesmo de sua inauguração, vinha três vezes por semana de Petrópolis para auxiliar Pe. Horta na construção do prédio. Com a abertura do colégio, ficou responsável pela Coordenação da Disciplina, passando a atuar, já no a

final daquele ano, como vice-diretor. Contribuiu também como membro do corpo docente, como professor de História e, mais tarde, de Religião e também de Francês (já em 79, no curso Supletivo). Sua permanência no São Vicente fora interrompida, em 1963, para realizar estudos em Paris, e depois, em 1966, quando assumiu a Direção do Seminário Maior de Mariana.

PE. ALMEIDA, PRESIDINDO A MISSA, CONCELEBRADA PELOS PADRES GUERRA, VICENTE ZICO, LUÍS BASSIL E LAURO.



Em 1967, Pe. Almeida voltou ao colégio, assumindo sua direção até 1979. Durante este período, houve importantes transformações, que marcariam esta que foi sua primeira direção. Justamente neste ano, O colégio adotaria a Educação Libertadora, traçando os rumos do ensino visando à transformação social. No ano seguinte, em 1968, o São Vicente admitiria oficialmente - e de forma pioneira entre as escolas católicas do país - a entrada de meninas. A decisão decerto provocou resistência à época, como relatou Pe. Marçal, na revista A Chama, de 1999: "O CSVP teve que enfrentar uma barragem contrária, interna e externa, antes de ver firmada sua posição."

A modificação na estrutura de ensino veio logo a seguir, em 1972; e a

abertura do curso Supletivo, em 1973, foi, sem dúvida, uma importante iniciativa de cunho social e educativo. Importantes benfeitorias foram feitas também logo nos primeiros anos, acompanhando o crescimento da escola. Coerente em seus atos e justo em suas considerações, Pe. Almeida foi muito querido por todos. Era prestativo, carinhoso, brincalhão e, sobretudo, íntegro. Sua importância na história do São Vicente é enorme. Foi firme em suas posições, no conturbado momento político da época, e sua presença foi, sem dúvida, fundamental estimulando a liberdade de expressão, que resultaria na prática democrática, através dos grêmios, e na efervescência de movimentos culturais e artísticos que marcaram os anos 70.

No auge da ditadura militar, período em que todos os diretórios acadêmicos estavam fechados, a escola inaugurava o seu grêmio estudantil. E, enquanto a imprensa sofria com a censura, dentro do São Vicente, era garantida aos alunos total liberdade de expressão. Mas o desafio era maior. A teologia da libertação trazia novas proposta educacionais. A despeito de tantas adversidades, Pe. Almeida abraçou essa filosofia que vinha, nas suas palavras: "libertar a educação de tantos condicionamentos que faziam do relacionamento mestre x discípulo mal disfarçada relação sujeito x objeto; da escola, uma detenção; da disciplina, uma opressão e, da educação, uma repetição de modelos sociais"

A Chama/1980

NA FOTO ABAIXO, EM 59, PADRE ALMEIDA POSA EM MEIO ÀS PROFESSORAS. AO LADO, EM 66, JÁ SEM BATINA, PE. ALMEIDA ESTÁ NO CENTRO DE UM GRUPO DE PROFESSORES NO PÁTIO DO COLÉGIO.



PE. ALMEIDA TINHA MUITAS FACETAS. ALÉM DA INTIMIDADE COM O VIOLÃO, INSTRUMENTO QUE SABIA AFINAR MUITO BEM; CANTAVA COM UMA LINDA VOZ; FALAVA VÁRIAS LÍNGUAS; E, POR CONTA DA CULTURA QUE TINHA - COMPARTILHADA DE FORMA GENEROSA E COM BASTANTE MODÉSTIA - SUA PRESENÇA ERA SEMPRE A CERTEZA DE UMA BOA CONVERSA. UM COMPANHEIRO PERFEITO! AO LADO, JANTANDO COM UMA DIRETORIA DA APM.

COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO Festa Junina 1970



A Educação Libertadora

Logo após o início de sua primeira direção, em 1967, o colégio passou de uma “educação crítica” a uma “educação libertadora”, traçando os rumos da filosofia educacional que é seguida pelo colégio nos dias de hoje. Conforme depoimento de Pe. Lauro Palú, na revista *A Chama*/1984, com quase dez anos de atividades, o Colégio já havia encontrado muito daquilo que o caracterizou – a estrutura pedagógica, a participação dos alunos através dos grêmios, a colaboração estreita com as famílias etc. E no ano de 1968, receberam os Documentos dos Bispos Latino-Americanos, após a reunião de Medellín (Colômbia). A Proposta de Medellín, como se tornou conhecida, “codificava as grandes linhas do esforço de todos e abria caminhos iluminados” para uma educação ainda mais

abrangente. “Resumindo em simplíctissimas palavras, a educação que se propunha como ideal, como instrumento pessoal e social de libertação, deveria ser feita na base do respeito às pessoas, no diálogo, na criatividade, na formação do espírito crítico, numa nova visão do relacionamento entre o educando e o educador. Os alunos foram estimulados a ser sujeitos de seu próprio desenvolvimento, num clima de liberdade aliada à responsabilidade, de espontaneidade e participação.”

Já em 1974, o colégio realizou uma reunião com o tema “Educação Libertadora”, apresentando uma publicação intitulada “Nossa Filosofia,” assinada pela diretoria, pelos representantes do grêmio, pelo corpo docente e pelos pais de alunos. A publicação

resumia os princípios da filosofia educacional do CSVP. A educação oferecida no colégio caracterizava-se pelo espírito de corresponsabilidade, pelo seu caráter criador, reflexivo e crítico, pela transformação do educando em sujeito do seu próprio desenvolvimento, através do diálogo, da troca de informações e da integração. Ainda segundo Pe. Lauro, “em 1979, em Puebla (México), mais uma vez os Bispos Latino-Americanos ajudaram os educadores, propondo linhas de ação que vieram enriquecer o projeto educacional do Colégio São Vicente.” (...) “O aluno passou a ser visto como sujeito não só do seu próprio desenvolvimento mas também do desenvolvimento social.” O colégio assumiu, assim, o compromisso de “formar agentes de transformação social.”

Educação Libertadora, fora do São Vicente

Pe. Lauro Palú trabalhou 15 anos como formador de Padres, antes de vir trabalhar como Diretor no Colégio São Vicente. Naqueles anos, ele e seus colegas tiveram bastante contato com a equipe de Coordenadores e Orientadores Educacionais do CSVP. O ponto de ligação dos Seminários da Província Brasileira da Congregação da Missão com os Colégios foi a Educação Libertadora, como proposta e praticada por Paulo Freire.

Em Medellín, em 1968, os Bispos Latino-Americanos tinham feito documentos luminosos sobre a Educação, a Juventude, a Justiça Social, a Pobreza, a Família, a Paz. Tais documentos incorporaram os princípios elaborados por Paulo Freire e seus Educadores, princípios que comprovaram sua verdade e eficácia na educação de adultos e nos mais diversos meios, procurando transformar a educação e, por meio dela, influir no mundo e humanizá-lo.

“A Província realiza habitualmente reuniões dos Superiores e Coordenadores de suas Comunidades, dos Missionários, dos Padres jovens, dos Ecônomos e Administradores das Obras Sociais, e por isso também convocou os Coordenadores de Seminários e dos Colégios do Rio, de Irati e Santa Bárbara, para estudaram juntos o que fazer, para que todos os nossos Alunos fossem sempre sujeitos de seu próprio aprendizado e não apenas objetos do ensino por parte dos Professores”, explicou Pe. Lauro. “As práticas eram muito diferentes, nos Seminários e nos Colégios, mas havia e sempre haverá muita coisa comum, objetivos, princípios, processos, conteúdos, atitudes, dinâmicas, etc., com que de

fato se ajudarão os jovens a preparar-se para serem agentes de transformação social.”

Há muita diferença na motivação dos Alunos, conforme ressaltou Pe. Lauro. Nos Seminários, estes desejam ser Padres e para isso entram na Congregação ou numa Diocese e se dispõem a preparar-se, assumindo os exigentes desafios da formação específica. Os dos Colégios têm a motivação dos Vestibulares e do mercado de trabalho futuro como um elemento que pode dinamizar suas vidas e habilitá-los para os esforços necessários.

Mas há outros dados fundamentais, como o nível de formação da consciência profissional. Pe. Lauro nos contou um bom exemplo do ambiente dos Seminários, como foi formado, menino e rapaz, e como trabalhava quando se tornou formador de outros candidatos ao Sacerdócio. Nos exames ou nas provas, o Professor dava as questões, os pontos que iam ser respondidos, explicava as coisas, respondia às dúvidas dos Alunos, e dizia: “O último de vocês, ao terminar, leve as provas ao meu escritório”. E ia embora, certo de que os Alunos não colariam, não iriam aproveitar sua ausência, abusar de sua confiança, trair o compromisso de fidelidade que aprendiam a viver, desde os primeiros anos, desde os 11 ou 12 anos do início no Seminário. “Tínhamos consciência da importância da lealdade, da verdade de nossas ações. Não costumávamos mentir, não colávamos, por disciplina, por convicção e até, é bem possível, por medo de sermos mandados embora se não fôssemos fiéis ao que se pedia de nós”.

Pe. Lauro lembra com carinho e admiração os colegas com quem trabalhou nessas ocasiões: O Góes, o Tedesco, os Padres Almeida, Paiva, Migdon e Dario. Grandes amigos, desde então, modelos e inspiradores de sua ação.

A entrada das meninas



NO INÍCIO, HAVIA UMA OU DUAS MENINAS EM CADA TURMA. JULIANA MOL CABRAL E ANA MARIA MOLA, EM 1968, FORAM DAS PRIMEIRAS ALUNAS MATRICULADAS NA ESCOLA. NA FOTO ATUAL, AS MENINAS DA TURMA 501, ONDE ELAS AGORA SÃO MAIORIA!

- VOCÊS CONSEGUEM IMAGINAR O COLÉGIO SÃO VICENTE SEM AS MENINAS?
- CLARO QUE NÃO! – DIZEM ELAS.
- ELES NÃO VIVEM SEM A GENTE!
- E UMA OU DUAS MENINAS POR TURMA, COMO SERIA?
- A GENTE NÃO DARIA CONTA!



O início da direção de Pe. Almeida foi marcada pela adoção do sistema coeducacional. Na verdade, as primeiras meninas foram admitidas, extraoficialmente, ainda sob a direção de Pe. Marçal. Lília Coelho, uma das primeiras a serem matriculadas no colégio, relembra que, após ser rejeitada por um colégio de freiras, sua mãe foi conversar com o Pe. Marçal, então Diretor do CSVP. “Minha rebeldia esbarrou com a generosidade. O colégio ia aceitar meninas sim, mas no ano seguinte. O Pe. Marçal imediatamente abriu a exceção.” (A Chama/2003)

“O CSVP teve que enfrentar uma barragem contrária, interna e externa, antes de ver firmada sua posição. Depois dele, não há praticamente colégio de freiras ou de padres que não seja misto. Nem se ouve quem os critique.”

Prof. Marçal Versiani
A Chama/ 1999



APRIMEIRA MENINA

COM A MATRÍCULA 1425, MARITA É A MAIS ANTIGA EX-ALUNA DO CSVP. FOI A PRIMEIRA ALUNA A ENTRAR PARA O COLÉGIO SÃO VICENTE. NA FOTO AO LADO, MARITA NÃO ESCONDE A ALEGRIA AO RECEBER UMA PLACA EM SUA HOMENAGEM, NO CHURRASCO DOS EX-ALUNOS, EM NOVEMBRO DE 2009.

“NA COMEMORAÇÃO DO SEU CINQUENTENÁRIO, A COMUNIDADE EDUCATIVA DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO HOMENAGEIA MARITA ROSA SALGADO CARPINHEIRO, PRIMEIRA ALUNA MATRICULADA EM 1967, QUE ABRIU A FILA E ENSINOU O BOM CAMINHO PARA MILHARES DE OUTRAS ALUNAS QUE NOS HONRARAM COM SUA ESCOLHA E COM O RESULTADO FELIZ EM SUAS VIDAS.”

O São Vicente foi a primeira escola católica do Brasil a aderir ao sistema coeducacional. A admissão oficial das meninas se deu em 1968; e formaram-se, então, as primeiras turmas mistas, embora a proporção naquela época fosse de apenas uma ou duas meninas por turma. O jornal *Tribuna da Imprensa* noticiou o fato com destaque, elogiando a iniciativa do São Vicente, que serviria como exemplo para outros colégios católicos do país. De fato, com a exceção do Colégio São Bento, todos os outros aderiram às turmas mistas logo depois.

1969 - 1979

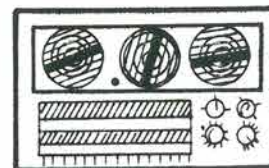
As primeiras benfeitorias

Já no ano de 1970, o CSVP contabilizava 2.500 matrículas, 145 professores e 90% de aprovação no vestibular. Passados 10 anos de funcionamento, o colégio procurava crescer, oferecendo sempre o mais alto padrão de qualidade tanto na área pedagógica quanto no que diz respeito às instalações. Na verdade, o percurso não foi sempre fácil. No final dos anos 60, por exemplo, o São Vicente passou por uma séria crise, que foi oportunamente contornada.

Houve uma crise de “raquitismo”, conforme as palavras de Pe. Almeida, ao explicar o que ocorrera em 67 para a revista A Chama, na edição comemorativa dos 20 anos do Colégio. Além do alto custo do semi-internato, o regime barrava a entrada de novos alunos. Os tempos eram outros: passar o dia inteiro no colégio já não atraía as novas gerações. Com a reintrodução das classes de alfabetização, a abertura para as meninas e o regime diurno, o colégio voltou a crescer. No início de 1971, o jornal Estado de São Paulo apresentava reportagem sobre as dificuldades financeiras das escolas particulares, informando na matéria que o CSVP, então com 12 anos de existência, não havia tido qualquer déficit orçamentário. O fato é que o trabalho contínuo, contando com o esforço participativo de todos, garantiu o sucesso do colégio.

E para acompanhar o crescimento do CSVP, algumas das benfeitorias feitas, já

no início de 1970, incluíram a tesouraria, a secretaria e a diretoria, localizadas no térreo, e a nova capela, no subsolo. Em 1971, Pe. Almeida escreveu ao Ministro de Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, solicitando ajuda financeira, através de um fundo monetário do MEC, para a aquisição do terreno ao lado, que serviria para a prática de esportes. O “campinho de areia”, como era conhecido, permaneceu com o piso de terra batida por um longo período, sendo cimentado depois para a criação das quadras esportivas. A casa ao fundo foi reformada, abrigoando o espaço das Voluntárias da Caridade e da APM. E no talude do terreno foram posteriormente construídas a quadra coberta e a biblioteca infantil. A construção do muro, por sua vez, se deu em 1974. A edificação do muro foi uma solicitação que partiu dos próprios pais, frente à insegurança que tinha início na cidade, e não deixou de causar polêmica entre os alunos. O cerceamento da liberdade no CSVP foi questionado, mas o muro comprovou ser uma medida inevitável, sendo bem aceito por todos os que o condenaram a princípio. Foi também naquele mesmo ano que a APM doou ao colégio 18 aparelhos de ar-condicionado destinados às salas de aulas. As mudanças, desde o início, visavam oferecer maior conforto aos alunos e professores, acompanhando a evolução dos tempos e garantindo sempre o padrão de excelência da escola.



AR CONDICIONADO
NO COLÉGIO!!!



A APM DOOU AO COLÉGIO 18 APARELHOS DE AR-CONDICIONADO, UM VERDADEIRO LUXO NA ÉPOCA! COMO ERA NECESSÁRIO PROVIDENCIAR O AUMENTO DE CARGA NA INSTALAÇÃO ELÉTRICA, COM UM INVESTIMENTO ADICIONAL PARA O COLÉGIO, A UTILIZAÇÃO DOS APARELHOS NÃO SE DEU DE FORMA IMEDIATA. DEMOROU CERCA DE UM ANO, MAS A NOVIDADE FOI LOGO FESTEJADA PELOS ALUNOS, COMO MOSTRA A ILUSTRAÇÃO FEITA PELA ALUNA LULA BUSTAMANTE, EM DEZEMBRO DE 1973, QUANDO A COMPRA FOI ANUNCIADA PELA APM.

ABAIXO, O CAMPINHO DE TERRA, NO TERRENO RECÉM-COMPRADO, E A CASA, MAIS TARDE REFORMADA PARA SEDIAR AS VOLUNTÁRIAS E A APM.



A ENTRADA DO COLÉGIO, MODIFICADA NO INÍCIO DE 70, E A SECRETARIA E A TESOURARIA, ONDE ANTES ERA UMA ÁREA LIVRE. OUTRAS REFORMAS SE SEGUIRAM, COMO A INCORPORAÇÃO DA SALA DE EXPOSIÇÕES. NA FOTO ANTIGA, A MURETA, ONDE OS ALUNOS SE SENTAVAM ANTES DA CONSTRUÇÃO DO MURO.



SEM MURO, SEM GRADE, SEM PORTÃO: O PROJETO ORIGINAL E A FOTO DA INAUGURAÇÃO. EM 1976, O MURO COM A PORTINHA DE ALUMÍNIO, O PORTÃO ABERTO E AS CARROCHINHAS DE GENEAL E DA KIBON. NOS DIA DE HOJE, PORTÃO, INTERFONE E CAMERA

E de repente um muro

Quando o Colégio São Vicente começou em 1959, todos viram um símbolo muito claro no fato de não haver portão de entrada nem muro entre a rua e o Colégio.

Isso era parte do próprio projeto arquitetônico, apresentado nas revistas de arquitetura da época e muito festejado por suas inovações. O prédio é um marco histórico no bairro, porque foi o primeiro com cinco andares, entre as casas e mansões que caracterizavam o Cosme Velho. As linhas retas, as cores vivas, até a concepção do ensino que se oferecia, tudo caracterizou o Colégio como um marco, uma das marcas do bairro, uma visão de vida e um ideal a ser buscado e vivido na situação concreta do Cosme Velho.

Ao mesmo tempo em que não havia muros nem portões, havia muita liberdade de ir e vir, porque, realmente, a cidade era calma, menos violenta. Nossa rua era um fim de linha, os bondes parando logo depois, nas outras curvas, com aquele ranger de ferros que entrava pela noite... O movimento era bem menor, porque não havia a passagem para a Lagoa, o Jardim Botânico, a Gávea, o outro lado de lá da cidade, ainda não tinham aberto o túnel Rebouças. Quando se fechou o túnel, recentemente, por causa dos desabamentos dos morros acima da entrada para quem vai para a Lagoa, muitos sonharam em voltar àquele tempo, àquele mundo, àquele bucolismo, "onde o vento fazia a curva"... Lembraram crianças correndo na rua, jogando amarelinha, os idosos andando de mãos dadas, babás com as crianças em paz, tudo tão lindo...

Mas foi exatamente o que passou a haver no mundo que cercou o Colégio de muros. Houve o sequestro do Carlinhos na Rua Alice, aqui perto. Os Pais, mais que preocupados, pediram um mínimo de

segurança. Veio o portão, na ponta do muro. O portão era de varais de alumínio, que mal fechavam a vista, o vento nem se fala. O barulho também. As aulas já tinham recebido seus ares condicionados, porque, com o túnel, já não era possível manter abertas as portas e, com os recreios do lado de lá, não se podiam abrir as janelas.

E alguns Pais, sabendo do que rola entre a juventude, do que os traficantes fazem para aliciar jovens e vender-lhes drogas de todo tipo, pediam constantemente que se cuidasse de que, dentro dos sanduíches ou além das salsichas e das pipocas que alguns vendiam no portão e os Alunos preferiam às coisas da Cantina, não se passasse, por entre as grades do portão, algum outro material não identificado e perigoso... A polícia tinha uma equipe na praça da igreja São Judas e descia imediatamente uma joaninha, se o Diretor ou a Disciplina chamava. Olhavam, controlavam e não se achava nada, mas ficava sempre o medo das Famílias.

E então pediram um portão fechado, como é hoje. O Colégio não é mais aquele?

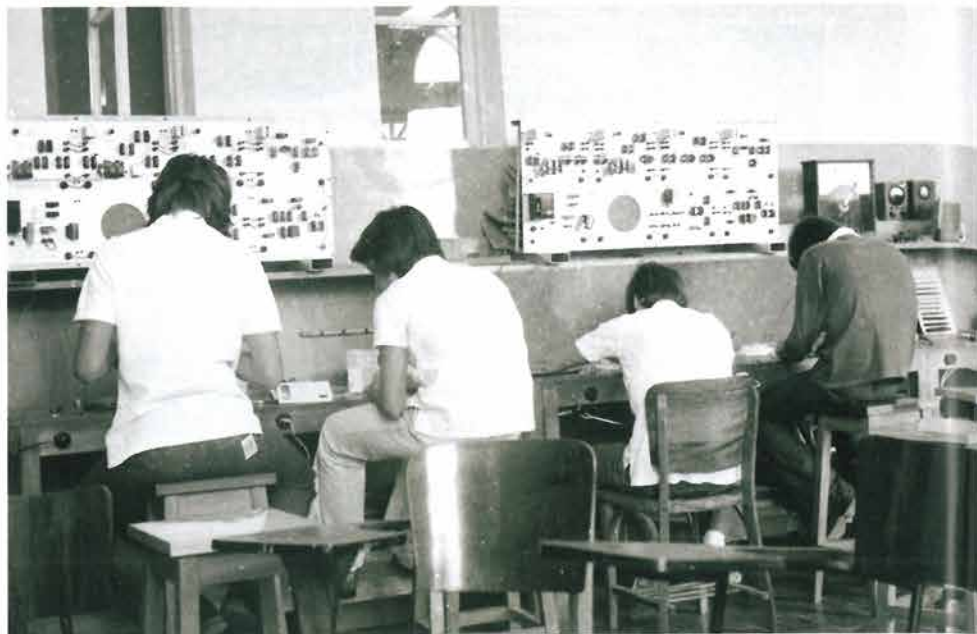
O mundo não é mais aquele, a sociedade já vive fases muito mais violentas e transgressivas. Quando as grandes borboletas azuis passam da mata para a rua, quando os micos e os macacos-prego descem do morro para a rua, talvez vivam o mesmo mundo deles. Mas o nosso mudou irremediavelmente. Nosso esforço, hoje, é abrir o horizonte, pelo estudo, pela consciência social, pela preocupação com os outros, pelo desejo de mudar o mundo, de humanizá-lo e torná-lo habitável, "vivível"...

Pe. Lauro Palú, C. M.

O Profissionalizante e o Curso Supletivo

O início da década de 70 foi um período de grandes mudanças no colégio São Vicente. Em 1972, o colégio passou por uma reestruturação no ensino, adequando-se à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, instituída pelo governo no ano anterior. As principais modificações diziam respeito à unificação das séries em dois grandes blocos. A antiga divisão de primário, admissões e ginásio, que compreendia os primeiros nove anos de ensino, foi agrupada no 1º grau (hoje, ensino fundamental), e o restante, que compreendia os três últimos anos, onde os alunos optavam pela área técnica, cursando o Científico, ou pela área de humanas, cursando o Clássico, ou ainda pelo magistério, com o Curso Normal (não havia no CSVP esta última opção), passou a ser denominado 2º grau (hoje, ensino médio).

Com as novas diretrizes, o colégio passou a oferecer também o Curso Profissionalizante, que ficou sob a responsabilidade de Moacyr de Góes. O profissionalizante foi implantado em parceria com o Colégio Sion, oferecendo cursos nas áreas de Processamento de Dados, Análises Clínicas, Desenho de Arquitetura, Comunicação e Publicidade, Administração e Eletrônica, este último a grande vedete da casa. A obrigatoriedade da aquisição de uma profissão pelo estudante, mesmo aquele que buscava o



O LABORATÓRIO DE ELETRÔNICA MONTADO PELO PE. MIGDON

2º grau apenas como caminho para o ensino superior - e este era justamente o perfil dos alunos das escolas particulares - resultou no cumprimento quase que pró-forma por parte de grande parte da rede privada de ensino. Mas este não foi o caso no São Vicente. O colégio cumpria todas as exigências legais e os cursos oferecidos tinham muita qualidade. Além disso, os trabalhos e serviços que eram aprendidos nos cursos chegaram a ser apresentados em exposições no colégio, em duas edições da TRAPO – Trabalho Profissionalizante.

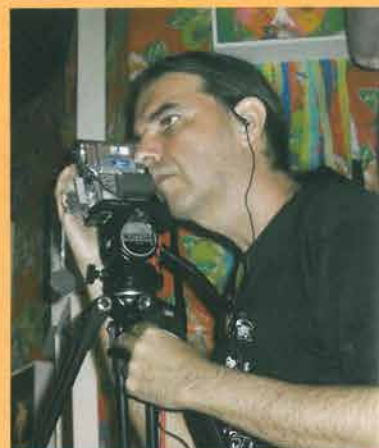
Em 1973, outra conquista do colégio foi a abertura do Curso Supletivo. A utilização das salas de aulas, que ficavam ociosas à noite, proporcionando a alfabetização e o estudo para aqueles que não haviam tido a chance de estudar só veio a reforçar o compromisso do colégio com a questão social. Fruto de muito empenho e do trabalho participativo de muitos dos professores da casa, o supletivo teve origem no Cantumbi, no Morro da Mineira, e na igreja N. S. de Salette, conforme explica Dario Nunes na entrevista que segue.

UM "SUPER CURSO"

"NA 7ª SÉRIE, EU JÁ PENSAVA EM ENTRAR NA 8ª PARA PARTICIPAR DO LABORATÓRIO DE ELETRÔNICA", AFIRMA JOÃO CARLOS GOMES. JOKA, COMO É CONHECIDO, ENTROU NO COLÉGIO NO ADMISSÃO, EM 68, E JÁ NO ÚLTIMO ANO, EM 75, ATUOU COMO AUXILIAR NO LABORATÓRIO. ELE FEZ ENGENHARIA NA PUC, ATUOU COMO PROFESSOR DE ELETRÔNICA NO COLÉGIO, VOLTOU-SE PARA A ÁREA DE TECNOLOGIA E RESPONDE ATUALMENTE PELA COORDENAÇÃO DE INFORMÁTICA DO CSVP. JOKA EXPLICA QUE O SÃO VICENTE SAIU NA FRENTE, POIS O LABORATÓRIO DE ELETRÔNICA JÁ EXISTIA. PE. MIGDON, QUE DAVA AULAS DE PORTUGUÊS, ERA AFICIONADO POR ELETRÔNICA E MONTOU O LABORATÓRIO, OFERECENDO AS AULAS COMO UM CURSO EXTRA PARA A 8ª SÉRIE. "JÁ TÍNHAMOS TUDO, FERRO DE SOLDAR, BANCADAS, TUDO MONTADO. E COM O INCENTIVO DO MEC, RECEBEMOS AINDA OUTROS EQUIPAMENTOS, OSCILOSCÓPIO, MULTÍMETROS. CHEGAMOS A MONTAR, ENTRE OUTROS APARELHOS, UM PRECURSOR DA SECRETÁRIA ELETRÔNICA", EXPLICA ELE. "ERA, SEM DÚVIDA, UM SUPER CURSO."



JOCA COM MIGDON NOS ANOS 70 E, EM 2006, FILMANDO UMA APRESENTAÇÃO NA FEIRA DE LINGUAGEM



A implantação do Curso Supletivo

Nesta entrevista, Dario Nunes explica o início do Supletivo no CSVP. Padre Dario (à época) atuava como Professor do CSVP e foi um dos fundadores do Curso Noturno em 1970. Depois foi para a Diocese de Goiás Velho, coordenar o trabalho de Dom Tomás Balduino juntamente com ex-dominicanos, casou-se em 1976, quando deixou o ministério, mas continuou na vida acadêmica; atuou como reitor da Universidade Católica de Goiás e, atualmente, reside em Goiânia.

Qual a origem da implantação do Supletivo no CSVP?

A resposta, fundamentalmente, está ligada a uma proposta de educação com a qual o colégio São Vicente abria suas portas para alunos, professores, pais e funcionários que progressivamente assumiriam o processo educativo envolvente e desafiador de uma educação libertadora à luz dos ideais do grande educador Paulo Freire. Outro dado ligado à origem da experiência é que os diretores do colégio estavam e ainda estão ligados à Congregação dos Padres Lazaristas, cujo fundador, São Vicente de Paulo, que deu nome ao colégio, sempre se preocupou na sua missão com os pobres e os mais desamparados. Além dessas motivações, a experiência teve a inegável influência, no início dos anos de 60, do Concílio Ecumênico Vaticano II, liderado pelo grande papa João XXIII. Neste mesmo período, começou-se uma exitosa experiência do Intercâmbio entre os colégios católicos do Rio de Janeiro e de cujos alunos vão surgir os primeiros professores de alfabetização e do supletivo, animado sempre pela metodologia pedagógica de Paulo Freire, para a qual foram preparados.

Onde e como se deu o início do projeto?

O Supletivo teve início no Morro do Catumbi, onde já existia um bom trabalho de pastoral, desenvolvido pela Paróquia do Catumbi, liderado pelo inesquecível Padre Mário Prigol que dedicava à comunidade do morro uma pastoral animada pelo referido Concílio Vaticano II, dando especial atenção à JOC (Juventude Operária Católica). Um elemento muito importante, a nosso ver, foi o se ter adquirido no próprio morro um barraco, onde passaram a morar os Padres Hugo Paiva e Dario Nunes, ambos do colégio São Vicente. Este barraco passou a ser o local para pensar e repensar a experiência no seu todo. Pouco acima do referido

barraco, já existia um salão-capela onde a comunidade católica do morro se encontrava para seus cultos religiosos e reunião. Adquiridas umas carteiras neste local, sempre com ajuda do Pe. Mário e de Dona Dagmar, zeladora da capela, iniciamos com as primeiras turmas de alfabetização. Logo em seguida, viu-se a necessidade de começar o supletivo. Alunos não faltavam e os professores também, sempre ligados aos alunos do São Vicente e do Intercâmbio dos Colégios, eram onze e foi um movimento que surgiu também como consequência do momento de total falta de valores vividos por uma proposta de transformar o mundo em produtor de riquezas para os que já eram ricos. No país vivia-se a pior fase da ditadura iniciada em 64 e que assumiu contornos mais vivos em 68 e nos anos que se seguiram. O intercâmbio procurava discutir a Igreja Progressista, oferecendo aos jovens de suas escolas uma terceira alternativa que não fosse aderir ao modelo de Brasil Grande, Ame-o ou Deixe-o e também não fosse partir para a luta armada. Da discussão travada sob a coordenação dos padres mais progressistas desses colégios, surgiu a idéia de trabalhar com educação. Conseguimos cinco salas para o supletivo no subsolo da sede da paróquia Nossa Senhora da Salete. Assim o supletivo se estabeleceu no bairro do Catumbi.

Como foi levá-lo para o Colégio São Vicente?

As condições eram favoráveis: alunos não faltavam, visto que o colégio, localizado no bairro Cosme Velho, podia abrir suas portas, à noite, para candidatos à alfabetização e ao supletivo. Os professores, já experientes, os tínhamos. Em todo o processo de assunção do supletivo do Colégio São Vicente, não podemos esquecer o apoio a toda a experiência do inesquecível e saudoso Pe. José Pires de Almeida, na época diretor do colégio.

E as dificuldades ao longo da experiência?

Uma das dificuldades foi a compreensão e depois a assunção da proposta educativo-pedagógica por todos que se dispunham a trabalhar na experiência. O que mesmo se queria como uma educação libertadora, no processo pedagógico em que todos os envolvidos se tornassem sujeitos da própria libertação e da dos outros? Essa foi a questão que animou todo o processo, uma educação, efetivamente, libertadora. E não podemos esquecer também que esta experiência encontrou todo um mundo de dificuldades. E uma das suas maiores motivações foi o célebre golpe militar nos idos de 64.

"O SUPLETIVO COMEÇOU NO CATUMBI, NO DIA 10 DE AGOSTO DE 1970, COMO UMA FORMA DIFERENTE DE LUTA CONTRA A DITADURA. ACHÁVAMOS QUE NÃO NOS CABIA ASSALTAR BANCO, MAS SIM DISCUTIR COM A POPULAÇÃO MAIS NECESSITADA A POLÍTICA DE "BRASIL GRANDE", "PRÁ FRENTE BRASIL", "AME-O OU DEIXE-O" ETC. TAL DECISÃO FOI TOMADA DEPOIS DE LONGA REFLEXÃO COM OS PES, DARIO E PAIVA, E TAMBÉM COM O PE. JOÃO BATISTA. TODOS OS TRÊS ERAM PADRES À ÉPOCA. JOÃO BATISTA, HOJE UM PSICANALISTA DOS MAIS RENOMADOS, PARTICIPOU DA PASSEATA DOS 100 MIL, SENDO NOMEADO REPRESENTANTE DO CLERO NA COMISSÃO QUE FOI FALAR COM O PRESIDENTE COSTA E SILVA."

CELSO FIGUEIREDO



CELSO FIGUEIREDO FOI ALUNO DO CSVP, DE 1960 A 1967, E RETORNOU AO COLÉGIO EM 1972, ONDE ATUOU COMO PROFESSOR DE MATEMÁTICA ATÉ 1981, PARTICIPANDO ATIVAMENTE NA IMPLANTAÇÃO DO SUPLETIVO COM O PE. DARIO. ATUALMENTE, CELSO É PROFESSOR DA UERJ, MAS ESTÁ PRESENTE NOVAMENTE NO SÃO VICENTE, AGORA COMO PAI DE ALUNO; SEU FILHO, LUCAS, ESTUDA NA T.91. NA FOTO, CELSO E DARIO, GRANDES AMIGOS ATÉ HOJE.

Esportes

Desde sua inauguração, o CSVP contou com o esforço participativo de todos, o que garantiu o sucesso das inúmeras iniciativas e realizações do colégio. Nos anos 70, fruto deste esforço, vale destacar a criação da revista A Chama, como um importante canal de comunicação e um registro histórico valioso de tudo o que vem acontecendo no CSVP de 1973 aos dias de hoje; a campanha de Reflorestamento, em 74, quando ainda nem se falava em ecologia; os acontecimentos culturais e artísticos que marcaram toda uma época; e as apresentações e competições esportivas.

A prática de esportes sempre foi muito valorizada no colégio. Além dos benefícios para a saúde da criançada, estimulava o trabalho em equipe, ensinava temperança, respeito às regras e disciplina. E tudo isso com muita alegria da torcida. No Campeonato Intersalas de Futebol de Salão, as partidas eram disputadas às 18h, de forma a possibilitar a participação na torcida dos pais, professores e funcionários do colégio. As Olimpíadas Vicentinas, por sua vez, de 71 a 82, tinham provas externas e incluíam diversas modalidades. As provas de atletismo ocorriam nos finais de semana no Forte São João e as de natação, na piscina do Botafogo, que cediam seus espaços para a realização desses eventos.



ACIMA, UMA APRESENTAÇÃO DE GINÁSTICA OLÍMPICA NO PÁTIO DO COLÉGIO, EM 74. NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, OS ALUNOS ESCOLHIAM SUA ATIVIDADE ENTRE DIVERSOS ESPORTES, IOGA, CAPOEIRA E XADREZ.

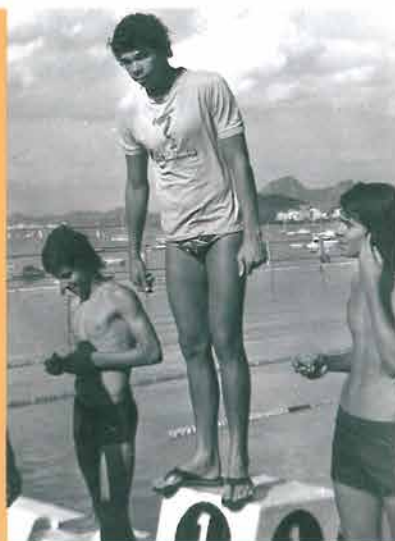


AO LADO, AS OLIMPIADAS DE 77. FLAVIA MASSAFERI DISPUTA TORNEIO DE PING-PONG, PROVA DE SALTO EM DISTÂNCIA NO FORTE SÃO JOÃO E JOGO DE BASQUETE NO PÁTIO DO COLÉGIO.

JOSÉ CLÁUDIO DOS SANTOS, O ZEQUINHA, FOI UM DOS EXPOENTES DA NATAÇÃO DO BRASIL. ALUNO DO CSVP DA 6ª SÉRIE AO 3º ANO, COINCIDIU A IDA À OLIMPIADAS DE MOSCOU COM SEU ANO DE FORMATURA NO COLÉGIO, EM 1980.

ZEQUINHA PARTICIPOU DE INÚMERAS CAMPEONATOS COMO 6 SUL-AMERICANOS, 3 PANAMERICANOS, 3 MUNDIAIS E 4 COPAS LATINAS, ENTRE OUTROS. DEFENDEU O COLÉGIO EM VÁRIOS JOGOS ESTUDANTIS BRASILEIROS, JUNTO COM OS COLEGAS MARCELO BORELI, MARCELO DEPARDO, ENNIO OLIVEIRA E GISELE POUBEL, SOB O COMANDO DO PROF. PAULINHO, AINDA HOJE NO CSVP.

MESMO COM TODOS ESSES COMPROMISSOS, O ATLETA NUNCA DEIXOU OS ESTUDOS DE LADO: "ESTUDEI LÁ POR TODOS ESSES ANOS SEM NUNCA TER SIDO REPROVADO. QUANDO VIAJAVA EM SELEÇÃO FAZIA SEGUNDA CHAMADA, POIS CONTAVA COM O APOIO DOS PROFESSORES. TENHO O MAIOR ORGULHO DE TER SIDO VICENTINO." DIZ ZEQUINHA. JOSÉ CLÁUDIO AINDA NADA NA CATEGORIA MASTER, É PROFESSOR DE BIOLOGIA, NUTRICIONISTA E FOTÓGRAFO.



ZEQUINHA NO PÓDIO DO BOTAGOGO, NAS OLIMPIADAS DE 1977, E NA FESTA DOS 50 ANOS DO CSVP NO FLUMINENSE

A Chama

Em 27 de setembro de 1973, dia de São Vicente de Paulo, a APM lançou a revista A CHAMA. Concebida pela vice-presidente da APM, Maria Célia Bustamante, e por Pe. Almeida, como veículo de reflexão e comunicação da proposta pedagógica do colégio e das questões e eventos pertinentes aos alunos e professores, a revista foi, desde o início, um verdadeiro sucesso. De periodicidade mensal em seus primeiros anos, a Chama completa 36 anos em 2009, com duas edições anuais.

Segundo Maria Célia, editora da revista nos primeiros anos, a escolha do nome A Chama se deu por “expressar calor, aconchego e bem estar, além de poder ser comparado ao conhecimento que, ao se dividir, se expande e se propaga.” (A Chama/ 2003).

Fruto de muito empenho e dedicação, durante todos esses anos, a revista foi mudando de equipe, formato e periodicidade. Suas páginas tiveram como colaboradores professores e pais de alunos do calibre de Ziraldo, Sílvia Orthof, Laerte e Arthur da Távola, entre outros. Ziraldo e Laerte participaram bastante das edições de 81 e 82. Lula Bustamante, aluna e filha de Maria Célia, foi a principal ilustradora da revista em seus primeiros anos. Em 1999, Oswaldo Lioi, então vice-presidente da APM, concebeu o novo

projeto editorial e gráfico, introduzindo cores e sessões fixas, conceito que se mantém até hoje.

Em todos esses anos, a revista só deixou de ser publicada em 1985 e 86.

O primeiro editorial versava sobre o ato de vivenciar novas experiências. “Toda experiência traz consigo um risco, uma expectativa, um medo do ‘como será’. Mas sem experiência não conseguimos viver e o que mais é nossa vida senão um amontoado de experiências que vão preparando, desde a mais tenra idade, o homem de amanhã?” (trecho do editorial da A Chama nº1, por M. Célia Bustamante). Apesar de todas as mudanças ocorridas, sua proposta permanece inalterada e continua aberta a novas experiências.

Em comemoração ao cinquentenário do Colégio São Vicente de Paulo, A Chama sai em edição especial com maior número de páginas, contando as memórias, histórias e vitórias vividas pela comunidade vicentina. Fonte de referência e pesquisa, muito desse trabalho foi baseado nas edições anteriores da revista.

Atualizando o comentário de Padre Almeida, grande incentivador da publicação, “a revista é um precioso documento que faz história e propaga a filosofia do colégio” (A Chama/ 2003). Se é difícil resgatar as histórias ao longo desses 50 anos, imagine se não existisse a Chama.



MARIA CÉLIA BUSTAMANTE JÁ ERA MÃE DE NOVE FILHOS QUANDO RESOLVEU FAZER FACULDADE DE JORNALISMO EM 1972. AOS 44 ANOS, FAZENDO PARTE DOS QUADROS DA APM E ANIMADÍSSIMA COM OS ESTUDOS DE JORNALISMO, SUGERIU A CRIAÇÃO DE UM VEÍCULO IMPRESSO QUE DESSE VOZ À ASSOCIAÇÃO E A TUDO QUE SE REFERISSE À COMUNIDADE VICENTINA. A IDEIA FOI IMEDIATAMENTE ACEITA POR PADRE ALMEIDA QUE, JUNTO COM MARIA CÉLIA, EMPENHOU-SE EM VIABILIZAR A REVISTA, ENCARANDO-A COMO UMA “FORÇA DE REAÇÃO AOS MOVIMENTOS DE DESAGREGAÇÃO SOCIAL” (A CHAMA/NOVEMBRO 2003). FORÇA MOTRIZ DA REVISTA, MARIA CÉLIA FICOU À FRENTE DA PUBLICAÇÃO DURANTE AS 22 PRIMEIRAS EDIÇÕES, ATÉ O FINAL DE 1977. NA FOTO AO LADO, MARIA CÉLIA NO DIA DOS 60 ANOS DE CASADA, EM MAIO DE 2007





O MUTIRÃO DO REFLORESTAMENTO EM AÇÃO NO MORRO DEVASTADO E A PAISAGEM ATUAL COM A VEGETAÇÃO TOTALMENTE RECUPERADA



OS ALUNOS JARDINEIROS MUNIDOS COM OS SEUS APETRECHOS: MUDAS, PÁS E ENXADAS

Reflorestamento

“Aos que gostam de árvore, aos que gostam de passarinho, aos que gostam de gente. Aos que não gostam de selvas de pedra, aos que não gostam de ruas cinzentas, aos que não gostam de cidades estéreis: Estão todos convidados a reflorestar o morro. Passando da palavra à ação: É muito pouco plantar árvore num morro escondido no fundo do colégio. Não importa: É o ato social, é a tomada de posição, é o recado que se dá.” (A Chama, 1974)

Com estas palavras, no dia 12 de novembro de 1974, deu-se início à campanha pelo reflorestamento do morro atrás do colégio. O terreno do colégio, que se estendia quase 300 metros morro acima, estava tendo sua

arborização primitiva destruída pelo fogo, por depredação anônima e pelo capim “colonião”. O alerta foi dado por um professor recém-chegado, Clovis Dottori, cujos olhos estavam desacostumados aos buracos que apareciam na vegetação. Muito se discutiu sobre o que fazer a respeito, e sob o comando do coordenador Jorge Luiz, sugestões, consultas a técnicos e medidas práticas foram tomadas para que, no dia 19 de novembro, um mutirão de alunos armados de apetrechos de jardinagem, mudas e vasilhas d’água, subisse o morro e fizesse o replantio de toda a vegetação.

Muito antes de temas que nos são atualmente tão caros em pauta, como ecologia e preservação do meio ambi-

ente, o colégio, sempre à frente de seu tempo, já incutia esses valores em seus alunos. A campanha foi um sucesso total. Alunos de todas as séries se engajaram e compraram mudas no Horto Florestal ou na “feira da árvore”, montada na garagem do colégio.

A iniciativa, de tão genial e comentada, foi noticiada no Jornal Nacional e no Jornal do Brasil, os principais veículos da mídia da época.

SOBRE A CAMPANHA DO REFLORESTAMENTO, A EX-ALUNA ANA DIECKMANN, TURMA DE 74, DÁ O SEU DEPOIMENTO:
 “TODO MUNDO COLABOROU, ALUNOS, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS. FOI MUITO LEGAL! A GENTE SUBIU O MORRO ESCORREGANDO PELAS TRILHAS ÍNGREMES, LEVANDO AS MUDAS E OS APETRECHOS DE JARDINAGEM. FAZIA UM CALOR DANADO, MAS FOI UM DIA SÓ. UM DIA SUPERALEGRE QUE NOS MARCOU PARA SEMPRE. NO FINAL ESTÁVAMOS TODOS SUJOS, DESCABELADOS, MAS FELIZES. FOI UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL.”
 ANA, APARECE SORRINDO, SENTADA LOGO ATRÁS DO PROFESSOR JORGE LUIZ



NADINE CASTANOS, DA TURMA DE 1981, TAMBÉM COMENTA: “FOI UMA INICIATIVA PARA PRESERVAÇÃO DO MORRO E PARA AS FUTURAS GERAÇÕES, ‘AMBIENTALMENTE CORRETA’. LEMBRO QUE AVISARAM QUE IRIAM FAZER UM REFLORESTAMENTO, MAS QUE HAVERIA PARTICIPAÇÃO DOS PRÓPRIOS ALUNOS. ABRIRAM UM ESPAÇO DURANTE AS AULAS E QUEM QUISESSE PODIA COMPRAR MUDAS E IR EM GRUPOS REFLORESTAR. FIQUEI COM A CARA TODA SUJA DE TERRA. FOI UMA EXPERIÊNCIA MUITO POSITIVA E GRATIFICANTE, ERA BOM SABER QUE ESTÁVAMOS FAZENDO ALGO EM PROL DE NOSSO FUTURO.”

Atividades artísticas e culturais

Concebido para representar os alunos em suas demandas e indagações, o grêmio era também responsável por quase toda a programação cultural e artística do colégio.

A orientação educacional e pedagógica do São Vicente inspirava-se na Teologia da Libertação, fazendo com que os alunos do CSVP pensassem o mundo além das paredes do colégio. Neste contexto de liberdade de expressão e na tentativa de construção de uma sociedade mais justa e solidária, a década de 70 foi vivida intensamente pelos alunos.

Cineclube

Segundo André Pereira, presidente do Grêmio em 74, pela chapa MASSA – Movimento Ativo Social a Serviço dos alunos –, sua gestão foi marcada pela criação do Cineclube.

“Tive sorte ou foi o acaso, não sei, de desempenhar um papel relativamente decisivo na história do grêmio. O grêmio sempre teve sua verba composta por um pequeno percentual da mensalidade escolar, equivalente a uma entrada de cinema. Nossa plataforma foi utilizar essa verba para programar mensalmente uma sessão de cinema inteiramente gratuita para os alunos, e fazer uma prestação de contas ao final de cada gestão”, relata André.

O cineclube exibia o que havia de melhor na produção nacional e mundial. Muitas vezes orientados pelo coordenador Jorge Luiz, os integrantes do grêmio e do cineclube faziam uma lista de filmes a serem exibidos, para que os alunos votassem nos seus preferidos. Foram organizadas desde mostras de filmes de surf aos dramas “cabeça” de Ingmar Bergman, cineasta sueco dos anos 70, passando pela produção nacional da época, com Nelson Pereira dos Santos e Leon Hirszman. Entre os grandes sucessos, o filme “Cabaret”, de Bob Fosse, exibido para os alunos do Ensino Médio.

FEIRA DO LIVRO

EM SETEMBRO DE 1970, O COLÉGIO ORGANIZOU, EM PARCERIA COM A FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO, A PRIMEIRA FEIRA DO LIVRO, REUNINDO 16 EDITORAS E MAIS DE MIL TÍTULOS À DISPOSIÇÃO DOS ALUNOS. ATUALMENTE, A FEIRA DO LIVRO FAZ PARTE DA FEIRA DE LINGUAGEM, REALIZADA ANUALMENTE NO 2º SEMESTRE.



Festivais

Outro evento que movimentou o colégio foi o Festival de Música Jovem, em 1972, que contou com a participação de várias escolas da cidade. Organizado pela APM e pelo grêmio, durou três dias, de 21 a 23 de setembro, e lotou o auditório do 4º andar. Foram concedidos prêmios ao primeiro, segundo e terceiro colocados. Muito em voga na época, as apresentações eram bastante disputadas.

Já na 2ª edição, em 73, o evento teve tamanha repercussão que chegou a ser noticiado pela revista Manchete, importante publicação da época. O primeiro e o terceiro lugar foram conquistados pelo mesmo autor, José Renato, do Colégio Rio de Janeiro, que iria, posteriormente, formar o conjunto Boca Livre, grande sucesso nos anos 80.



AO LADO, ANIMADOS, ALUNOS AGUARDAM A PARTIDA DO ÔNIBUS NA PORTA DO COLÉGIO

ABAIXO, O PROFESSOR DE GEOGRAFIA CLOVIS DOTTORI DÁ AULA NO PARQUE NACIONAL DE ITAIAIA PARA ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO, EM MARÇO DE 1976



EXCURSÕES

ACREDITANDO QUE NADA MELHOR DO QUE APRENDER “IN LOCO”, O SÃO VICENTE SEMPRE PROMOVEU PASSEIOS DE LAZER E ESTUDOS COM AS TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO. AS VIAGENS, ANSIOSAMENTE AGUARDADAS PELOS ALUNOS, LEVAVAM ÀS CIDADES HISTÓRICAS DE MINAS, AO CARAÇA E AO PARQUE NACIONAL DE ITAIAIA. ACOMPANHADOS DE ALGUNS PROFESSORES, A TURMA APROVEITAVA PARA SE SOCIALIZAR, CONVIVENDO MAIS TEMPO COM OS COLEGAS, E PARA APRENDERDE UMA FORMA DIFERENTE.



JORGE LUIZ, COM ALGUNS ALUNOS EM OURO PRETO

“A escolha dos filmes era caracterizada pela pluralidade dos temas. Padre Almeida não interferia em nossas escolhas, tínhamos carta branca para exibir o que quiséssemos. Isso em 74, quando a repressão estava no auge, pessoas eram presas e torturadas, havia muita censura e a lei Falcão. Mas no São Vicente tínhamos total liberdade de escolha”, enfatiza André.

Em 29 de março deste mesmo ano, o Jornal dos Sports noticiava que o Colégio São Vicente de Paulo iniciava as comemorações de seu 15º aniversário com a exibição do filme "Tati" dirigido por um de seus ex-alunos - o cineasta Bruno Barreto.

Shows

Ao longo da década, o grêmio também movimentou o colégio com atrações de peso, como o show de Milton Nascimento e Som Imaginário, com Wagner Tiso, Toninho Horta, Nivaldo Ornellas.

“Esse show foi organizado por uma união de grêmios (CSVP, Bennett, Brasil-América, entre outros) e se realizaria no pátio do Colégio em 75. O dia



A SEMANA DA ARTE

A SEMANA DE ARTE MOVIMENTAVA O COLÉGIO NO MÊS DE OUTUBRO COM UMA SÉRIE DE DEBATES, CONCURSOS DE FOTOGRAFIA, APRESENTAÇÕES DO GRUPO DE TEATRO CALABOUÇO, EXIBIÇÕES DE FILMES, EXPOSIÇÕES DE TRABALHOS DE ALUNOS E ATIVIDADES ARTÍSTICAS, COMO A IMENSA FAIXA DE PAPEL BRANCO COLOCADA, EM 75, NO CHÃO DO PÁTIO PARA QUE OS ALUNOS PUDESSEM DECORÁ-LA COM SUA ARTE.

A SEMANA DE FOLCLORE

A DO FOLCLORE ERA OUTRO EVENTO ANIMADO DO 2º SEMESTRE, VÁRIOS GRUPOS FOLCLÓRICOS SE APRESENTAVAM NO COLÉGIO, COMO NESSE JOGO DE CAPOEIRA, EM 76



*DO TRONCO QUE VEM DA TERRA
FIZESTE TEU INSTRUMENTO
TUA MANEIRA DE CARREGAR
DE EMBARCAR POR ESTA VIDA
COM O BALANÇO DAS MÃOS
O SOPRO DA BOCA
A VIRAÇÃO DOS DEDOS
ESCORREGAS POR ESTE PEDAÇO DE COISA VIVA
POR ESSA VARETINHA À TOA
QUE ENCANTA OS QUE OUVEM
E ENFEITIÇA OS QUE O ACOMPANHAM
JOGAS NELA TEUS SENTIDOS E VIVIDOS
PELO TEU GINGADO ELA VIBRA
NA TUA DANÇA ELA CANTA
DE CADA TOQUE
HARMONIAS SIMPLES E INGÊNUAS
INVADEM O AR QUE TE RODEIA
PENETRAM NOS OUVIDOS ATENTOS
ENTÃO, PASSOS TE PERSEGUEM
INSTINTOS SEGUEM TEU CHEIRO
CANTAM TEU SOM
QUE SUA DO TEU CORPO
QUE SOA DO TEU POVO;*

Adriana Campos Rodrigues — 39 B

CONCURSO DE FOTOGRAFIA

OS CONCURSOS DE FOTOGRAFIAS, PROMOVIDOS PELO COLÉGIO EM PARCERIA COM A APM E COM O GRÊMIO, MOBILIZAVAM GRANDE PARTE DOS ALUNOS DO COLÉGIO EM TORNO DE TEMAS COMO “A VELHICE HUMANA”, “FOLCLORE E CULTURA BRASILEIRA” E “A ESCOLA DE NOSSOS DIAS”.

A FOTO AO LADO É DE ADRIANA CAMPOS RODRIGUES, VENCEDORA DO IV CONCURSO DE FOTOGRAFIA, EM 76, COM O TEMA “FOLCLORE E CULTURA BRASILEIRA”. “EM JULHO DE 1976, FUI COM ALGUNS COLEGAS DO SÃO VICENTE PARA UMA VIAGEM DE GAIOLA (BARCO) PELO RIO SÃO FRANCISCO, ONDE DORMÍAMOS EM REDE JUNTO COM O POVO, GALINHAS ETC. FOI UMA VIAGEM INESQUECÍVEL, LEVEI GRAVADOR E MINHA MÁQUINA XERETA, FIZ UMA DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA, E NO MEU CADERNINHO ESCREVI POESIAS EMBALADAS PELA PAISAGEM SONORA E VISUAL. QUANDO TERMINOU A VIAGEM PELO RIO, SEGUIMOS ATÉ O SERTÃO DE PERNAMBUCO PARA ASSISTIRMOS A MISSA DO VAQUEIRO, E QUANDO VI UM RAPAZ TOCANDO PÍFARO, ME ENCANTEI E TIREI A FOTO. DE NOITE ESCREVI O POEMA. TIVEMOS O PRIVILÉGIO DE DORMIR NA CASA DO LUÍS GONZAGA EM EXU, UMA EXPERIÊNCIA MUITO MARCANTE PARA MIM E PARA O GRUPO DO SÃO VICENTE.” RECORDA ADRIANA. O CONCURSO DAVA PRÊMIOS EM DINHEIRO AOS TRÊS PRIMEIROS COLOCADOS.



SARAU

MUNIDOS DE SEUS INSTRUMENTOS E DE MUITA CORAGEM PARA ENFRENTAR A PLATÉIA, ALUNOS FAZIAM DO SARAU O MOMENTO MAIS ESPERADO DO ANO. AO LADO, JULIO MORETZSOHN, HOJE RENOMADO MAESTRO, TOCA FLAUTA COM SEU GRUPO

VICENTINOS PRESTIGIAVAM EM PESO O SARAU, NO AUDITÓRIO DO COLÉGIO



VALIA DE TUDO: TOCAR, CANTAR, DANÇAR E REPRESENTAR
AO LADO, CLARA SANDRONI, UMA DAS VOZES MAIS BONITAS DO COLÉGIO
ACIMA, JORGE LUIZ NO COMANDO DO EVENTO

amanheceu chuvoso, o que inviabilizaria o espetáculo. Não fosse a “divina” intervenção do Padre Almeida, que conseguiu transferir o show para a Casa do Minho, o sucesso que engarrafou a rua da Laranjeiras não teria acontecido. Padre Almeida era a retaguarda da vanguarda. Jorge Luiz e ele contribuíram enormemente para o sucesso das nossas muitas vezes ousadas empreitadas”, lembra André.

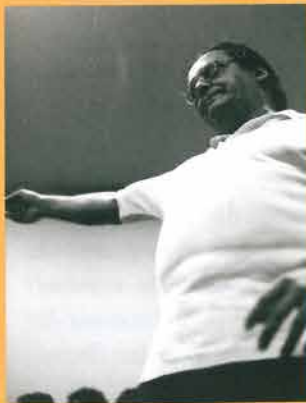
O colégio abrigou inúmeros shows de sucesso - o auditório do São Vicente era tido como um dos mais animados palcos da cidade. Por esse espaço passaram nomes como Veludo, Vímana (com Lulu Santos e Lobão), Boca Livre, Moraes Moreira, Pepeu Gomes, Ney Matogrosso, Geraldo Azevedo e o grande violonista Sebastião Tapajós.

Sarau

O Sarau era um verdadeiro acontecimento no Colégio. Concebido em 1974 para dar vazão à criatividade dos alunos e seus amigos, sem o tom competitivo de um festival, os saraus do CSVP marcaram época na cidade. O objetivo era reunir quem quisesse cantar, tocar, dançar ou representar num ambiente de muita alegria e descontração. Com o decorrer dos anos, o Sarau passou a ser um programa que atraía também um público externo, que vinha conhecer o que a juventude vicentina estava aprontando.

Vários artistas de renome hoje em dia, todos crias do São Vicente, tiveram sua primeira chance no palco do auditório do quarto andar.

Sobre a experiência de apresentar o Sarau, em 79, Pedro Augusto Lago, o Bagé, relata como foi: “O mais difícil na função de apresentador era manter a turba mais ou menos organizada e tentar cumprir os tempos para que o horário não explodisse. Confesso que só fiquei seguro já quase no final do evento. Não tinha que ser performático, mas aquele sorriso de aeromoça, tiradas engraçadinhas e *savoir faire* eram fundamentais. Quando subi no palco é



NO SARAU DO COLÉGIO, O CORAL SE APRESENTA, EM 77, SOB A REGÊNCIA DE SEU PRIMEIRO MAESTRO, HOMERO MAGALHÃES. À DIREITA, O MAESTRO PAULINHO PAULEIRA NA FORMATURA DA TURMA DE 82



que percebi o tamanho da encrenca, pois, além de apresentar, tinha que estar atento a possíveis imprevistos no andamento do evento. Tudo isso com cara de paisagem para que o público não percebesse – ou, pelo menos, não percebesse muito – a zona que era. Lembro que neste Sarau, o conjunto 'Fim da Rua', do Bruno Araújo, Felipe Llerena, Roberto Frejat e George Israel (estes dois de outro colégio), queria tocar mais do que duas músicas e eu não podia deixar, pois tinha hora para o cara do som ir embora. Rolou um bate-boca no palco com o Frejat, que saiu danado. Nunca mais ouvi falar dele, até o lançamento de seu primeiro disco, no Barão Vermelho."

O Coral

O coral era outra das atrações do colégio. Duas vezes por semana, após as aulas do turno da manhã, cerca de 40 alunos subiam ao auditório do quarto andar para, inicialmente sob a regência do maestro Homero, entoar um repertório eclético e variado que ia de uma cantata de Bach a um legítimo tango portenho, passando por clássicos da MPB como "Maria Maria", um hit na época. Com alegria e dedicação, o maestro distribuía os alunos do ensino médio em quatro vozes: soprano, contralto, tenor e baixo. O clima era de pura diversão. Mesmo quem não sabia ler música era obrigado a acompanhar a partitura.

Posteriormente, em 79, o maestro Paulinho Pauleira assumiu a regência, optando por um repertório mais popular. Qualquer que fosse a música, o pessoal se divertia em cantá-la.

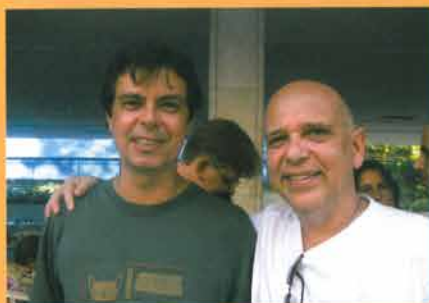
Teatro Relâmpago e Rádio-novela

Do grêmio surgiu também a Rádio, o Teatro Relâmpago e a Rádio-Novela, no final dos anos 70.

A rádio colocada no ar por Sergio Magalhães e Luiz Carlos Velho - "Recreativa ZY212223, o resto é com vocês" - animava os recreios da escola. De seleção musical eclética, também apresentava músicas dos talentos do colégio. Da Rádio surgiu a Rádio-Novela, conforme explica Nelson Ricardo:



ACIMA, NELSON RICARDO E JOÃO CARLOS VELHO LENDO O MANIFESTO CONTRA A COMERCIALIZAÇÃO DA SAÚDE. AO ALTO À DIREITA, NELSON RICARDO E SERGIO MAGALHÃES SE ENCONTRAM NO CHURRASCO DOS 50 ANOS. AO LADO, O TEATRO-RELÂMPAGO NO PÁTIO DO COLÉGIO



TEATRO RELÂMPAGO

"FOI UMA ENCENAÇÃO INCRÍVEL PARA A ÉPOCA, POIS CONSEGUIMOS MICROFONES COM VÁRIAS EXTENSÕES. UM LOCUTOR NARRAVA UM ACIDENTE NA RUA DA LARANJEIRAS, E UM REPÓRTER ENTREVISTAVA O DIRETOR DO HOSPITAL QUE NÃO QUERIA RECEBER O FERIDO, POIS ESTE NÃO TINHA DINHEIRO PARA PAGAR A CONTA. UM DETETIVE QUE ESTAVA NO LOCAL AFIRMAVA QUE O MOTORISTA ACIDENTADO ERA UM COMUNISTA. ESSES DEPOIMENTOS ERAM TRANSMITIDOS ATRAVÉS DOS ALTO-FALANTES ESPALHADOS PELO PÁTIO DA ESCOLA. DE REPENTE ENTRAVA A MACA COM O ACIDENTADO E A AÇÃO MUDAVA PARA O CAMPINHO DE FUTEBOL. ALI, COM TODOS EM VOLTA, LÍAMOS UM MANIFESTO CONTRA A COMERCIALIZAÇÃO DA MEDICINA NO BRASIL E ANUNCIÁVAMOS A INAUGURAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE TEATRO. FOI UMA VERDADEIRA SUPER PRODUÇÃO.", RECORDA NELSON RICARDO.

“A Rádio-Novela surgiu a partir da "A Cidade contra o crime", programa sensacionalista muito popular na década de 70. Tinha como arquitetura teatral a presença de um ou dois locutores, um coro masculino e um feminino. Essa era a estrutura central, acrescida de personagens extras que pontuavam a narrativa. O textos sempre tinham um fundo crítico e contextualizado, fosse na crítica à estrutura de ensino convencional e mercantilizado, à ditadura militar, às questões ligadas à repressão política, etc. Muitas das Rádio-Novelas possuíam uma linguagem surrealista.”

Para marcar a inauguração do Departamento de Teatro, foi encenado em 78 um Teatro Relâmpago sobre a comercialização da saúde no Brasil, com texto de Nelson, Cláudio Torres e João Carlos Velho.

Os Departamentos do Grêmio

O Departamento de Teatro e de Imprensa, o Arte Clube, o Esporte Clube e o Comitê Ecológico eram todos subordinados ao grêmio. Segundo Sérgio Rui, presidente do grêmio em 1979, os departamentos eram indispensáveis para alcançar uma maior participação dos alunos. Funcionavam como importantes canais, através dos quais era possível se obter um trabalho mais participativo, até por conta da área de interesse de cada um. Além de mobilizar todo o corpo estudantil, contribuía também para a consciência crítica do aluno. Para Sérgio, o grêmio era de suma importância também como um instrumento de reivindicação, participando na solução dos problemas que afetavam de alguma forma os alunos.

As iniciativas do grêmio também se inspiravam ainda nos princípios que norteavam o colégio. O projeto VPA – Vamos Passar de Ano – por exemplo, foi uma de suas iniciativas. A proposta do projeto era a de que os alunos com melhor desempenho ajudassem os colegas que se encontravam com dificuldades de aprendizagem, dando aulas



BERNARDO SABINO NO PAPEL DE GENERAL FIGUEIREDO LEU UM DISCURSO ESCRITO POR SEU PAI, FERNANDO SABINO

RÁDIO-NOVELA

O TEMA DESSA RÁDIO-NOVELA ERA A POSSE DO FIGUEIREDO, UMA CRÍTICA BEM HUMORADA DO CONTINUÍSMO IMPOSTO PELA DITADURA, COM A ELEIÇÃO INDIRETA DE MAIS UM PRESIDENTE MILITAR. CRITICAVAM-SE O AI 5, A FALTA DE LIBERDADE DE IMPRENSA, A SUBSERVIÊNCIA DA TV GLOBO AO SISTEMA E TODA A CENSURA IMPOSTA POR UM GOVERNO MILITAR.

AO LADO, OSCAR GRAÇA COUTO INTERPRETA CANDIDATO SURFISTA. ABAIXO, DEBORAH, FERNANDA TORRES E KAREN NO PALANQUE DOS CANDIDATOS



ACIMA, DEBORAH BLOCH E KAREN ENTREVISTAM A FAVELADA TISSE MOUSINHO. AO LADO, ANA LUCIA E TEREZA, COM MARIA CHIQUINHA DE UM LADO SÓ E OLHOS BEM ZAROLHOS, SE BATIAM DE LADO UMA NO OUTRA E FAZIAM "PLINPLIMI!" NUMA ALUSÃO À TV GLOBO

Jornal Consciência Ecológica

"O Comitê de Consciência Ecológica visa conscientizar os jovens de que o homem depende da Natureza, porque, com toda a sua ciência, ele não poderá jamais desgarrar-se dela. Não temos o intuito de mostrar ecologia a fundo, mas sim a sua importância básica. Todas as nossas ações são providas de um idealismo de harmonia e paz do homem com a Natureza, porque o equilíbrio ecológico está no amor. Através desse ideal tentaremos encontrar um caminho que conduza à solução do problema.

Entre nossas ações está o jornal onde mostraremos a nossa visão pessoal e sentimental da degradação do meio ambiente." (Jornal Consciência Ecológica, 1, 1978).

É surpreendente constatar que, já em 1978, alunos do

São Vicente se mobilizavam em relação ao meio ambiente. Este editorial, publicado por alunos do ensino médio no jornal Consciência Ecológica, subordinado ao Comitê Ecológico e ao Departamento de Imprensa, trazia à tona assuntos que, 32 anos depois, estão na ordem do dia.

Os artigos publicados falavam sobre desmatamento da Floresta Amazônica, seca e desertificação, perigos da exposição solar, pesca predatória, poluição dos oceanos, agentes poluentes, desequilíbrio climático, excesso de lixo e reciclagem, pesticidas e extinção de animais.

E para ilustrar o descaso do homem em relação à natureza, reproduziu a carta do Cacique Seathl, da tribo Duwamish, no estado de Washington, - "Quem é dono da pureza do ar e do brilho da água" -, na qual o cacique comentou a proposta de compra de suas terras pelo homem brancos, dando a entender que se o homem não cuidar da natureza, todos perderão.



de apoio fora do horário escolar. Sem dúvida, a solidariedade entre os alunos, tão incentivada no colégio, fez toda a diferença, contando com ótimos resultados.

O Departamento de Imprensa do grêmio publicou, entre outros, três jornais: "A Voz", semanário com informes do colégio; "Comunicado", jornal analítico e opinativo do ensino médio, sem periodicidade definida; e o jornal "Elo", também opinativo, publicado pelo fundamental. Foi desse mesmo departamento a ideia do "Jornal Mural", como o próprio nome diz, com as notícias expostas no pátio da escola, para manter informados os alunos que não tinham o hábito de leitura dos jornais.

Já o Arte Clube foi o responsável por várias atividades das Belas Artes, como o rolo de papel, que foi estendido no chão do pátio do Colégio, para que os alunos soltassem a sua criatividade. O Departamento de Esportes, por sua vez, organizou disputadíssimos torneios e campeonatos de futebol, vôlei e ping-pong. O Comitê Ecológico, também muito importante na atuação do grêmio, além de publicar o jornal "Consciência Ecológica", promovia debates com profissionais ligados à área.

O lema da escola, fielmente seguido pelo grêmio - "Liberdade com responsabilidade" - criou o ambiente propício para o florescimento das mais variadas manifestações culturais que marcaram época no Colégio São Vicente de Paulo.

O Grupo Calabouço

O teatro do ensino fundamental e médio foi uma das atividades extraclasses mais marcantes neste período. O Grupo Calabouço, sob a direção de Almir Telles, fez muito sucesso na década de 70. Tendo início em 1975, o grupo apresentou diversas peças até 2002, quando o Professor Almir encerrou sua temporada no São Vicente, sendo substituído pelo Professor Mario Sergio.

DEPOIMENTOS PARA A CHAMA / DEZ 90, NA COMEMORAÇÃO DE 15 ANOS DO GRUPO CALABOUÇO

"OS TRÊS ANOS QUE PASSEI NO GRUPO 'CALABOUÇO' FORAM DE PROFUNDA TRANSFORMAÇÃO, TEMPOS DE VERDADEIRO APRENDIZADO. PELA PRIMEIRA VEZ, A ESCOLA ADQUIRIU UM SENTIDO MAIOR NA MINHA VIDA, POIS O TEATRO TRAZIA NOVO SIGNIFICADO A TUDO. A PRESENÇA DO ALMIR DAVA O TOM E COMANDAVA TODA ESSA VIVÊNCIA. ANTIPROFESSOR POR EXCELÊNCIA, POR SEU JEITO DE SER, POR SEU PENSAMENTO, ELE TERMINAVA POR SE TORNAR O MAIOR MESTRE: FAZIA A GENTE GOSTAR DE SER ALUNO."

CLÁUDIO BOTELHO, EX-ALUNO, MÚSICO, ATOR E DIRETOR TEATRAL

"A COISA MAIS CONTAGIANTE NO GRUPO, A MEU VER, ERA A FORÇA DOS QUE NELE TRABALHAVAM, DIRIGIDOS E ACOMPANHADOS PELO ALMIR, TRANSFORMANDO O 'CALABOUÇO' NUM GRUPO PROFISSIONAL.

PASSADOS SETE ANOS, HOJE, VENDO ESSES GAROTOS DO 'CALABOUÇO', EU TENHO A CERTEZA DE QUE O TRABALHO DESENVOLVIDO EM GRUPO É UMA EXPERIÊNCIA QUE, NO MÍNIMO, TORNA O TEATRO UMA NECESSIDADE VITAL PARA TODOS."

LUÍS FELIPE MENDONÇA, EX-ALUNO E, ATOR

"EXISTE NA VIDA DE CADA UM DE NÓS A NECESSIDADE DE, EM ALGUM MOMENTO, ENCONTRAR O LUGAR E A PORTA CERTA. O ESPAÇO ONDE SUA MÁSCARA LHE ESPERA. A MÁSCARA DA VIDA TODA. 'CALABOUÇO' FOI MINHA PORTA. MINHA MÁSCARA, O TEATRO. O RESTO EU NÃO SEI."

MOACYR GÓES, EX-ALUNO E DIRETOR TEATRAL

Contratado inicialmente para lecionar no ensino médio, Almir acabou estendendo seu trabalho, a pedido dos alunos, às turmas do fundamental.

Fascinado com o ambiente escolar, o professor encontrou um território livre, um oásis de criatividade e liberdade de expressão, no qual pôde montar peças de cunho sócio-político, sem temer qualquer tipo de repressão ou censura. Os alunos eram interessados e participativos. Pela direção de Almir passaram nomes como Cláudio Botelho, Deborah Bloch, Enrique Diaz, Fernanda Torres, Mauro Vianna, Mocyrcy e Leon Góes, Marcos Palmeira, Fabianna Mello e Souza, entre outros.

Durante o tempo em que permaneceu na escola, o Grupo Calabouço encenou inúmeros espetáculos consagrados, lotando o auditório do quarto andar e emocionando a plateia presente.

Entre os espetáculos mais elogiados está uma montagem de sua autoria, encenada em 79 pelos alunos do Fundamental "Quem é o dono da Pureza do Ar e do Brilho da Água", inspirada na carta de um chefe indígena. Além do tradicional público vicentino, vários chefes indígenas foram convidados a assistir a peça. Nessa ocasião, Padre Almeida, então diretor do colégio, fez o bem humorado comentário: "O Almir está invertendo a ordem. Os alunos estão mais disciplinados no teatro do que em sala de aula. Fico emocionado com o trabalho desenvolvido."

"O Interrogatório", de Peter Weiss, sobre o julgamento dos responsáveis pelo extermínio de judeus em Auschwitz, na Segunda Guerra Mundial, assim como "Nossa Cidade", de Thornton Wilder, marcaram época nos palcos da escola.

Outro espetáculo muito comentado, montado pelo Grupo Calabouço já em 1981, foi "Um Elogio à Loucura", compilação de textos de Rimbaud, Verlaine, Van Gogh, Artaud, entre outros. Os atores principais foram Mauro Vianna e Cláudio Botelho, nos papéis de Rimbaud e Verlaine.



ACIMA, ALMIR TELLES E O GRUPO EM 87, QUE ENCENOU O ESPETÁCULO "BRASIL NUNCA MAIS". AO LADO, ADRIANA, INGRID SOMBERG, MONICA KEOPS E ENRIQUE DIAZ, EM "NOSSA CIDADE", EM 82. ABAIXO, O CARTAZ DE MACBETH, ENCENADO EM 90, E A APRESENTAÇÃO DE "LIBERTAS QUAE SERA TAMEN", EM 99



"A PEÇA "UM ELOGIO À LOUCURA" INCOMODOU MUITA GENTE NA ÉPOCA DE SUA MONTAGEM. O ESPETÁCULO REVELAVA COMO PESSOAS DE COMPORTAMENTO NADA CONVENCIONAL ERAM IMPORTANTES PARA NOSSA SOCIEDADE. OS "LOUCOS", DROGADOS, LIBERTÁRIOS DEIXARAM LEGADOS IMPORTANTÍSSIMOS PARA CONSTITUIR A SOCIEDADE E DESAFIAR OS DOGMAS. HOUE UM MOVIMENTO PARA CENSURAR O ESPETÁCULO, E TAMBÉM DEBATES INFLAMADOS NO AUDITÓRIO. FOI UMA EXPERIÊNCIA REVELADORA PARA UM GAROTO QUE TINHA SEDE DE APRENDER E TRANSFORMAR O MUNDO. EMBORA NÃO TENHA MAIS OS MESMOS OLHOS VIRGENS SOBRE O MUNDO, ESSA ALMA UTOPICA ME REVISITA COM FREQUÊNCIA E ME REGURGITA, FAZENDO ACREDITAR QUE TUDO OU QUASE TUDO É POSSÍVEL. ALMIR É UM HOMEM QUE EMPRESTA AOS ALUNOS, COM TODA A HUMILDADE E SABEDORIA, A SUA PAIXÃO PELO OFÍCIO, TANTO NA CONDIÇÃO DE DIRETOR COMO NA DE MESTRE. ELE CONTAMINOU, NO MELHOR DOS SENTIDOS, MUITOS DE NÓS COM O VÍRUS DA ARTE E A FORÇA QUE ELA TEM SOBRE A NOSSA SOCIEDADE. OBRIGADO, ALMIR."

MAURO VIANNA, EX-ALUNO E ATOR

A 1ª direção do Pe. Lauro

Em julho de 1979, Pe. Almeida foi designado diretor das Filhas da Caridade da Província de Belo Horizonte, seguindo depois para Roma, como Assistente Geral da Congregação da Missão. Assumiu, então, a direção do colégio, Pe. Lauro Palú. Com extensa formação acadêmica e intelectual, Padre Lauro, cujo nome encabeçava a lista de candidatos apresentada pela comunidade do colégio, foi eleito pelo Conselho Provincial para um mandato de seis anos. Com mais de quinze anos trabalhando na formação de padres em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em São Paulo, e ministrando aulas de filosofia em universidades, ele assumiu a direção do São Vicente logo no início de 1980.

“Minha experiência profissional até vir trabalhar no CSVP era totalmente diversa da que se exige de um educador num colégio” recorda-se Padre Lauro, que, em seus primeiros meses precisou andar com uma prancheta na mão, num esforço de entender como funcionava o colégio. Havia também

PE. LAURO COM O PAPA JOÃO PAULO II, NA MISSA PELOS 250 ANOS DE CANONIZAÇÃO DE SÃO VICENTE DE PAULO, REALIZADA EM ROMA, EM 1987



O NOVO DIRETOR COMEMORA OS 20 ANOS DA APM

uma infinidade de siglas para memorizar, SOP, SOE, CoC, e todo um jargão da vida escolar que não lhe era ainda muito familiar. Mas ele assumiu o desafio, compensando todos os obstáculos com a sensação de estar cumprindo o objetivo da Congregação da Missão. “Sentimos que não bastava formar padres. Era preciso formar também os leigos, para que levassem a sério sua vocação cristã e se empenhassem em ajudar os mais pobres”.

Além de aprender no tranco a administrar uma escola com mais de mil alunos, Pe. Lauro teve que dispor de tempo para voltar à universidade. Precisava tirar o título de Complementação Pedagógica, que era exigido pelo Ministério de Educação para o cargo de direção. E sua obrigação era ainda maior, pois representava, em sala de aula, todo um colégio. “Trabalhava manhã, tarde e noite para obter boas notas, pois, além de mim, estava em jogo a imagem do São Vicente.” E, como não poderia deixar de ser, foi, de fato, um excelente aluno na Faculdade de Pedagogia, da Santa Úrsula. Com muita habilidade e dedicação, Pe. Lauro conseguiu dividir

seu tempo, cumprindo todas as suas tarefas frente à direção do São Vicente e terminando o curso de Pedagogia com louvor. Foi também com muita habilidade que ele conseguiu contornar certa hostilidade que sentiu logo ao assumir a posição de diretor do colégio. Foi grande o desafio de vencer a desconfiança por parte de algumas famílias que se identificavam com o seu antecessor. Pe. Almeida era, sem dúvida, muito querido por todos. Talvez por isso o olhassem com desconfiança, como se fosse ele, Pe. Lauro, o responsável pela saída do antigo “dono da casa”. “Não fui muito bem recebido no início. Quem estava bem com ele, tinha medo de não estar bem comigo”, lembra-se. Uma das principais preocupações do novo diretor, desde o início de sua gestão, foi o de manter uma relação fraternal com o Pe. Almeida, que havia sido seu professor no seminário e pelo qual sentia muita admiração e respeito. De acordo com Pe. Lauro, algumas pessoas tentavam até colocar um contra o outro. Mas a grande amizade que havia entre os dois perdurou até a morte do Pe. Almeida, em maio de 1999.

Entre os momentos mais marcantes de seu primeiro mandato como diretor do CSVP, Pe. Lauro cita as Jornadas Pedagógicas. “Aquele foi um momento muito dinâmico e bonito, em que tentamos repassar a filosofia do colégio aos novos funcionários, em uma série de reuniões com pais e mestres”. As jornadas daquele ano, frente à crise de 1983, tiveram o objetivo de recuperar o projeto pedagógico do colégio. “Durante as jornadas pedagógicas, tentamos recuperar as teorias do Paulo Freire, que não eram bem conhecidas por alguns professores”, explica Nina Maria Cunha, que participou também dessas discussões, logo no início do primeiro semestre de 1984, e que atualmente responde pela Coordenação Pedagógica do colégio. Neste mesmo ano, o CSVP comemorava seus 25 anos. Pe. Lauro lembra com especial gosto e alegria as

Palestras e debates movimentaram o CSVP no início dos anos 80, com a presença de líderes políticos e intelectuais

Duas intervenções

Em sua 1ª direção, Pe. Lauro enfrentou dois processos. O primeiro, em 80, provocado pela peça “Deus e o Povo – Minha Ira e Minha Esperança”, que expunha a diferença entre uma Igreja tradicionalista e uma progressista, as concepções de vida, a visão de mundo, o sentido da presença dos cristãos e as consequências práticas na vida. Denunciado à Cúria arquidiocesana por um pai de aluno, o espetáculo foi suspenso e o processo durou quase um semestre. A direção do colégio, com a coordenação, a APM, o diretor teatral, alguns atores e pais, se reuniu com o Bispo Auxiliar, encarregado do assunto. A direção defendeu a autonomia do colégio e o exercício da liberdade. A peça fora encenada pelo grupo teatral Calabouço, que, por pouco, não ficou conhecido como o “Cala a Boca”.

as comemorações do Jubileu de prata do colégio.

Desde o início, o objetivo era oferecer uma educação crítica; e já em 1968, o São Vicente vinha com os princípios da educação libertadora, passando depois para uma educação para a justiça e, por fim e até os dias atuais, uma educação para a transformação social. “O Jornal do Brasil fez uma grande matéria sobre os 25 anos do São Vicente, valorizando justamente o papel do colégio em formar agentes de transformação social”, destaca Pe. Lauro.

Sua atuação à frente do São Vicente, nesta 1ª direção, foi relativamente curta; ele ficou até 1986, quando deixou a direção do colégio para assumir o cargo de Assistente-Geral em Roma, onde viveria durante 12 anos. Mas neste curto espaço de tempo, foram muitas as realizações. Uma das primeiras conquistas foi a concretização de um antigo sonho, a inauguração do ginásio e das quadras poliesportivas, que se deu em 1981, incrementando os torneios no colégio e estimulando ainda mais a prática de esportes e atividades físicas. Pe. Lauro também participou ativamente da produção da revista *A Chama*, que ganhou uma nova roupagem, com o elegante projeto gráfico desenvolvido por diagramadores do *Jornal do Brasil*, que é motivo de satisfação para o diretor até



ELEIÇÃO DO MINI-GRÊMIO, EM 1983

hoje. Sua atenção para com os assuntos da escola e de toda a comunidade vicentina era evidente no seu empenho para fortalecer ainda mais a integração entre pais e escola, valorizando o trabalho da APM e realçando o papel participativo e transformador das ações e campanhas desenvolvidas no colégio.

Ainda sob sua direção, o Colégio São Vicente foi palco de debates sociais e políticos históricos. Palestras e ciclos de debates movimentaram o auditório do colégio durante esse período, que coincidiu com o fim do regime militar e o movimento pelas Diretas. Alguns desses debates contaram com a presença de líderes políticos e intelectuais que haviam sido perseguidos durante a ditadura, como o teólogo Frei Beto e o ex-governador Leonel Brizola.

Em 82, o CSVP foi denunciado ao Juizado de Menores por terem projetado o filme “Pixote – a Lei do Mais Fraco” para menores de 18 anos. A ideia do professor de Literatura era comparar a linguagem literária de José Louzeiro em “A Infância dos Mortos” com a linguagem cinematográfica de Hector Babenco. O processo acabou arquivado e o “indivíduo” ou o “elemento” Lauro Palú, como diretor do Colégio, e o professor, que haviam sido indiciados, puderam finalmente dormir tranquilos. Na revista *A Chama* / 1982), Pe. Lauro comparava “Pixote – a Lei do Mais Fraco” ao filme “Menino do Rio”; o primeiro proibido para menores de 18 anos, o outro, para menores de 14. “Qual o mais ‘pornográfico?’”, perguntava-se ele. “Qual subverte mais os valores sociais: o que denuncia o problema do menor abandonado ou o que incentiva a alienação dos jovens?”

Inauguração do ginásio

Quem olha o São Vicente do alto, se dá conta de que quase a metade do terreno do colégio é ocupada pelas quadras poliesportivas e o ginásio. Mas essa paisagem já foi era bem diferente. No terreno sobre o qual foi construído o complexo esportivo, havia uma grande casa, cercada de muitas palmeiras.

Até meados da década de 70, o único espaço destinado à prática de esportes coletivos era o pequeno pátio do colégio. Mas a barulheira que vinha das peladas e a disputa por aquele pequeno espaço levaram o colégio a comprar o terreno ao lado e construir ali um grande campo de areia.

O campo tinha uma grande vantagem: não havia chuva que impedisse os alunos de bater uma pelada durante o recreio. A contrário da quadra de cimento, onde o risco de acidente em dias de chuva é enorme, o campo de areia não oferecia perigo algum aos jogadores.

Mas dois fatores pesavam contra ele. O primeiro era o rastro de areia (ou lama, nos dias chuvosos) deixado pelos sapatos dos alunos em todo o trajeto entre o campo e a sala de aula. O outro era a impossibilidade de usar aquele

espaço para a prática de outros esportes que não o futebol.

O campo de areia foi cimentado, para a alegria de uns e tristeza de outros. O espaço deu origem a duas quadras polivalentes ao ar livre. Poucos meses depois, o ginásio foi finalmente inaugurado. “O ginásio nos ajudou a organizar a prática de esportes no colégio”, explica o coordenador de educação física, Paulo Nascimento, contratado

como professor em 1974, aos 21 anos de idade.

Paulo lembra, no entanto, que o projeto do ginásio, construído pela empresa responsável pela obra de contenção da encosta, tinha uma série de erros, consertados uma década mais tarde. “Para se chegar até as arquibancadas, era preciso passar pelo meio da quadra. Tivemos, então, que trazer a arquibancada para o outro lado.”



A MISSA NA INAUGURAÇÃO DO GINÁSIO, CELEBRADA POR PE. LAURO

A Festa de inauguração

Comemorada com desfiles, jogos de futebol e teatro no dia 26 de setembro de 1981, a inauguração do ginásio poliesportivo coincidiu com o aniversário de fundação do SVP e o quarto centenário de nascimento de São Vicente, patrono do colégio.

Uma missa celebrada pelo Padre Lauro abriu as festividades, que contaram com a participação de pais, alunos e funcionários. Barraquinhas enfeitadas vendiam doces e salgados no pátio interno, onde também se exibiram grupos de capoeiristas. Enquanto isso, carros alegóricos construídos pelos alunos entravam pelo portão e subiam a rampa do colégio, arrancando gargalhadas. Um dos carros simulava um elefante e era pilotado por vicentinos fantasiados de indianos.

A festa terminou com a apresentação da peça “Tistu, o Menino do Dedo Verde”, em adaptação livre do dramaturgo Cláudio Botelho. O espetáculo foi encenado no auditório pelos alunos do Ensino Fundamental, integrantes do grupo Faz-Escuro-Mas-Eu-Canto.

Também foram introduzidas mudanças na organização das competições. Foram extintas as modalidades individuais, como atletismo e natação. Como o colégio não tinha piscina nem pista para corrida, essa parte das olimpíadas era realizada no Forte São João e no Clube de Regatas do Botafogo, que cediam seu espaço gratuitamente. Com o fim do empréstimo, o colégio foi obrigado a eliminar esses dois esportes das olimpíadas.

As novas quadras poliesportivas possibilitaram a introdução de outros esportes, como o handebol, nas aulas de educação físicas e nos campeonatos vicentinos. A partir deste momento, os alunos puderam optar entre o já citado handebol, o vôlei de quadra, o futsal e o basquete.



À ESQUERDA, PAULO DISCURSA NA ABERTURA DAS OLIMPIADAS 98. ACIMA, ILUSTRAÇÃO DE ZIRALDO, A TORCIDA DA TURMA 61, NAS OLIMPIADAS DE 2000, E O TIME CAMPEÃO DE VÔLEI EM 94, NO SANTO INÁCIO. À DIREITA, A QUADRA REFORMADA NOS DIAS DE HOJE, NA FOTO DO PE. LAURO. ABAIXO, O TIME DE FUTEBOL DO 25º INTERCOLEGIAL O GLOBO, NO COLÉGIO SALESIANO, EM JUNHO DE 2007



CAROLINA PEIXINHO, DA TURMA DE 1999, É CRAQUE EM BASQUETE E HANDEBOL E GANHOU VÁRIOS TORNEIOS REPRESENTANDO O COLÉGIO. CURSOU EDUCAÇÃO FÍSICA E AGORA DÁ AULAS PARA TURMAS DO 4º E 5º ANO. "ELES FAZEM DE TUDO PARA NÃO FICAR SEM AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. OS JOGOS SÃO VARIADOS: VÃO DESDE QUEIMADO ADAPTADO, A STREET BALL E MINI VÔLEI", EXPLICA CAROL, QUE HOJE FAZ MESTRADO EM ENGENHARIA BIOMÉDICA NA UFRJ. "MAS O FAVORITO DA GAROTADA É O "DODGE BALL" (INSPIRADO NO FILME "COM A BOLA TODA"), PORQUE NESSE "ESPORTE" TODA A TURMA JOGA JUNTO. OS ALUNOS ADORAM TRAZER NOVIDADES PARA AS AULAS. AS BRINCADEIRAS, ASSIM COMO OS ESPORTES AJUDAM NO AMADURECIMENTO, NA CONVIVÊNCIA E TRABALHAM AS EMOÇÕES, ALÉM DE PROPICIAREM O BEM-ESTAR FÍSICO."



Debates e palestras

Logo no início dos anos 80, debates e palestras movimentaram o CSVP, com a presença de grandes políticos e intelectuais. O teólogo Frei Beto, o jurista Raimundo Faoro e o jornalista e político Arthur da Távola, este último com três filhos no colégio, foram algumas das figuras expoentes que contribuíram para o sucesso dos eventos. O São Vicente demonstrava, através da participação dos alunos em questões nacionais, sua preocupação em oferecer uma educação ampla, de forma a contribuir para formar cidadãos responsáveis e, principalmente, agentes de transformação social. A capacidade reflexiva e crítica de seus alunos foi sempre um ponto de destaque, tornando-se um diferencial dos mais importantes. “Já na faculdade, é possível identificar aqueles que estudaram aqui”, ressalta Pe. Lauro, atual diretor do colégio.

Debates para Governador

Em 1982, as primeiras eleições majoritárias desde o início do regime militar movimentaram o auditório do São Vicente, numa série de debate envolvendo os candidatos a vereador, deputado estadual e federal, senador e governador. Com a extinção do sistema bipartidário, que dividiu a classe política brasileira em duas legendas – a governista Arena (Aliança Renovadora Nacional) e o oposicionista MDB (Movimento Democrá-

AO LADO, ARTHUR DA TÁVOLA, CANDIDATO AO SENADO PELO PMDB. ABAIXO, LEONEL BRIZOLA, DO PDT, ACENA PARA O AUDITÓRIO LOTADO E A CAPA DA A CHAMA DE SETEMBRO DE 82



tico Brasileiro), voltaram à cena importantes lideranças políticas, como Leonel Brizola, recém-chegado de Portugal, onde vivera exilado.

O MDB, transformado em PMDB, lançou a candidatura do deputado Miro Teixeira, aliado de primeira hora do então governador Chagas Freitas. Já o PDS, herdeiro direto da Arena, trouxe o nome de Moreira Franco.

Fundado em 1980, o Partido dos Trabalhadores (PT) teve como representante o líder oposicionista Lysâneas Maciel. Depois de romper com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Brizola



fundou o Partido Democrata Trabalhista (PDT), e decidiu candidatar-se, também, ao governo fluminense.

Durante os meses que precederam este pleito histórico, o Grêmio, a Direção do São Vicente e a APM, organizaram o seminário “A Política posta em questão”, no qual todas as correntes ideológicas foram representadas, cada uma com seus candidatos e suas propostas.



A ORGANIZAÇÃO DE DEBATES TORNOU-SE UMA TRADIÇÃO DO SÃO VICENTE AO LONGO DAS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS. A CADA NOVA ELEIÇÃO, CANDIDATOS DE DIVERSOS PARTIDOS VÊM AO COLÉGIO EXPOR, NUM AMBIENTE RESPEITOSO E DEMOCRÁTICO, SEUS PROJETOS PARA A CIDADE, O ESTADO E O PAÍS. FOI ASSIM EM 92, NAS DISPUTA PELA PREFEITURA, QUANDO SE ENFRENTARAM A PETISTA BENEDITA DA SILVA, ESCORADA EM SEU SLOGAN “MULHER, NEGRA E FAVELADA”, E O EX-BRIZOLISTA CÉSAR MAIA, QUE GOVERNARIA A CIDADE POR 12 ANOS. EM 2004, A ESQUERDA CARIOCA, FRAGMENTADA, ESTEVE REPRESENTADA PELOS CANDIDATOS JANDIRA FEGHALI (PCDOB) E JORGE BITTAR (PT). QUATRO ANOS MAIS TARDE, O CANDIDATO VERDE FERNANDO GABEIRA, APOIADO PELA MAIORIA DOS ALUNOS PRESENTES, DIVIDIU A MESA COM O RIVAL PETISTA ALESSANDRO MOLON E O EX-PETISTA (E EX-PROFESSOR DE HISTÓRIA DO CSVP) CHICO ALENCAR (PSOL).



AO ALTO, FREI BETTO IMPRESSIONOU O AUDITÓRIO COM DEPOIMENTO SOBRE AS TORTURAS, NO CICLO DE PALESTRAS. ACIMA, PE. LAURO NA MESA DE DEBATE COM MOACYR DE GÓES, MODERADOR

Os debatedores foram sabatinados por um auditório sempre lotado. Estiveram presentes nas noites de debate o deputado Célio Borja, candidato ao Senado pelo PDS, os professores Carlos Alberto Afonso e Henriette Amado, representando o PTB, os candidatos a Senador pelo PMDB Arthur da Távola e Mário Martins, e os postulantes ao Palácio da Guanabara Leonel Brizola,

do PDT, e o petista Lysâneas Maciel.

Quando a campanha começou, as primeiras pesquisas colocavam Brizola na quarta posição na disputa para governador do Rio de Janeiro, com 6% das intenções de voto. Mas de azarão ele passou a favorito e acabou levando as eleições por 34,2%, contra 30,6% de Moreira Franco e impondo uma dura derrota ao *establishment*, que apostara todas as suas fichas no candidato do PDS.

Ciclo de Palestras

Os brasileiros ainda estavam se reacomodando com a livre circulação de ideias e a prática do debate, quando professores do São Vicente decidiram promover, em 1983, o ciclo de palestras “O Brasil de 64 à abertura”, do qual participaram alguns dos principais críticos da ditadura.

Para tentar entender o período autoritário, que já se aproximava do fim, foram convidados o teólogo Frei Betto, o jurista Raymundo Faoro, os jornalistas Wilson Figueiredo e Márcio Moreira Alves e o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.

Com o senso de humor que lhe era peculiar, Márcio Moreira Alves, ou Marcito, como era conhecido, abriu o ciclo de debates falando de sua experiência pessoal como deputado e jornalista durante a ditadura militar e sobre o seu célebre discurso no plenário da

Câmara, visto como o estopim da crise que de-sembocou no Golpe de 1964.

Num depoimento emocionado, Frei Betto relembrou as torturas sofridas por ele e seus companheiros. “É preciso denunciar para que isso nunca mais se repita”, alertou Betto, que acabara de lançar o livro de memórias “Batismo de Sangue”, transformado em filme duas décadas mais tarde.

Na semana seguinte, o então editor de política do Jornal do Brasil Wilson Figueiredo descreveu algumas das idiosincrasias do governo militar. “Havia legalidade, mas não legitimidade”, lembrou.

Ex-militante da Juventude Universitária Católica (JUC), Betinho falou sobre a relação entre a Igreja e a política no Brasil. Também participou desse debate o então Coordenador do São Vicente, Hugo Paiva. Betinho, que era pai de aluno, declarou, durante a sua palestra que “o futuro do Brasil se cruza com o futuro da Igreja”.

Fechando o ciclo de debates, o jurista Raymundo Faoro, autor de “Os donos do poder”, um clássico da sociologia brasileira, deu uma aula sobre as diversas formas de governo. Profundo conhecedor do sistema político brasileiro e ex-presidente da Organização dos Advogados do Brasil (OAB), Faoro fez uma palestra sobre as perversidades do Estado autoritário.



AO LADO, D. JOÃO CONVERSA COM PE. ALMEIDA, LEMBRANDO-SE DO TEMPO EM QUE ERA ALUNO DO SÃO VICENTE, AO FINAL DO EVENTO EM QUE FALOU SOBRE A MONARQUIA. DOIS DIAS ANTES, CIRO GOMES DEFENDEU O PARLAMENTARISMO. ABAIXO, À MESA, ELE APARECE COM ANTONIO GOIS, DO GRÊMIO.



MONARQUIA OU REPÚBLICA?

EM 1993, QUANDO O ELEITORADO BRASILEIRO EXPERIMENTAVA UMA ESPÉCIE DE RESSACA POLÍTICA, APÓS O IMPEACHMENT DO PRESIDENTE FERNANDO COLLOR, FOI ORGANIZADO UM PLEBISCITO PARA DETERMINAR A FORMA E O SISTEMA DE GOVERNO QUE REGERIAM O ESTADO BRASILEIRO. ERAM TRÊS OPÇÕES: A VOLTA DA MONARQUIA, A CRIAÇÃO DE UMA REPÚBLICA PARLAMENTARISTA E OU A MANUTENÇÃO DA REPÚBLICA PRESIDENCIALISTA. EM DEBATES NO AUDITÓRIO DO CSVP, ESTIVERAM PRESENTES O PRÍNCIPE D. JOÃO ORLEANS E BRAGANÇA, EX-ALUNO DO COLÉGIO, REPRESENTANTE DA FAMÍLIA REAL E DEFENSOR DA MONARQUIA, E O ENTÃO GOVERNADOR DO CEARÁ, CIRO GOMES, QUE ENTRARA DE CABEÇA NA CAMPANHA PELO PARLAMENTARISMO.

“CIRO ERA UMA DAS LIDERANÇAS POLÍTICAS EMERGENTES NAQUELA ÉPOCA E COGITADO COMO UM DOS MAIS PROVÁVEIS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA”, LEMBRA O JORNALISTA ANTONIO GOIS, IDEALIZADOR E MODERADOR DO DEBATE. “NINGUÉM ACREDITAVA QUE ELE PUDESSE VIR AO DEBATE. A PRESENÇA DELE MOSTROU O PRESTÍGIO DO COLÉGIO.”

A vigília

O ano de 1983 chegava ao fim com o anúncio de novos ventos na política nacional. O movimento Diretas Já havia sido deflagrado e alimentava o sonho de democracia. Estudantes já tinham saído de férias e preparavam-se para curtir o verão, quando uma notícia reverteu os planos de todos, precipitando um movimento que ganhou destaque em vários jornais do país.

No dia 22 de dezembro, chegou aos alunos a informação de que o coordenador Aluisio de Oliveira e outros dez professores tinham sido demitidos,

Este movimento denominado 'vigília' foi o pleno exercício do ensinamento do colégio (...), pois lutávamos por aquilo que acreditávamos como sendo o mais justo à época

Claudio Álvares Sabatini,
ex-aluno do CSVP, que participou da vigília

porque a escola estava passando por um “remanejamento administrativo”. Não aceitando as razões apresentadas pela direção da escola, os alunos, com apoio de muitos pais e do sindicato de professores, iniciaram uma vigília, que duraria três semanas.

Enrolados em cobertores e sacos de dormir, os alunos, com idade entre 13 e 20 anos, montaram um acampamento improvisado no pátio do colégio, pedindo o retorno dos professores exonerados. Na visão dos estudantes, a exoneração dos funcionários fora motivada por questões de natureza ideológica e por uma divergência entre os professores e a Direção do São Vicente.

Na noite de Natal, os manifestantes, para não interromper a vigília, organizaram uma ceia coletiva no pátio do colégio. O dinheiro arrecadado num pedágio feito em frente ao São Vicente, foi usado na compra de comida e bebida para cerca de 400 pessoas, entre alunos, ex-alunos, pais e professores.

Já se programava o “Réveillon da Vigília” - “com direito a muito vinho e peru”, como anunciavam os manifestantes - quando uma luz começou a brilhar no fim do túnel. Na busca de uma solução para a crise, foi organizada uma assembléia, no ginásio do colégio,

co-partidárias ou de adesão a reivindicações salariais”.

Parte dos professores demitidos foi contratada pelo Ceat, pondo fim à crise que marcou o aniversário de 25 anos do CSVP. Um grupo de 293 alunos decidiu cancelar suas matrículas para o ano de 1984 e anunciou a sua transferência para o Centro Educacional Anísio Teixeira, em Santa Teresa, onde até então não existia o 2º grau (Ensino Médio).

Em entrevista na página 42, Pe. Lau-ro explica como se deu o início da crise e as decorrências de todo o processo. O atual diretor, que estava à frente do



à qual estiveram presentes o Superior Provincial da PBCM (Província Brasileira da Congregação da Missão), Padre Alpheu Ferreira, e mais 1.500 pessoas, entre pais, alunos e professores.

A crise se estendeu até 12 de janeiro, e nesse tempo foram organizadas outras assembléias. A PBCM confirmou o seu apoio à decisão tomada pela direção do colégio. À época, a Congregação afirmou, em uma nota, que “alguns professores, especialmente do 2º Grau, desenvolviam um trabalho paralelo à direção do colégio” e “exerciam influência visando angariar simpatias políti-

CSVP também naquela época, confessa não ter sido fácil. Não há dúvida de que foi um momento difícil para o colégio. E também para os pais, alunos e professores. Mas, de certo, houve um crescimento. A Jornada Pedagógica, onde se procurou reiterar a filosofia do São Vicente, tendo por base o trabalho de Paulo Freire e a Educação Libertadora, é um exemplo disso. Foi organizada logo no início do ano letivo de 84, justamente para receber os novos professores da casa. “O colégio tomou um novo impulso”, conforme ressaltou o diretor.

Depoimento de um ex-aluno

Cláudio Álvares Sabatini era aluno do São Vicente em 1983; junto com seus colegas, também participou da vigília. Aquilo foi um marco para ele e para a história do colégio. Mas em sua memória ficou apenas a lembrança. Não há mágoas. Se eles que aderiram à vigília tinham ou não razão; se houve, de fato, manipulação por parte dos sindicatos; se a reformulação era necessária ou se poderia ter sido feita de outra forma são questões que já não têm muita importância para Cláudio. Orgulhoso do colégio em que estudou, não teve dúvida quanto à formação que queria para os seus filhos, Gabriel e Mariana, que estudam nas turmas 503 e 302. De volta ao Colégio São Vicente, agora como Pai de Aluno, ele dá seu depoimento:

"É inesquecível a experiência vivenciada por mim e por uma geração de alunos há 26 anos atrás, quando, em uma ação administrativa da direção em dezembro de 1983, foram demitidos 10 professores e o coordenador do 2º grau.

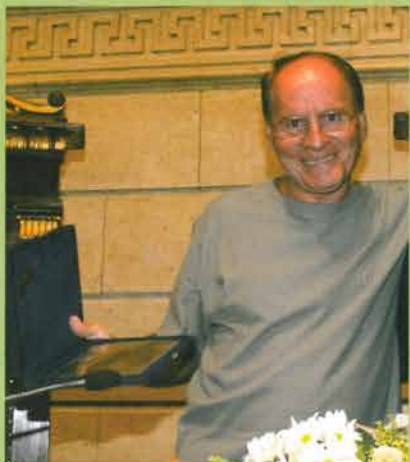
Ficamos 21 dias dentro do colégio (dormindo, passando o dia de Natal e de Ano Novo) em vigília, pressionando e aguardando o resultado das negociações para a readmissão daqueles professores que tanto estimávamos.

No final, a direção manteve a sua posição e como resultado, mais de 200 alunos saíram do CSVP em 1984. Passados esses anos todos, avalio que este movimento denominado 'vigília' foi o pleno exercício do ensinamento do colégio como 'agentes de transformação social e de consciência crítica', pois lutávamos por aquilo que acreditávamos como sendo o mais justo à época e aquela maioria de adolescentes não tinha noção de interesses partidários, sindicais e políticos que possivelmente permeavam aquele movimento.

A força que tínhamos para dormir no chão da quadra do ginásio e de outras dependências da escola era de amor ao CSVP e de solidariedade ao próximo. Cabe ressaltar que este movimento ocorreu no fim do

governo militar e que nos 21 dias de vigília, a direção do colégio não solicitou auxílio das forças policiais para a retirada dos alunos e não cortou a água e a luz, possibilitando que as condições mínimas de segurança e de higiene fossem mantidas. Neste contexto, foram efetuadas assembléias e saraus para arrecadar dinheiro para nossa manutenção dentro do colégio.

Hoje posso afirmar que toda a minha formação de cidadão e da minha capacidade de análise crítica foram construídas em todo o período em que estudei no CSVP e foi com base nisso que aqui matriculei os meus filhos com toda a felicidade e convicção da excelência da formação pedagógica e sobretudo humana que posso proporcionar a eles. Diga-se de passagem, que fui muito bem recebido pelo Padre Lauro, por ocasião da matrícula, e conversamos longamente sobre aquele período e sobre o aprendizado positivo e negativo daquela experiência. Finalizando, considero que a presença, no churrasco de comemoração dos 50 anos do CSVP, de vários ex-alunos daquela geração, do grande contingente de ex-alunos que aqui matriculam seus filhos e a própria oportunidade de dar este depoimento refletem o orgulho e o sentimento que é ser um 'vicentino'."



O PROFESSOR DRAGO, DE MATEMÁTICA, ENTROU PARA O CSVP QUASE GAROTO, RECÉM-FORMADO, EM MARÇO DE 1971. TINHA 22 ANOS NA ÉPOCA. FOI PE. ALMEIDA QUEM CELEBROU A CERIMÔNIA DE SEU CASAMENTO, EM 1972. SEUS FILHOS ESTUDARAM NO COLÉGIO, E ELE AGORA TEM 3 NETOS. TODOS FORAM BATIZADOS NO SÃO VICENTE. NO CINQUENTENÁRIO, ELE TEM MOTIVO DE SOBRA PARA SE ORGULHAR. RECEBEU UMA PLACA PELO SEU TRABALHO E SUA DEDICAÇÃO AO COLÉGIO, NO CHURRASCO DOS EX-ALUNOS, ALÉM DO RECONHECIMENTO PÚBLICO, EM HOMENAGEM REALIZADA NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO DE JANEIRO, EM 16 DE NOVEMBRO DE 2009. SOBRE A CRISE EM 83, DIZ ELE:

"EU ERA AMIGO DE TODO MUNDO.
SENTI MUITO. O CORAÇÃO FICOU APERTADO.
CHEGUEI A PENSAR EM QUE RUMO O COLÉGIO IRIA TOMAR.
PERMANECI, ESTOU AQUI ATÉ HOJE E ME SINTO MUITO FELIZ!"

A Crise do Crescimento

Pe. Lauro Palú, à época Diretor do CSVP, explica nesta entrevista as dificuldades que teve de enfrentar frente à crise e o lado bom de toda a história no impulso resultante das Jornadas Pedagógicas, em 84.

Como foi a crise de 83-84?

Foi uma crise de crescimento. No final de 1983, resolvemos, na Direção do Colégio e da Província, proprietária e mantenedora do São Vicente, que seria necessário um remanejamento administrativo, para realizarmos nossos objetivos. Dispensamos 11 Professores e Professoras e iríamos selecionar outros.

Era realmente necessário demitir tantos professores? Como exatamente tudo começou?

As demissões acontecem, quase todo ano, talvez não com tantos juntos, no mesmo dia. Como disse, isso fazia parte de uma reformulação. Começou um movimento de solidariedade aos professores demitidos, para que eles fossem readmitidos. Para isso, de 23 de dezembro até 12 de janeiro de 1984, ocuparam o Colégio grupos de Professores, Alunos e Pais. O prédio chegou a ser danificado com a ação de pichadores, quando mantivemos a decisão que tínhamos tomado. Vieram pessoas de sindicatos, conhecidos dos demitidos, amigos de campanhas políticas, etc.

Houve esforços de conciliação nesses dias, para desbloquear o Colégio?

Alguém me disse, imaginando que havia motivações políticas na nossa decisão: "Se houver algum que foi demitido só por incompetência, você poderia readmiti-lo, para dar um sinal de boa vontade de sua parte". Agora imaginem, readmitir alguém apenas porque era incompetente...

Na ocasião não se falou de mais nada, como motivação. Por que, afinal, dispensou esses 11?

Temos um objetivo, como Colégio católico e vicentino: Foi justamente nessa ocasião que formalizamos a apresentação do nosso objetivo como FORMAR AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL. E vocês vejam que coisa bonita: os Alunos e suas Famílias querendo participar, como sempre pedimos, como parceiros corresponsáveis. Não estranhei a adesão deles aos Professores. Procuramos ser muito éticos, nunca falamos nada contra nenhum deles, porque iriam procurar trabalho em outras escolas, e não acusamos ninguém de nada.

Hoje, o senhor diria alguma coisa a mais?

O que posso dizer, e digo com muito gosto, é que o Colégio tomou um novo impulso, a partir da semana pedagógica de 1984, quando tivemos uns 18 ou 19 Professores novos, aos quais quisemos apresentar os objetivos e os processos do Colégio São Vicente, ganhando-os para colaborar conosco nessa vibração e no ideal que nos caracteriza até hoje.

Dispensou 11 e contratou 19? Alguns valiam por dois?

É que, depois dos fatos, alguns dos que não haviam sido dispensados disseram que perderam a confiança no Colégio ou em mim e, em algum caso, eu perdi a confiança em mais algum, não pela solidariedade, mas talvez pelo modo como se manifestaram, pela divisão que criaram, contra os que desejaram colaborar conosco nessa retomada. Acabamos dispensando mais alguns...

O que houve de especial na Semana Pedagógica de 1984?

Como sempre, foi preparada com muito carinho e competência pelas nossas Coordenações. Houve apresentação do projeto educativo, da filosofia educacional do Colégio, de nossos processos, de nossas aspirações mais profundas, porque precisaríamos de ter gente afinada com o pensamento da Igreja, mesmo que não fossem de prática religiosa explícita. Estávamos caminhando para o fim dos governos militares, acabava a obrigatoriedade do ensino profissionalizante e aproveitamos os espaços para introduzir estudos de tipo mais reflexivo, numa matéria que se chamou Introdução às Ciências Humanas, na qual os Alunos escolhiam Introdução à Psicologia, Aprender a Pensar ou a Filosofar e Introdução à Sexualidade Humana (e a meninada perguntava se iam mandar dever de casa.)...

Como é que foi retomar o São Vicente, após as dificuldades do fim do ano?

Naquela ocasião, saíram muitos Alunos que foram abrir com alguns dos Professores um novo Segundo Grau, como se chamava naquele tempo o Ensino Médio. Reduzimos o total de Alunos para uns 1600 e temos mantido este número até hoje, para não sobrecarregar os Professores e não apertar as turmas nas salas. O Terceiro Ano deixou de ter 55, até 57 Alunos, com mais atenção a cada um e ajuda mais direta, na informação profissional, por exemplo, sem tanta insistência só nos vestibulares.

Alguma lembrança especial dessa fase que marcou exatamente os 25 anos do Colégio?

Guardo muito boa lembrança do que aguntei, do apoio que nos deram amigos e colegas de toda parte, do Brasil e de fora, a paz que tivemos em 1984, o crescimento da adesão das Famílias a nosso espírito vicentino, a explicitação do nosso objetivo de formar gente que possa mudar esse mundo...

Vou citar o que um dos Professores contratados nessa ocasião escreveu na revista do primeiro semestre de 1984: "Com base nos valores que Jesus Cristo viveu e que a Igreja propõe como fermento de transformação social, usando o método que é a Educação Libertadora, compreendemos o grande objetivo do Colégio, que é o de formar Agentes de Transformação Social, criadores de um tipo novo de sociedade, alicerçada na dignidade humana, na personalização, na justiça, na fraternidade" (A CHAMA, Ano XI, n. 41, p. 4).

Jornadas Pedagógicas

Com a chegada de uma turma grande de novos professores, as jornadas pedagógicas de março de 1984 tiveram uma importância especial. Realizadas sempre no início de cada ano letivo, nas jornadas daquele ano procuramos ressaltar os princípios que norteavam o ensino no colégio.

Durante os encontros, aos quais estiveram presentes mais de 700 pessoas, foi promovido um amplo debate sobre as teorias desenvolvidas pelo pedagogo Paulo Freire e adotadas pela direção do São Vicente durante as décadas de 60 e 70.

“Trabalhava-se a educação libertadora sem saber o que era exatamente”, comenta a coordenadora pedagógica Nina Vernes. “Os alunos achavam que esse termo pressupunha liberdade para tudo. Mas não se davam conta de que essa liberdade era uma liberdade individualista, que não considerava os direitos dos outros.”

Diante do contexto político que o país atravessava, poucos professores ousavam adotar medidas que pudessem ser classificadas como “autoritárias” por pais e alunos. Mas, segundo a direção da escola, era preciso trabalhar com certos limites, dentro e fora da sala de aula.

“Alguns estudantes entendiam que só precisava entrar na sala de aula quem quisesse. As Jornadas Pedagógicas em 84 serviram para modificar algumas dessas práticas”, explica Nina. “Mas também houve uma necessidade muito grande de incluir novas discussões no currículo escolar”.

“Tentamos recuperar as teorias do Paulo Freire, que ainda não eram bem conhecidas pelo grupo de novos professores”

Nina Maria Cunha

Foi decidido, então, que cada professor iria elaborar, com os colegas de sua disciplina, um currículo inovador, contendo objetivos, conteúdos, métodos e sistemas de avaliação, que seriam desenvolvidos com os alunos durante todo o ano letivo.

Outra novidade surgida em 84 foi a inclusão, no 2º ano do Ensino Médio (antigo 2º Grau), dos cursos de Introdução às Ciências Humanas, que se dividiam em três: “Introdução à Psicologia”, “Introdução à Sexualidade Humana” e “Aprender a Pensar ou a Filosofar”.



ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS DA EDUCAÇÃO NO SÃO VICENTE

EDUCAÇÃO BANCÁRIA X EDUCAÇÃO DIALOGAL

NA EDUCAÇÃO BANCÁRIA, O PROFESSOR (QUE SABE) DEPOSITA OS CONHECIMENTOS NA CABEÇA DOS ALUNOS (QUE NÃO SABEM) E PODE DEPOIS “COBRÁ-LOS” NOS TESTES, NA PROVA. NA EDUCAÇÃO LIBERTADORA, O PROFESSOR E O ALUNO CONSTROEM JUNTOS O CONHECIMENTO, PELO DIÁLOGO, PELA TROCA DE CONHECIMENTOS, MEDIADOS PELA INTERAÇÃO TRANSFORMADORA DO MUNDO.

OBJETO X SUJEITO

SER OBJETO É SER EDUCADO, ENSINADO, NÃO TER VOZ OU VEZ, DECISÃO, RESPONSABILIDADE, OPORTUNIDADE DE PARTICIPAÇÃO. SER SUJEITO É EDUCAR-SE, APRENDER EM PROCESSO DE ENRIQUECIMENTO MÚTUO, AMAR, TER VOZ E VEZ, PARTICIPAR, EXPERIMENTAR OS VALORES, ESCOLHER O QUE MAIS NOS REALIZA.

COMPREENSÃO MÁGICA X COMPREENSÃO CRÍTICA

O QUE NÃO É COMPREENDIDO É ACEITO COMO MAGIA. JÁ NA COMPREENSÃO CRÍTICA, TUDO É ANALISADO E CRITICADO, A PARTIR DE UM “POR QUÊ?”

INFORMAÇÃO X COMUNICAÇÃO

A INFORMAÇÃO VEM PRONTA, É UM PONTO DE VISTA DO MAIS FORTE, É IDEOLÓGICO. A COMUNICAÇÃO, POR OUTRO LADO, EXIGE ESFORÇO DE ENTENDIMENTO, SUPÕE MAIS ADESÃO QUE SUBMISSÃO.

EDUCAÇÃO REPETIDORA X EDUCAÇÃO EDUCADORA

APEDAGOGIA REPETIDORA APOSTA NA PERMANÊNCIA E PERDE A VISÃO DO PROCESSO HISTÓRICO. A EDUCAÇÃO CRIADORA ATUA EM CIMA DA REALIDADE DO HOJE PARA CRIAR COM O HOMEM DO AMANHÃ CONDIÇÕES DE RESPOSTAS AO DESAFIO DA VIDA.

EDUCADO/ NÃO EDUCADO X GRAUS DIFERENTES DE EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO IMPOSTA DE CIMA NÃO RESPEITA AS DIFERENÇAS. É IMPORTANTE ACOLHER AS DISTINTAS OPINIÕES, DIALOGAR PARA CRESCER.



O Jubileu de Prata

O Jubileu de Prata do Colégio São Vicente

Os 25 anos do CSVP foram comemorados em grande estilo, com ciclos de palestras, festas, saraus, missas e gincanas, realizados ao longo de todo o ano de 1984. No dia 30 de março, Pe. Lauro Palú presidiu a Missa de Aniversário, com a presença maciça de pais, alunos, professores, funcionários e amigos do São Vicente. Por ocasião do aniversário de morte de São Vicente, no dia 27 de setembro, houve também uma Missa de Ação de Graças pelos 25 anos do colégio, presidida pelo Padre Horta, seu fundador, e por Superiores Provinciais, contando com a participação de toda a comunidade vicentina. Como fundo musical, uma participação especial das Meninas Cantoras de Petrópolis

encantou a todos, com trechos de músicas clássicas e cantos gregorianos da liturgia de São Vicente.

Ainda no mês de setembro, foi organizada uma série de gincanas entre os alunos do 2º Grau, atual ensino médio. Um dos destaques dos jogos foi o torneio de danças no recreio, no qual os casais, devidamente caracterizados, bailaram ao som de samba, gafieira, twist, bolero, tango, disco etc.

As celebrações incluíram também uma série de debates. No ciclo de palestras "Celebrar e defender a vida",

o economista Carlos Lessa falou sobre as ameaças à vida, a dependência externa do Brasil, o uso do solo, a miséria e o sistema político brasileiro.

Ex-diretor do colégio, Marçal Versiani expôs a luta em favor da vida e a necessidade de uma profunda transformação das estruturas sociais brasileiras.

Outro ciclo, intitulado "Assitencialismo, simples promoção ou libertação", promoveu um amplo debate sobre as diversas estratégias de combate à pobreza. Dividida em três noites de debates, o evento fez uma

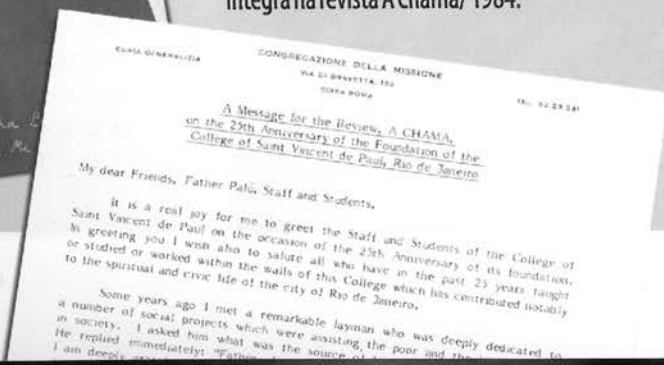


Parabéns!

Pe. Richard Mc Cullen, Superior Geral da Congregação da Missão e das Filhas da Caridade, enviou uma mensagem muito especial por ocasião dos 25 anos de Fundação do Colégio São Vicente. Reproduzimos aqui o primeiro parágrafo de sua carta, que foi publicada na íntegra na revista A Chama/1984.

Meus caros Amigos, Padre Palú, Equipe de Educadores e Alunos,

É para mim uma verdadeira alegria saudar a Comunidade Educativa e os Alunos do Colégio São Vicente de Paulo, por ocasião do 25º aniversário de sua fundação. Saudando-os, desejo também cumprimentar a todos aqueles que, nestes 25 anos, ensinaram ou estudaram ou trabalharam nesse Colégio que contribuiu notavelmente para a vida espiritual e cívica do Rio de Janeiro.



homenagem ao patrono do colégio, São Vicente, analisando sua trajetória e o seu pensamento.

A palestra de abertura, “O Pobre para São Vicente e para nós” foi conduzida pelo então coordenador acadêmico, Hugo Paiva, que descreveu o processo de formação religiosa e intelectual do então Pe. Vicente de Paulo, numa Europa marcada por guerras, doenças e uma estrutura social injusta.

Segundo o Paiva, São Vicente (1581-1660) não soube defender uma ação efetiva em favor dos pobres, sem apelar, no entanto, para o mero assistencialismo e a ajuda imediata. Uma das principais medidas dele, de acordo com o professor, foi distribuir sementes para erradicar a fome no campo.

Na segunda palestra da série, “A Mensagem de São Vicente para hoje”, Dom Luciano Mendes, Bispo Auxiliar de São Paulo na época, fez um alerta ao público presente: “a opção pelos

pobres deve ser clara, motivada por um espírito profundamente humano, não por interesses políticos”.

As obras vicentinas no Brasil foram o tema do terceiro e último encontro. Missionários do Norte e Nordeste participaram do evento, a convite de Pe. Lauro, descrevendo o trabalho realizado pela Congregação em diversas partes do Brasil, como na Ilha de Itaparica, na Bahia e na Amazônia.

Numa edição histórica, em comemoração ao Jubileu de Prata do Colégio, a revista “A Chama” entrevistou os quatro diretores que ajudaram a construir a instituição: Padre Horta, fundador do colégio, já como capelão do Santuário da Medalha Milagrosa, no Rio de Janeiro; Padre Marçal, que havia deixado o ministério sacerdotal e atuava com professor de História do colégio; Padre Almeida, atuando como assistente geral dos Lazaristas em Roma; e Padre Lauro, em seu primeiro mandato como diretor.

ALGUNS REGISTROS DO ANO DE 1984, POR OCASIÃO DOS 25 ANOS DO CSVP, QUE MERECEM SER DESTACADOS:

30/03/84 - O TRADICIONAL BOLO E O “PARABÉNS PARA VOCÊ” NO PÁTIO DA ESCOLA NO ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO. TÊM INÍCIO AS COMEMORAÇÕES DOS 25 ANOS DO SÃO VICENTE.

26/07/1984 - REALIZADO EM VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, O 1º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CARIDADES DE SÃO VICENTE DE PAULO. A ATUAÇÃO DAS VOLUNTÁRIAS GANHAVA, ASSIM, AINDA MAIS DESTAQUE.

06/10/1984 - COMEMORADO, NESTA DATA, O DIA DO EX-ALUNO. “QUEM ESTUDOU NO SÃO VICENTE NÃO ESQUECE”, DIZEM POR AÍ. E ISSO É FATO. MAIS ADIANTE, EM 91, SERIA CRIADA A ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO COLÉGIO, POR INICIATIVA DE PEDRO STRONZENBERG, DA TURMA DE 1989. E ATÉ OS DIAS DE HOJE, OS EVENTOS QUE REÚNEM OS ANTIGOS COLEGAS SÃO SEMPRE UM SUCESSO, COMO O CHURRASCO REALIZADO NO DIA 7 DE NOVEMBRO DE 2009.

CRIAR, PELA EDUCAÇÃO, UM MUNDO MAIS JUSTO

“A”... (text continues with a large article about education and social justice, partially obscured by the image)

Colégio São Vicente de Paulo



No Cosme Velho, o São Vicente adota desde sua criação, há 25 anos, uma educação com o objetivo de criar homens responsáveis, transformadores sociais.

... (text continues with a large article about education and social justice, partially obscured by the image)

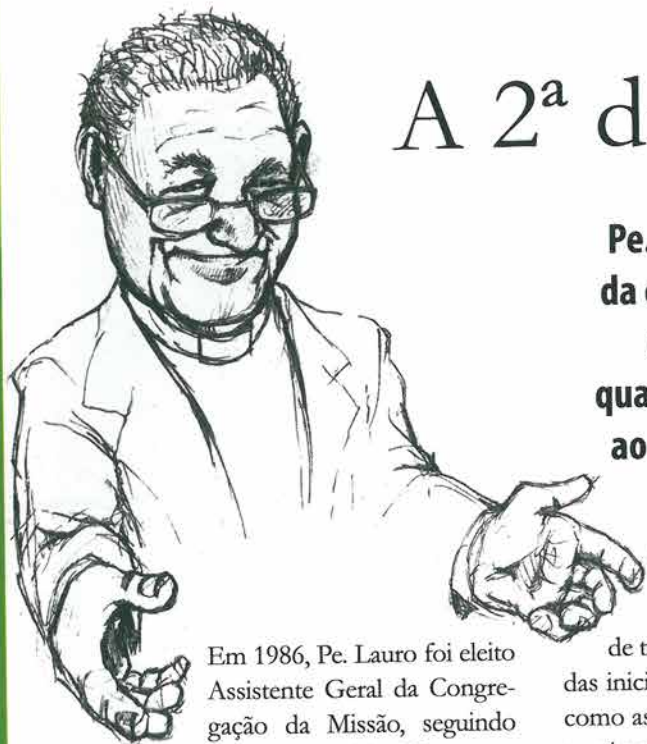
QUE PENSAM OS EX-ALUNOS

... (text continues with a large article about education and social justice, partially obscured by the image)

“Criar pela educação um mundo mais justo”

No ano em que comemorava seu Jubileu de Prata, o Colégio São Vicente de Paulo ganhou merecido destaque na mídia, com a publicação de uma matéria de meia página no Jornal do Brasil, no dia 23 de novembro de 1984. “No Cosme Velho, o São Vicente adota desde sua criação, há 25 anos, uma educação com o objetivo de criar homens responsáveis, transformadores sociais”, é a legenda da foto na reportagem reproduzida ao lado. Sem dúvida, não faltaram motivos para comemorar. Completando 25 anos de existência oferecendo uma educação das mais destacadas, o Colégio recebia também o reconhecimento pelo papel que cumpria, formando agentes de transformação social.

A 2ª direção Pe. Almeida



Pe. Almeida participou da escola desde o início, contribuindo com quase 35 anos dedicados ao Colégio São Vicente, 26 anos dos quais como seu diretor.

Em 1986, Pe. Lauro foi eleito Assistente Geral da Congregação da Missão, seguindo para Roma, e Pe. Almeida reassumiu o colégio e o dirigiu até maio de 99, quando sua morte surpreendeu a todos, causando muita tristeza em toda a comunidade vicentina. "Para a surpresa de todos, o homem incansável e de boa saúde foi surpreendido por um infarto do miocárdio. No dia 11 de maio de 1999, morria Pe. Almeida". E foi justamente no ano em que o CSVP comemorava seus 40 anos de atividades. A missa dos 50 anos da ordenação do Pe. Almeida, no dia 8 de setembro de 1999, teve um clima de nostalgia. Da celebração, ele não pôde participar, embora já viesse preparando seu jubileu de ouro. E Pe. Almeida tinha de fato muito a comemorar, pois, assim como fez em sua 1ª direção, conduziu o colégio com muita dedicação e eficiência. Ao reassumir a direção da escola em 86, Pe. Almeida foi recebido de braços abertos, pois já era uma figura querida por todos. Embora simpático e brincalhão, era "o diretor que cobrava, delegando poderes".

Do final dos anos 80 aos anos 90, o São Vicente consolidou ainda mais sua posição destacada entre as escolas do Rio de Janeiro. Oferecia aos seus alunos, além de um ensino do mais alto nível, uma educação no sentido amplo, incluindo a consciência social e política e valorizando o esforço participativo

de todos, o que garantiu o sucesso das iniciativas promovidas no colégio, como as ações sociais e os eventos esportivos e culturais.

Para pontuar a 2ª direção de Pe. Almeida, vale destacar a Pintura do Muro, no final dos anos 80, que contou com a criatividade e a participação dos alunos; o movimento dos Caras Pintadas, que surgiu dos bancos escolares do São Vicente, em 1992; a Semana Cultural e a criação do Coral Aberto, em 1993; e os avanços e benfeitorias ao longo desses anos, como a criação da Biblioteca infantil, a reforma da Biblioteca Juvenil e a criação do Laboratório de Informática. Foi também sob sua direção que se deu a criação do Comitê Graúna (ver box na página ao lado) e do Domingão Vicentino, importantes iniciativas de cunho social.

PE. ALMEIDA E PE. HORTA, EM 99, NA FESTA DE 40 ANOS DO CSVP



O HOMEM, O EDUCADOR, O RELIGIOSO

"CINCO E QUARENTA E SETE DA MANHÃ COM O TOQUE DO DESPERTADOR, COMEÇAVA O DIA, SEM HORA PARA TERMINAR. (...) UM HOMEM DE HÁBITOS REGULARES, ÀS SETE HORAS JÁ ESTAVA NO PÁTIO, PRONTO PARA RECEBER OS ALUNOS QUE CHEGAVAM À ESCOLA, ROTINA QUE SÓ ERA INTERROMPIDA POR OCASIÃO DE VIAGENS. E COMO PE. ALMEIDA GOSTAVA DE VIAJAR! A TRABALHO OU POR LAZER, POUCAS COISAS LHE DAVAM MAIS SATISFAÇÃO DO QUE A CONDIÇÃO DE TURISTA. ORGANIZAR GRUPOS E PLANEJAR EXCURSÕES ERA SEMPRE UM GRANDE PRAZER. COM O BONÉ NA CABEÇA, MUITA DISPOSIÇÃO E UMA ENORME BAGAGEM DE INFORMAÇÕES, ERA O COMPANHEIRO INESQUECÍVEL, O GUIA PERFEITO, O CICERONE IDEAL."

"ANTENADO COM TUDO QUE ACONTECIA NO MUNDO, ESTAVA SEMPRE PREOCUPADO COM A SITUAÇÃO POLÍTICA, SOCIAL E ECONÔMICA ESPECIALMENTE COM A POBREZA E A MISÉRIA. E FOI ESSA PREOCUPAÇÃO QUE IMPRIMIU NO SÃO VICENTE A MARCA DO COMPROMISSO SOCIAL."

"PIADISTA E BRINCALHÃO, ADORAVA DAR APELIDOS A TUDO. O SUBSOLO VIROU 'QUINTOS', EM REFERÊNCIA AOS QUINTOS DOS INFERNOS, E O LABORATÓRIO DE ELETRÔNICA, CHERNOBYL. DE FORMA DESCONTRAÍDA, ARRANJAVA SEMPRE UM JEITINHO DE COMENTAR SOBRE AS COISAS QUE O INCOMODAVAM, FOSSE A ROUPA CURTA DE PROFESSORAS E FUNCIONÁRIAS, FOSSEM OS ERROS DE PORTUGUÊS DAQUELES QUE O CERCAVAM. LIBERAL POR CONVICÇÃO, RIGOROSO POR NECESSIDADE E, SOBRETUDO, COERENTE, PE. ALMEIDA SABIA USAR SUA AUTORIDADE SEM JAMAIS SER AUTORITÁRIO."

"SEMPRE DISPONÍVEL, ERA MUITO SOLICITADO POR TODOS QUE PRECISAVAM DE UM PADRE. NÃO IMPORTAVA A HORA NEM O LUGAR. BATIZADOS, CASAMENTOS, MISSAS, BODAS, UNÇÃO DOS ENFERMOS. NA AGENDA ELÁSTICA DO PE. ALMEIDA SEMPRE CABIA MAIS UM."

"DEFINO O PE. ALMEIDA COMO O TEIMOSO MAIS MEIGO QUE CONHECI, A PESSOA QUE USAVA A LENTIDÃO PARA APRESSAR O NOSSO AGIR, O DIRETOR QUE COBRAVA DELEGANDO PODERES E FUNÇÕES, O ANIMADOR QUE GOSTAVA DE COCHILAR NAS REUNIÕES MAS NÃO PERDIA O FIO NEM O OBJETIVO."

A CHAMA /1999

Comitê Graúna



O sociólogo Betinho acabara de criar a Ação da Cidadania quando fez, em maio de 1993, uma visita ao colégio, com o intuito de divulgar as propostas de sua ONG, voltada para a melhoria das políticas públicas e a erradicação da fome no Brasil. A “aula” contagiou os presentes, dentre os quais os coordenadores Sergio Maia e Arthur Motta, que decidiram, então, fundar o Comitê Graúna,

O grupo, cujo nome homenageava um dos principais personagens do cartunista Henfil, irmão de Betinho, se assemelhava a outros comitês, mas tinha uma ação independente, sem vínculo oficial com a escola. Uma das principais preocupações dos seus idealizadores, foi, desde o início, evitar que a estrutura burocrática do comitê atrapalhasse a execução dos projetos.

A primeira medida do Graúna foi reforçar o trabalho de assistência social que os alunos do colégio já vinha prestando em comunidades carentes do Cosme Velho, como o Cerro Corá e Guararapes. No apoio às duas creches da comunidade, os alunos passaram a angariar material de trabalho, além de visitar as crianças e brincar com elas. Outra medida importante foi instituir um núcleo das Voluntárias da Caridade, responsável pela gestão de um posto de saúde no Cerro.

Outro projeto inovador foi o Domingão Vicentino, um evento anual com uma série de atividades esportivas, recreativas e culturais, organizado pela Compasso com o objetivo de levantar recursos para as crianças das comunidades vizinhas ao colégio. Pais médicos e ex-alunos estudantes de medicina aproveitam a presença das crianças para exames e pequenos curativos.

Durante muito tempo, o Graúna foi dirigido pelo professor Sergio Maia, que deixou o colégio em 2002 para assumir a presidência da Associação de Educação Católica (ACE-RJ). Após a saída de Maia, o comitê passou a ser gerido pelo professor de religião e diretor da Pastoral do colégio, Zeduh. Mas em 2006, o projeto acabou, devido à baixa participação dos alunos.



ACIMA, REUNIDOS PARA A PALESTRA NO AUDITÓRIO: CAIO FERRAZ, SOCIÓLOGO, FUNDADOR DA CASA DA PAZ EM VIGÁRIO GERAL, PE ALMEIDA E BETINHO. AO LADO, ALIMENTOS ARRECADADOS PELO COMITÊ GRAÚNA EM 2008, PARA DISTRIBUIÇÃO EM COMUNIDADES CARENTES.

“Falta engajamento social da juventude. Os adolescentes fazem muitas atividades fora do colégio e acabam ficando sem tempo para dedicar a esses projetos.”, lamenta Zeduh. “O aumento da violência nos locais onde nós desenvolvíamos nossas ações também colaborou para o fechamento do comitê.”

Entretanto, o fechamento do Graúna não impediu que o colégio levasse à frente importantes projetos sociais, como o CPF (Construindo e Preparando o Futuro), do qual a comunidade vicentina participa, ajudando a aprimorar a formação de professores de escolas públicas em cidades pobres do sertão baiano, como Serra do Ramalho e Carinhanha, às margens do Rio São Francisco.



PE. ALMEIDA FOI DUPLAMENTE HOMENAGEADO NA PINTURA DO MURO DE 1999, ATRAVÉS DO TRABALHO DE DOIS ALUNOS E EXCELENTES ILUSTRADORES.

IURI LIOI É FILHO DE OSVALDO LIOI, QUE FOI RESPONSÁVEL PELO NOVO PROJETO GRÁFICO DA REVISTA A CHAMA, LANÇADO NAQUELE ANO. O ALUNO IURI, JÁ UM MESTRE DO DESENHO NA ÉPOCA, COLABOROU COM INÚMERAS ILUSTRAÇÕES PARA A REVISTA; ALGUMAS DELAS, COMO AS DO PE. HORTA E DO PE. ALMEIDA, REPRODUZIDAS NESTA EDIÇÃO. DANILO LUCAS É TAMBÉM FERA NO DESENHO, SENDO FILHO DE PEIXE, DO RENOMADO CARTUNISTA NANI.

OS DOIS SE FORMARAM EM DESENHO INDUSTRIAL. IURI MORA NOS ESTADOS UNIDOS E TRABALHA COM ANIMAÇÃO E ILUSTRAÇÃO. DANILO, POR SUA VEZ, TRABALHA COMO ILUSTRADOR, DESIGNER E GRAFITEIRO.

1989 - 1999

Pintura dos muros



Evento tradicional no São Vicente, a Pintura do Muro começou de maneira discreta, no apagar das luzes dos anos 80, como uma alternativa à pixação, uma moda de mau gosto que ganhou força naquela época no Rio de Janeiro e ainda continua viva, para tristeza dos cariocas.

Durante os primeiros anos, a pintura limitava-se ao muro do pátio interno do colégio e era feita somente pelos alunos do ensino médio, sem preparação, rascunho ou seleção de desenhos. O grêmio marcava um dia e os “artistas” tinham as ideias na hora.

Na década de 90, a pintura do muro do pátio interno ficou mais organizada e tornou-se o ponto alto de um evento musical que ficou conhecido como “Sabadão”. Após a pintura, apresentavam-se no palco, diversas bandas de música, formadas tanto por alunos como por jovens vindos de outros colégios.

Os muros da quadra do ginásio e da ladeira do estacionamento tiveram de esperar mais uma década para ser incluídos nesse mutirão artístico. Dois muros eram pintados pela manhã, pelos alunos mais novos, e um à tarde, pelos mais velhos. O sábado ficou totalmente ocupado pela pintura dos muros e passou a não mais contar com a apresentação de bandas.



NA FOTO MAIOR, A PINTURA NA ESCADA, EM 2007; ACIMA AISHA FINALIZA SUA PANTERA COR-DE-ROSA; AO LADO, O MURO DAS 5ª E 6ª SÉRIES, EM 2008



NA FOTO À ESQUERDA, BANDAS DE MÚSICAS DE ALUNOS DO CSVP E DE OUTROS COLÉGIO PARTICIPARAM DO SABADÃO DE 93, DURANTE A PINTURA DO MURO; DEZ ANOS MAIS TARDE, TRÊS ALUNOS SE APRESENTAM NO SABADÃO



Responsável pela pintura do 5º ano, o professor de Artes Rafael Dória conta que, inicialmente, os alunos trabalham em grupo e propõem um desenho. Em seguida, as turmas elegem quais desenhos serão reproduzidos na parede do colégio. “A gente faz uma seleção, não para escolher o mais bonito, mas para tirar tudo aquilo que não condiz com a pintura ‘total’.

Como o muro reservado ao 5º ano não tem divisões bem definidas, como o do pátio interno, o professor tenta organizar uma só imagem, a partir da união de partes diferentes dos desenhos dos alunos. “A gente tenta colocar os desenhos no muro de uma forma integrada. Nem sempre um desenho inteiro é colocado; às vezes é um pedaço de um que se mistura com um pedaço de outro”, diz.

Para a professora Cacau, a importância da pintura não está somente no ato de pintar, mas na participação dos alunos em todo o processo de preparação do trabalho. “Em Artes às vezes acontece isso: a construção é mais importante do que o produto final”, explica ela.

A partir do 9º ano, os alunos não têm mais a supervisão de um professor. A pintura do muro do pátio interno é organizada pelo GRECO (Grêmio Colegial), responsável pelas atividades do 9º ano e do ensino médio

O processo para os “veteranos” é diferente: cada aluno, ou grupo de alunos, preenche uma folha de inscrição distribuída pelo grêmio, na qual desenha e explica seu projeto e especifica as cores das tintas de que vai precisar. Em seguida, os desenhos passam pela aprovação do Conselho Pedagógico do colégio.

“Uma pintura dentro da escola significa que estamos todos apoiando aquela ideia. Então, não podemos deixar passar uma crítica pejorativa”, explica Maria da Graça Vasconcelos, da Compasso, lembrando, porém, que é raro haver esse tipo de problema e que tudo é resolvido com uma boa conversa.

O MURO DE 2009: ABAIXO, O GRANDE CIRCO MÍSTICO E AO LADO, OS ALUNOS DO 3ªA PINTAM O CALDEIRÃO



ACIMA, PINTURA DO MURO DO 5º ANO, NA RUA EM 1998. AO LADO, A TURMA DO 3ªA EM 2005



AS PINTURA DE 2003 - ACIMA, "SERÁ QUE TEM CONCERTO?", DO ENSINO MÉDIO ELADO, O MURO DO 4º ANO, COM A CAMPANHA NOTRÂNSITO



CACAU OBSERVA O ÍNDIO CONVERSANDO COM OS ALUNOS, QUE DEPOIS REPRODUZIRAM A ARTE INDÍGENA NOS MUROS EM 2007



GRUPO DE ALUNOS DO SÃO VICENTE DESCEM A RUA DAS LARANJEIRAS EM DIREÇÃO À CINELÂNDIA

Caras Pintadas

Os alunos do São Vicente estiveram à frente do movimento batizado de “Caras Pintadas”, no qual jovens de todo o país desceram às ruas, em agosto de 1992, para exigir a renúncia do então presidente Fernando Collor de Mello.

Acompanhados por estudantes de outros colégios da Zona Sul, como Ceat, Zaccaria e Santa Úrsula, os alunos do CSVP marcharam até o Centro, com tiras pretas – feitas com saco de lixo – nos braços.

Depois de descer a pé toda a rua das Laranjeiras, o grupo teve o acesso

liberado ao metrô – por decisão da empresa – e chegou à Cinelândia, onde tinha sido montado um palanque. Em todo o trajeto, os alunos foram aplaudidos pelas pessoas que saíam do trabalho ou de casa.

A consciência política e a irreverência dos manifestantes vicentinos atraíram a atenção da imprensa nos dias que sucederam a primeira passeata. “Não tinha um dia em que a gente não dava uma entrevista. Eram equipes da TV espanhola, alemã etc.”, lembra o jornalista Antonio Gois, presidente do grêmio na época e um dos organizadores da manifestação.

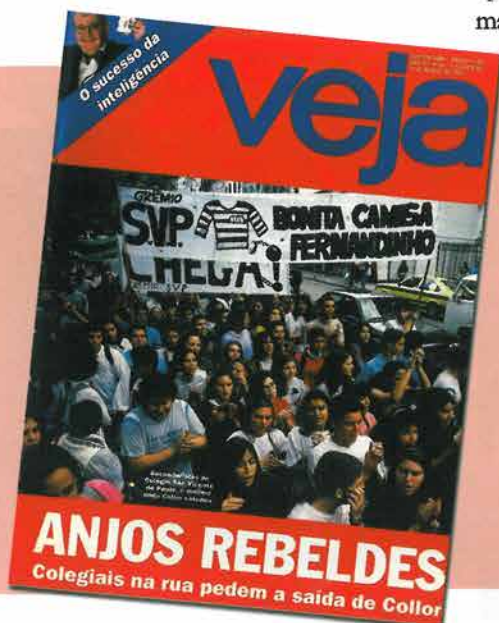
Cronologia da passeata

8h – cerca de 500 alunos do CEAT descem até o CSVP, onde se juntam a mais mil estudantes em um arrastão convocando colegas do Sion.

9h30 – Alunos do SVP, CEAT e Ines chegam à estação do metrô do Largo do Machado, onde encontram mais mil estudantes dos colégios Zaccaria, Eliezer, Bennett, Franco-brasileiro, entre outros. Organizados, entram na estação em grupos de 50 passando por baixo das roletas.

10h – Os primeiros grupos de estudantes de Laranjeiras, Cosme Velho e Catete saltam na estação Uruguaiana, já tomada por estudantes da Zona Norte, que chegaram também de metrô. Todos partem para a passeata.

11h15 – todos os grupos se unem e saem pela Avenida Rio Branco, chegando, finalmente, à Cinelândia.



“CAMINHANDO CONTRA O VENTO, SEM LENÇO E SEM DOCUMENTO, UMA GAROTADA ALEGRE OCUPOU AS RUAS DAS DUAS MAIORES CIDADES BRASILEIRAS NA SEMANA PASSADA. ALTO ASTRAL, ALTAS TRANSAS, LINDAS CANÇÕES DERAM O TOM ÀS PASSEATAS QUE ATINGIRAM EM CHEIO O CORAÇÃO DO RIO DE JANEIRO E DE SÃO PAULO.”

“A PARTICIPAÇÃO DOS SECUNDARISTAS FOI DECIDIDA PELOS GRÊMIOS DOS COLÉGIOS, QUE RESOLVERAM ADERIR À MANIFESTAÇÃO ORGANIZADA POR DEZOITO ENTIDADES E PARTIDOS POLÍTICOS. NO PÁTIO DO COLÉGIO SÃO VICENTE, OS ALUNOS DO SANTO INÁCIO, ZACCARIA, SENADOR CORRÊA E SANTA ÚRSULA, ESCOLAS DE CLASSE MÉDIA DA ZONA SUL CARIOCA, SE ENCONTRARAM.”

“DECIDIRAM QUE DEVERIAM TER UMA IDENTIFICAÇÃO E OPTARAM POR AMARRAR TIRAS PRETAS NO BRAÇO, FEITAS DE SACOS PLÁSTICOS DE LIXO. FICOU ESTABELECIDO TAMBÉM QUE MILITANTES DE ALGUM PARTIDO POLÍTICO DEVERIAM SE ABSTER DE LEVAR BANDEIRAS.”

“DEPOIS DE TANTA DESCONVERSA, DE UMA ALGARAVIA DE CHEQUES DE FANTASMAS, DE COMPLEXAS REDES DE CORRUPÇÃO FORMANDO UM LABIRINTO INFINDÁVEL, NADA MAIS SALUTAR QUE, NA RUA, DE LÁBIOS ADOLESCENTES BROTEM PALAVRAS CLARAS.”

Mas, de acordo com Antonio, o interesse dos jornalistas era motivado por um outro fato nada desprezível. "O São Vicente tinha um apelo especial por ter sido o colégio onde o Collor estudou", explica Antonio, que hoje trabalha como repórter especializado em Educação, na sucursal carioca da Folha de São Paulo.

De fato, o ex-presidente passou três anos da sua adolescência no São Vicente, onde chegou a dirigir o jornalzinho "O trole", que trazia o seguinte subtítulo: "Jornal da Turma A, a que não sai da linha".

Satirizando o anúncio de uma célebre marca de roupa, muito popular na época, os alunos levaram para a passeata uma faixa com a frase "Bonita a camisa, Fernandinho", ao lado da qual foi desenhado um uniforme listrado de prisioneiro.

A postura vanguardista do São Vicente, nesse e em outros momentos críticos da política brasileira, se deve em grande parte ao ambiente de tolerância e reflexão criado pelos professores e a direção do colégio. "Os professores elogiavam muito a nossa atitude, mas nunca tentaram nos doutrinar", opina Antonio.

"Nosso pioneirismo é o resultado de uma cabeça cheia de reflexão", explicou Padre Almeida, numa entrevista à revista de Domingo, que publicou

Os Caras-Pintadas

Quando os Caras-Pintadas pediram nas ruas o impeachment de Collor, marcaram um lugar e uma procedência. Organizaram-se contra um nosso ex-Aluno, de que não se orgulhavam. Quando faço a diplomação da Diretoria do Minigrêmio, do Gregi e do Greco, comento que, quando forem Presidentes do Brasil, poderão dizer: "Meu primeiro diploma foi este aqui, do São Vicente".

Um Aluno bombardeado doze anos, com os temas da Campanha da Fraternidade, esmiuçados e encarnados em cada disciplina, não será um presidente da república qualquer, será um grande, terá consciência social e sentido humanista da vida.

Depois que João Hélio, preso no cinto de segurança, foi arrastado fora do carro roubado da mãe dele, sete quilômetros de agonia, um Pai perguntou por que os Alunos do São Vicente não foram às ruas protestar. Um dos nossos, autêntico cara-pintado, respondeu assim: "Por que nós, e não os marmanjos?" Esse menino tinha entendido o que os caras-pintados um dia tinham querido dizer.

Senti o desencanto e a revolta dos nossos, que foram à luta pela meia passagem nos ônibus. Não era problema deles, sabiam e disseram, mas foram apoiar a escola pública. Lá no Centro os marmanjos falaram de tudo, menos da meia passagem. Entenderam que tinham sido usados como massa de manobra. Na morte do João Hélio, não foram às ruas, mas escreveram uma seriíssima carta contra a violência urbana e seus desrespeitos. Esses criamos aqui: a alma e a cara pintadas de verde e amarelo.

Pe. Lauro Palú, C. M.

uma matéria de capa sobre o CSVP no fim de semana seguinte à passeata.

Aos 33 anos, Antonio refuta, no entanto, a tese de que a juventude de hoje está mais alienada. "Naquela época, você tinha que ir para rua e gritar para que um grande jornal fizesse uma foto sua. Hoje há meios que permitem expressão e têm uma influência fortíssima, como o twitter e o facebook."

"Em 68 São Vicente saiu na frente e volta na frente em 92 tendo você coincidentemente piloto. Comovido. Parabéns"

telegrama de João Batista, psicólogo e ex-professor do CSVP, para Pe. Almeida

"A FRENTE DAS PASSEATAS DE ESTUDANTES NO RIO, ESTAVAM OS ALUNOS DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO, NO COSME VELHO, QUE, COM 33 ANOS DE SERVIÇOS PRESTADOS, SEMPRE NOTABILIZOU-SE POR UMA POSTURA DE VANGUARDA, SEJA NA DIDÁTICA EDUCACIONAL OU NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS."

PROIBIÇÃO É PALAVRA RARAMENTE CITADA NO SÃO VICENTE, AO CONTRÁRIO DE LIBERDADE. TEM SIDO ASSIM FAZ TEMPO.

"EMPRESÁRIOS, ARTISTAS OU POLÍTICOS DE RENOME, TODOS EX-ALUNOS, ATESTAM A BOA FORMAÇÃO EDUCACIONAL DO 'SÃO VIÇA' COMO É CARINHOSAMENTE CHAMADO PELOS ESTUDANTES. ESSA TURMA ASSISTIU, ORGULHOSA, ÀS MANIFESTAÇÕES DOS ALUNOS DE HOJE CONTRA O 'QUADRO NEGRO' DO PODER PÚBLICO.





A SEMANA CULTURAL DE 2009: A CADA DIA DA SEMANA, OS ALUNOS HOMENAGEAVAM UMA DETERMINADA DÉCADA. NA FOTO ACIMA, ELVIS PRESLEY ANIMA O RECREIO COM O SOM DOS ANOS 50. A FAIXA, EXIBIDA NO MURO, ERA DESENLROLADA A CADA DIA, REGISTRANDO OS FATOS MAIS MARCANES DE CADA UMA DAS VÁRIAS DÉCADAS



Semana Cultural, Coral e Teatro

Além do interesse e da participação dos alunos do São Vicente no contexto político do país, como no movimento dos Caras Pintadas, as atividades ligadas às artes, com grande repercussão nos anos 70, também se fizeram marcantes nesta década. Em 93, a Semana Cultural incorporou-se ao calendário do colégio, sendo desde então realizada anualmente no segundo semestre. Pe. Almeida, em sua coluna “Estaria você lembrado?”, na revista A Chama, de dezembro de 1993, destacou: “14/06 - Início da 1ª Semana da Cultura, promoção do

GRECO com participação de todas as instâncias da casa. Pareceu-me uma das mais interessantes organizações já levadas a efeito no São Vicente.” A coluna dele procurava registrar um pouco do que acontecia na comunidade vicentina com um todo, dando notas diversas, tanto tristes quanto alegres. No segundo semestre daquele ano, noticiou desde o grande temporal que inundou o subsolo do colégio, em março, como o falecimento do prof. Jorge Luiz, em maio, além de ressaltar os acontecimentos que marcaram o período. E a Semana

da Cultura, como era chamada no início, não poderia deixar de ser registrada por Pe. Almeida, que foi, sem dúvida, um grande incentivador das artes. André Pereira, que estudou no São Vicente nos anos 70, durante sua primeira direção, já o descrevia como a “retaguarda da vanguarda”.

Incorporando novidades a cada ano, a Semana Cultural é sempre muito bem festejada. Em 99, Pe. Almeida noticiava a sexta edição da Semana da Cultura, que, naquele ano, prestava uma belíssima homenagem ao Pinguim, por ocasião do centenário de



AS APRESENTAÇÕES DO TEATRO, EM 2009. AO LADO, IAN CAPILÉ E BRUNO LOUREIRO CONTRACENAM NO PALCO COM “O GRANDE CIRCO MÍSTICO”; ABAIXO, A APRESENTAÇÃO DO TEATRO INFANTIL



OS MESTRES QUE CONDUZEM AS ATIVIDADES TEATRAIS DO COLÉGIO: MARIO SÉRGIO, QUE DIRIGE O TEATRO DO 9º ANO E ENSINO MÉDIO – O GRUPO LAMBANUNMAI – DESDE 2002; PEDRO STRUCHINNER, QUE ESTÁ HÁ 3 ANOS COM OS ALUNOS DO 6º AO 8º ANO; E LAURO BASILE, DIRETOR DO TEATRO INFANTIL, DESDE 87.

seu nascimento. “O grupo Afro Reggae exibe-se com garbo durante o recreio”, relatava ele, sem esconder, contudo, que o ruído dos tambores gerou reclamações de alguns vizinhos. A escolha de um tema específico e a confecção de camisetas, cujo desenho é elaborado e selecionado por votação pelos próprios alunos, são exemplos de algumas das novidades introduzidas ao longo dos anos. O sucesso do evento deve-se à adesão dos alunos, com o apoio da Direção, dos professores e funcionários. Diferentes atividades, como palestras, apresentações teatrais, shows de música e arte tomam conta do pátio do colégio na hora do recreio. E arte é o que não falta no São Vicente.

O Teatro esteve sempre presente

O Teatro é a atividade extracurricular mais antiga do colégio. À frente do teatro infantil desde 1987, Lauro Basile trabalha com dois grupos, reunindo os alunos da 1ª ao 3ª e do 4ª e 5ª anos. “A proposta não é formar atores, mas estimular a criatividade, o trabalho em grupo e a vivência da arte”, explica ele. Já a oficina de teatro oferecida para os alunos do 6ª ao 9ª ano e para os do ensino médio, que era conduzida pelo Almir Telles na década de 90, é atualmente dirigida por Mário Sérgio Medeiros. “O objetivo não é apenas fazer um espetáculo ao final do ano, mas intervir, estar presente sempre, participando de todos os eventos, das ações pedagógicas, das ações sociais”, frisa Mário Sérgio.

Os Corais do São Vicente

Foi também em 1993 que nasceu o projeto do Coral Aberto que, embora não tenha se concretizado da forma planejada, resultou na criação do Grupo Loas e Luas, de Norma Nogueira, trabalhando com as crianças menores, e no projeto dos Corais do São Vicente, de Patrícia Costa, com alunos do 9º ano ao ensino médio, que deu ao canto coral do Colégio São Vicente uma visibilidade enorme.

NA FOTO AO LADO, CORAL INFANTIL CANTA NO ANIVERSÁRIO DO CRISTO REDENTOR, EM OUTUBRO DE 98. ABAIXO, O CORAL E O GRUPO TEATRAL SÃO APLAUDIDOS APÓS A APRESENTAÇÃO CONJUNTA DA "ÓPERA DO MALANDRO", EM 2006. COM TODOS DE BRANCO, O CORAL AMIGOS DO SÃO VICENTE, SOB A REGÊNCIA DE MALU COOPER, APRESENTANDO "CANTO DE UM POVO", EM 2007. NA FOTO MAIOR, ABAIXO, O "CIRCO MÍSTICO", APRESENTAÇÃO TAMBÉM DOS CORAIS E TEATRO, EM 2009



PATRÍCIA COSTA, QUE COORDENA OS CORAIS DO SÃO VICENTE, RECEBE FLORES AO FINAL DA APRESENTAÇÃO. DE SEU PROJETO, NASCERAM O CORAL DO ENSINO MÉDIO, O CORAL DOS AMIGOS DO SÃO VICENTE, AS MENINAS CANTORAS DO SÃO VICENTE, O CORO MASCULINO DO SÃO VICENTE, O CORAL SÃO VOZES E O PREMIADO CORAL SÃO VICENTE A CAPPILLA, QUE TIROU O PRIMEIRO LUGAR NO CONCURSO DA FUNARTE, EM 1999

LOAS E LUAS

COM APRESENTAÇÕES DO FOLCLORE BRASILEIRO, OS PEQUENOS SE INICIAM NA MÚSICA E NO CANTO, ACOMPANHADOS PELA SANFONA DE NORMA NOGUEIRA, QUE DEU INÍCIO AO GRUPO NOS ANOS 90.



Bibliotecas

As bibliotecas Menino Maluquinho e Professor Jorge Luiz têm 25 mil títulos - à disposição dos alunos, professores e funcionários do colégio São Vicente de Paulo -, além de três salas de estudos e computadores para pesquisa na internet.

O acervo, composto de clássicos da literatura brasileira, publicações sobre o Rio de Janeiro, dicionários e enciclopédias, é mantido pela coordenadora das bibliotecas Maria Teresa Guedes, responsável pela escolha e aquisição das obras, pela bibliotecária Carolina Breviglieri e pela auxiliar Mônica Silva.

Durante a noite, os livros ficam aos cuidados da pedagoga Noêmia Bittencourt, que recebe os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Já a professora Mônica Albertino, especializada em literatura infanto-juvenil, atende os pequenos do 1º ao 5º ano na biblioteca Menino Maluquinho.

Esse espaço lúdico e acolhedor foi criado em 97, com o objetivo de despertar desde cedo o gosto pela leitura. "A biblioteca Menino Maluquinho é mais uma sala de leitura para sensibilizar os alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental, que vão à biblioteca uma vez por semana para escutar as histórias contadas pela Mônica."

Os "maiores", como a coordenadora gosta de dizer, também têm tra-



A BIBLIOTECA MENINO MALUQUINHO: ACIMA, A PORTA VERMELHA DE ENTRADA, À ESQUERDA, OS ALUNOS DEITADOS PARA OUVIR HISTÓRIAS E AO LADO, BÁRBARA, JOANA, ANA CAROLINA E JULIANA, DA T.403 EM 2008, DESENHANDO. A BIBLIOTECA FOI CONSTRUÍDA EM 96 COM VERBA DA APM E NO ESPAÇO ANTES OCUPADO PELA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES.

tamento especial para que continuem a ler cada vez mais. Maria Teresa, junto com os professores de português e literatura do colégio, criou o projeto Ciranda do Livro. "Cada série tem uma caixa com livros para a faixa etária e para a proposta pedagógica da escola" explica Teresa.

"Essa leitura é trabalhada em sala de aula. Depois acontece uma roda de leitura e os alunos podem depois trocar os livros entre si". Cada publicação da Ciranda pode ficar um mês com o aluno, diferentemente dos demais livros, cujo prazo é de 10 dias úteis.

Todo ano são acrescentados a cada caixa quatro livros, adquiridos com uma verba doada pela Associação de Pais e Mestres (APM). "Os alunos sugerem livros. Se acharmos que valem a pena, compramos. Geralmente eles sugerem coisas legais.", comenta Mônica.

Para incentivar a leitura, as bibliotecárias bolaram uma solução criativa e muito bem-sucedida. Pouco antes do fim do ano letivo, a biblioteca divulga um ranking dos leitores mais vorazes do colégio. Os alunos que tiverem lido mais durante o ano são premiados - com um livro.



PINTOR, ILUSTRADOR, DESENHISTA, TEATROLOGO, CARICATURISTA E ESCRITOR, ZIRALDO TEVE 3 FILHOS NO SÃO VICENTE. CONSIDERADO UM DOS MAIORES FENÔMENOS EDITORIAIS DO BRASIL, ELE COLABOROU EM VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CHAMA. EM 1980, ANO EM QUE FOI LANÇADO SEU LIVRO "O MENINO MALUQUINHO", ZIRALDO ESTEVE NO SÃO VICENTE, ONDE DISTRIBUIU AUTÓGRAFOS AOS ALUNOS. ANOS MAIS TARDE, COLÉGIO PRESTOU UMA HOMENAGEM ESPECIAL AO AUTOR, COM A INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA INFANTIL MENINO MALUQUINHO. NESSE ESPAÇO, OS ALUNOS DO 1º AO 5º ANO TÊM ACESSO A DIVERSAS OBRAS INFANTIS.

"A frequência de alunos na biblioteca aumenta muito a cada ano que passa. Hoje, a biblioteca do São Vicente é uma referência para os professores, com os quais nós colaboramos intensamente. O acervo atualizado e as campanhas que nós fazemos sempre que adquirimos livros novos têm atraído muita gente para o nosso espaço. Isso tudo nos deixa muito contente. Agora, o desafio é descobrir uma maneira eficiente para suprir essa demanda, que só faz crescer, e estimular ainda mais a paixão pela leitura entre os alunos vicentinos"

Maria Teresa Guedes,
Coordenadora das Bibliotecas



AO LADO, TERESA E PEDRO TAN NO "DIA DO LIVRO", NA SALA DO 6º ANO, EM 2008. ABAIXO, GRUPO DE ALUNOS PESQUISA NA NOVA BIBLIOTECA, EM 98, ANO DA SUA INAUGURAÇÃO



TIAGO FEZ JORNALISMO E HOJE DIRIGE E PRODUZ DOCUMENTÁRIOS. "ESTAVA indo pra escola de ÔNIBUS COM O MEU PAI E VI OS BRINQUEDOS DISPOSTOS NUMA JANELA ENORME DE UM APARTAMENTO DA RUA DAS LARANJEIRAS. EU MOSTREI PRA ELE E ELE DISSE 'NOSSA, QUE ABSURDO' OU COISA PARECIDA. ELE SUGERIU, ENTÃO, QUE A MINHA CRIATIVIDADE DO DIA FOSSE SOBRE ISSO", LEMBRA-SE.

QUANTO CUSTA BRINCAR

Tiago Carvalho Gomes Almeida
Aluno - T. 34
Rio 04/11/92 - Criatividade 41

BOBO E CARO

Um dia, eu estava indo para o colégio e, na Rua das Laranjeiras, vi seis Babys Dinossauros em uma janela. O que há na cabeça dessa família? Minhocas, eu creio. Esse boneco custa mais que um salário mínimo, enquanto um trabalhador leva um mês de trabalho duro para ganhar menos que isso. É um brinquedo sem criatividade, parado. Só serve para enfeitar. Fiquei impressionado como um seriado pode criar esses absurdos. O seriado tem temas interessantes, faz críticas, é engraçado, etc. No entanto, a sociedade capitalista incentiva o consumo inútil, cria as falsas necessidades. As pessoas não pensam e compram.

Quanto custa brincar (em Cr\$)

	MESBLA	LOBRÁS	AMERICANAS
Baby Dinossauro 35 cm (Mimo)	579.000	-	647.000

Laboratório de Informática

Engraçado imaginar que há alguns anos atrás a informática não fazia parte de nossas vidas. Tudo começou em 1992, com a chegada ao colégio da Oficina de Informática, que oferecia aulas extracurriculares num pequeno laboratório composto de seis máquinas onde é hoje a biblioteca infantil. O curso visava apresentar essa nova ferramenta a alunos interessados, relacionando programas ao conteúdo escolar.

Dado o sucesso dessas aulas e o crescente interesse por computadores, em 1994 inaugurou-se o Laboratório de Informática, com vinte computadores e uma programação já ligada à grade curricular para os alunos das antigas 3ª e 4ª série do ensino fundamental, que passaram então a utilizar a linguagem de programação "Logo" (linguagem interpretativa e interativa para introdução de crianças aos computadores), ensinada pelas professoras da Oficina de Informática; e para as turmas da 6ª série, atual 7º ano, cujas aulas de Geometria com o programa "Cabri-Geometre", foram ministradas pelo professor João Carlos Rodrigues Gomes, o Joka, atual responsável pelos projetos multimídia da escola e coordenador de Informática.

Pouco a pouco os professores foram se familiarizando com este novo recurso e outras séries começaram a pleitear sua inclusão no projeto.

Em 1996 estendeu-se o uso do laboratório às outras séries, de forma a contemplar todos os alunos, sempre afinadas com a proposta pedagógica do colégio.

Segundo Esther Regina Levis, coordenadora e pioneira da Oficina de Informática, "a proposta do uso dessa tecnologia no São Vicente sempre foi pensada como meio para agregar conteúdo e conhecimento ao projeto pedagógico, como ferramenta para complementar a matéria dada em sala de aula. Nós não damos aula de informática, não ensinamos os alunos a usar o Word, o Excell ou o Power point em si, mas sim a utilizar esses programas para a elaboração de trabalhos específicos de cada matéria, seja em Português, Geografia ou História, por exemplo. Não temos também horário fixo por turma, o uso do laboratório é definido de acordo com a necessidade dos projetos desenvolvidos em parceria pelos professores e pela equipe de informática"

Nessa mesma época, Joka desenvolvia com um grupo de alunos a BBSVP (Bulletin Board System), uma pré internet, na qual os computadores eram conectados à linha telefônica. Através desse sistema, os alunos podiam consultar resultados de provas, tirar dúvidas sobre as matérias e se inteirar de programas educacionais.

Ambas iniciativas deram bons frutos: em 97 entrou no ar a homepage do São Vicente contendo basicamente informações institucionais, que posteriormente evoluiu para o site do colégio, desenvolvido por Esther em 2001. Sua navegação nos apresenta a escola como um todo, da parte institucional à programação pedagógica, passando por informativos de eventos, calendário de provas, material de pesquisa, área de ex-alunos, atividades extraclasse, notícias do Grêmio, Compasso e projetos sociais, entre outros.



À ESQUERDA, O PRIMEIRO LABORATÓRIO NOS ANOS 90. ABAIXO, REFORMADO, RECEBE AS CRIANÇAS NO DOMINGÃO DE 2009. À DIREITA, A SALA MULTIMÍDIA





1º CONTATO DO PE. ALMEIDA COM O COMPUTADOR, INSTALADO, EM SETEMBRO DE 97, NA RECEPÇÃO DA DIRETORIA

Cientes da importância das línguas para o desenvolvimento do conhecimento acadêmico e profissional, em 2001 criou-se o Laboratório de Inglês e, em 2009, o de Espanhol. Doze computadores atendem a pequenos grupos de alunos na prática da oralidade e compreensão auditiva do Inglês através de CD-ROMs, fitas e DVDs, tornando a aula um divertido e estimulante exercício apoiada em tecnologia de última geração. A APM, como sempre parceira da escola, adotou a ideia e doou ao colégio os equipamentos, a infraestrutura e o acervo do laboratório, que proporciona um ensino individualizado e interdisciplinar, dada a versatilidade da metodologia empregada.

Nessa mesma época criou-se a ilha de edição para dar forma ao material acadêmico e institucional produzido

Pensando o futuro

O grande desafio da informática atualmente é saber tirar proveito desse ambiente extremamente democrático que é a Internet. Nós, educadores e profissionais de Informática, temos como exercício instrumentalizar os alunos em softwares e ferramentas, como editores de texto, imagem e vídeo que formam a base dessa nova linguagem. Além de orientar nossos alunos quanto à responsabilidade autoral, por meio da leitura crítica de uma mídia que está em constante evolução e que tem um imenso potencial de gerar conhecimento. Nossa expectativa é usar cada vez mais esse espaço colaborativo, que alunos e professores já participam, construindo novas possibilidades de ensino/aprendizagem. Esse é o trabalho que estamos desenvolvendo no colégio - geração de conteúdo num ambiente democrático de forma a transformá-lo em conhecimento responsável.

Esther Levis, Coordenadora da Oficina de Informática

para a escola em vídeo e DVD.

Em 2005 o Laboratório de Informática entra na era multimídia e os alunos passam a desenvolver trabalhos utilizando recursos de som, texto e imagem, manipulando fotografias, produzindo histórias em quadrinhos com som e animação e jogos interativos com ilustrações, textos e regras elaboradas pelos alunos.

2007 foi o ano da grande virada: o laboratório dobrou de tamanho e passou a contar com 40 computadores!

A mais recente novidade é a sala multimídia e seus dois quadros interativos que empolgam a garotada em aulas das mais variadas matérias.

Mas de nada adiantaria tanta tecnologia e maquinário não fosse o fator humano, na pessoa de Bia - a profes-

sora de Informática -, que com carinho e entusiasmo orienta a garotada no laboratório. E suas aulas no quadro interativo são extremamente concorridas e animadas. O restante da equipe é formado por Cacá, Igor, Leo e Renata.

E como toda novidade tem seu lado perverso e de estranhamento, o colégio tem o cuidado de orientar pais e alunos quanto à segurança e ao uso abusivo da internet. Para tal promove com frequência palestras elucidativas com professores e especialistas e autoridades em segurança e para debater questões como cópias, plágio e demasiada exposição na rede.

No São Vicente a tecnologia está a serviço da educação, ela é mais uma ferramenta para promover e incrementar a expansão do conhecimento.

PROJETOS UTILIZAM AS NOVAS TECNOLOGIAS

- 7A BLOG (2007 E 2008) - BLOG DESENVOLVIDO PELOS ALUNOS DO 7º ANO COM A PROFESSORA DE PORTUGUÊS LUCIANA, DISCUTINDO ASSUNTOS RELEVANTE DESTA FAIXA ETÁRIA COMO: NAMORO, ANOREXIA, AMIZADE, ESCOLA, BULLYNG, INTERNET, ENTRE OUTROS...

- RIO DE SÃO VICENTE (2009) - SITE MULTIDISCIPLINAR, MONTADO POR ALUNOS E PROFESSORES VICENTINOS DO 8º ANO, CONTANDO A HISTÓRIA DO COLÉGIO E DO RIO DE JANEIRO, PALCO E PLATÉIA DE MUITAS MUDANÇAS. ACESSO ATRAVÉS DO SITE DA ESCOLA.

- PESQUISA NA INTERNET - PROJETO DA SALA DE LEITURA, COM A PROFESSORA MÔNICA, COM ALUNOS DO 4º ANO, MOSTRANDO COMO SE FAZ UMA PESQUISA NA INTERNET.

- PROJETO COM SOE COM ALUNOS DO 6º E 7º ANO SOBRE O USO RESPONSÁVEL DA INTERNET ATRAVÉS DO ESTUDO DE CASOS.

- UTILIZAÇÃO DO SITE DA ESCOLA PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS DESENVOLVIDOS PELOS ALUNOS NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA, SERVINDO DE MATERIAL DE ESTUDO PARA TESTES E PROVAS.



O NOVO LABORATÓRIO, INAUGURADO EM 2007

A volta do Pe. Lauro



HOMENAGEM NA ASSEMBLEIA, EM NOVEMBRO DE 2009

Com a morte de Pe. Almeida, em 1989, Pe. Lauro voltou a assumir o colégio. Sua 2ª direção, conduzida com muito sucesso nos anos 90, marcou também o início do novo milênio. E durante todo este período, sua presença foi sempre uma constante. Além do trabalho à frente da direção, Pe. Lauro acompanha o dia-a-dia da escola com

muito carinho e dedicação. Presidindo os Conselhos, refletindo e discutindo questões pertinentes à educação, atendendo aos pais, mestres e funcionários, estimulando e apoiando as ações sociais, conduzindo o trabalho pastoral, com a celebração de missas e batizados, ele tem uma participação ativa na comunidade vicentina e é o maior registro vivo da história do colégio. Muitas das informações contidas nesta edição comemorativa dos 50 anos foram obtidas graças à memória extraordinária que ele tem. Além das lembranças que guarda, Pe. Lauro conta com muito talento, contribuindo também como poeta, escritor, tradutor e fotógrafo. Tendo já realizado várias exposições no colégio, seu trabalho e suas reflexões permanecem através de seus poemas e fotografias. E como não poderia deixar de ser, ele é um colaborador dos mais assíduos da revista A Chama. Não há quem não reconheça suas fotos e reflita sobre os seus textos. Tudo está devidamente registrado em sua memória ou através da sua arte: o Domingão, as Feiras, os Eventos Culturais e Esportivos, as Excursões para o Caraça. E sobre o Santuário do Caraça, que serviu como fonte inspiradora para a criação do Colégio São Vicente de Paulo, não há

peessoa mais adequada para revelar seus encantos, conforme matéria assinada por ele nas páginas 64 e 65.

Vale destacar, em sua 2ª direção, as benfeitorias realizadas, como a transformação de parte da Casa Central para abrigar as novas salas do Alfa, atual 1º ano do ensino fundamental, a reforma e construção de mais um laboratório de informática, os novos equipamentos, a sala multimídia, entre outras. Merecem uma menção especial a importância e o empenho dado aos projetos sociais.

PE. LAURO FOTOGRAFANDO A FEIRA DE LINGUAGEM DE 2008



"COM SUA PEDAGOGIA FOCADA NA DOUTRINA VICENTINA, O COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO, DO COSME VELHO, QUE COMEMORA 50 ANOS, TEM EM SUA TRAJETÓRIA UMA SUCESSÃO DE PROJETOS EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO COM QUALIDADE. O DIRETOR, PADRE LAURO PALÚ, FALA DAS CONQUISTAS E DOS DESAFIOS DE SE TRABALHAR COM EDUCAÇÃO NO PAÍS." SEGUEM ABAIXO ALGUNS TRECHOS DA ENTREVISTA CONCEDIDA POR PE. LAURO PALÚ AO CADERNO DE EDUCAÇÃO DO JORNAL FOLHA DIRIGIDA, EM 10 DE SETEMBRO DE 2009.

"QUANDO EU PENSO NOS MOTIVOS QUE VEJO DE O COLÉGIO TER O NOME QUE TEM, É CHAMÁ-LO DE TRADICIONAL. MAS 50 ANOS, PARA MIM, É NOVO. TRADICIONAL É UM SÉCULO, DOIS. O QUE CARACTERIZOU O SÃO VICENTE FOI TER BONS PROFESSORES, CORDENAÇÃO MUITO REFLEXIVA E PRESENTE, TRABALHO EM CONJUNTO, REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS E PAIS."

"O SÃO VICENTE DE PAULO É MUITO FORMATIVO. PREOCUPAMO-NOS COM A FORMAÇÃO SOCIAL, CULTURAL, RELIGIOSA, FILOSÓFICA E SOCIOLÓGICA DOS ALUNOS. OS ESTUDANTES QUE SAEM DAQUI TÊM SE ENGAJADO E DESTACADO EM VÁRIOS SETORES. MUITOS MÚSICOS, SOLISTAS, CANTORES, ESCRITORES, MÉDICOS, JORNALISTAS, POLÍTICOS."

FOLHA DIRIGIDA
CADERNO DE EDUCAÇÃO

Meio século em defesa de uma educação transformadora

Com sua pedagogia focada na doutrina vicentina, o Colégio São Vicente de Paulo, do Cosme Velho, que comemora 50 anos, tem em sua trajetória uma sucessão de projetos em busca de uma educação com qualidade. O diretor padre Lauro Palú, fala das conquistas e dos desafios de se trabalhar com educação no país.

Um meio século em defesa de uma educação transformadora. É o que o diretor do Colégio São Vicente de Paulo, padre Lauro Palú, afirma ao comemorar os 50 anos de fundação da instituição. Ele destaca a importância da doutrina vicentina e a busca por uma educação de qualidade, focada na formação social, cultural, religiosa, filosófica e sociológica dos alunos.

Palú afirma que a escola sempre teve uma preocupação com a formação integral dos alunos, não apenas no aspecto acadêmico, mas também no desenvolvimento de suas habilidades sociais e emocionais. Ele cita a importância do trabalho em conjunto entre professores, alunos e pais, bem como a realização de projetos que envolvam a comunidade.

Ele também menciona as conquistas da escola ao longo dos anos, como a transformação de parte da Casa Central para abrigar as novas salas do Alfa, a reforma e construção de mais um laboratório de informática, e a aquisição de novos equipamentos para a sala multimídia.

Palú conclui afirmando que a escola continua comprometida com a busca por uma educação transformadora, que prepare os alunos para os desafios do mundo contemporâneo.

"Temos sentido bastante surto, eu..."

INÍCIO DA 1ª DIREÇÃO DO PE. LAURO



Dois desenhos, uma vida

Para indicar meus dois mandatos de Diretor do Colégio, os Meninos do 4º ano me desenharam ao pé da escada. No Colégio todos sabem o que isso significa. Só neste segundo mandato, já são 11 anos de estar ali quase absolutamente todos os dias, saudando cada um, abençoando todos, das sete e quinze às sete e quarenta e cinco e das doze e meia até uma e cinco. Eu digo "Ôi", às vezes "Ôi, ôi", às vezes "Bom dia, bom dia". Um Pequeno me perguntou: "Por que diz duas vezes Ôi, ôi?" Eu respondi: "É que fico sem graça se alguém não me responde e então eu mesmo respondo Ôi".

Em 1980, a Criança me desenhou ainda de cabelo preto e sem óculos. Em 1999, cabelo branco e os óculos. Mas há mais coisas notadas pelas Crianças: Sempre digo alguma coisa: "Bom dia" ou "Ôi". Em 1980, a Criança sobe sem responder. Em 1999, ponho o mão na cabeça da Criança, digo "Bom dia" e ela responde "Ôi". Como falei do "Ôi, ôi" para todos, na semana de São Vicente, final de setembro, muitos começaram a me ver e ouvir e já respondem. Duas Meninas subiram o primeiro lance da escada, depois voltaram e disseram: "Foi mal, ôi também para você". Um doce, essas duas.

De tarde, quando os Alunos saem, depois das cinco e quinze, fico andando no pátio, por onde eles saem. Nunca ando pelos pilotis, pois é o recreio deles, o lugar das brincadeiras, dos namoros, de alguma briga, dos palavões. Não ando no pátio deles, ando no caminho da saída. Um Menino me perguntou: "Você só sabe andar assim devagarinho?" Outro Menino me perguntou: "Você fica o dia inteiro aqui em pé?"

Um dos Coordenadores me perguntou o que fico fazendo aquela meia hora, para lá e para cá, quando vão saindo. Respondi não sei o quê, que é importante. Uns dias depois o Coordenador me encontrou ali, para combinar alguma coisa. Enquanto falávamos, uma Menina me pediu para amarrar o sapato dela, um Menino me mostrou a boca e disse: "Caiu mais um", outro me disse: "Quer trocar dez centavos por um real?", uma das Mães reclamou que o bebedouro não funcionava. Ai o

INÍCIO DA 2ª DIREÇÃO DO PE. LAURO



Coordenador viu que é um lugar onde muita coisa importante acontece quase junta. Pois foi ali, no pé da escada ou na saída, que bem uns trinta Alunos e Alunas, ao longo desses anos, me pediram que os batizasse, um me falou que o Pai e a Mãe estão brigando muito, outra me disse que o Avô estava morrendo e já sentia muita saudade, outro me pediu para trocar um dólar por dois reais.

Na primeira formatura, uma das Alunas do Terceiro Ano agradeceu ao novo Diretor (1999) que a saudava cada dia com um "Ôi, tudo bem?", olhando nos olhos dela.

Quando ponho a mão na cabeça das Crianças, estou abençoando, pedindo a Deus que cresçam com juízo e saúde, deem muita alegria à Família e a todos nós. Os Grandes não aceitariam minha mão na cabeça: abençoo direto o coração deles, com as duas mãos em volta, porque precisam mais.

Se alguém pergunta o que significa a presença nesses três momentos, cedo, ao meio dia e de tarde, sei que é minha maneira de ser vicentino: Acho que nosso uniforme, mais que uma camisa com um nome, devem ser três atitudes: Presença amiga, estima pessoal e confiança. Estou no meio deles como amigo, não para vigiar nem controlar nem conhecer nem garantir nada. Quero ser amigo pessoal de um por um, não me basta ser amigo de "todo mundo". E confiança, porque é o melhor da convivência: Quando a Criança me abraça e beijo sua cabeça, sei que sou seu Avô, seu Pai, seu Amigo, seu Diretor, na sinceridade total que as Crianças têm, quando somos leais e verdadeiros. Não posso querer mais ou melhor para minha vida. Quando me pedem um real para as pipocas ou que os batize, puderam comunicar-se comigo totalmente, porque estou ali, e me procuram porque sabem que estarei ali. Só não sei, quando dou um real ou 25 centavos para completar o trocado do Guri, como os outros notam que naquele dia tenho moedas e também vão me pedir.

Esta página é minha homenagem aos Meninos que me desenharam de cabelo preto e de cabelo branco.

Pe. Lauro Palú, C. M.

Projetos Sociais



NO DOMINGÃO DE 2008, A MENINA ABRE UM SORRISO NO ESCOVÓDROMO, APÓS APRENDER A CORRETA ESCOVAÇÃO DOS DENTES, E UM GRUPO OUVIU HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA INFANTIL; NA FOTO AO ALTO, ALUNOS DA CRECHE REDENTOR SÃO RECEBIDOS PELOS ALUNOS DO SÃO VICENTE

“Aqui não é apenas um colégio católico, ele é vicentino. São Vicente de Paulo viveu no século XVII, na França, e trabalhou muito com os pobres, os evangelizando”, ressaltou Pe. Lauro. Em entrevista que concedeu à Folha Dirigida, em setembro de 2009, referindo-se aos tempos de guerra e de fome de uma França devastada, explicou: “São Vicente não mandava apenas o alimento, mas também a pá, a enxada, para incentivar a produção e o trabalho. O colégio tem isso como tradição.”

O trabalho de cunho sociocultural é, sem dúvida, um dos grandes diferenciais do Colégio São Vicente e ganhou ainda mais destaque sob a direção de Pe. Lauro. O esforço de todos assegura os ótimos resultados. Para falar sobre as diversas ações sociais conduzidas no São Vicente, não há como não mencionar a comunidade vicentina como um todo e o trabalho desenvolvido pelas Voluntárias da Caridade, pelo grupo MAS (Multiplicadoras na Ação Social), Compasso (Coordenação Comunitária, Pastora e Social) e CPF (Construindo e Preparando o Futuro). Os projetos

contam com o apoio incondicional da Direção do Colégio, da APM, dos pais e mestres, funcionários e amigos do São Vicente.

O Projeto Jaguaruana, por exemplo, nasceu por iniciativa de um pai de Aluno, Ricardo Lisboa. “Era uma segunda-feira. Na telinha, Marcelo Canelas mostra à nação uma legião de brasileiros desamparados, que passa pelas mais diversas privações por conta da seca. ‘É Jaguaruana...!’, diz o reporter, ‘...no sertão nordestino’. Da reportagem do Jornal Nacional, da rede Globo, do dia 22 de fevereiro de 1999, nascia o projeto Jaguaruana. A ideia de Ricardo de “resgatar, pela educação, a dignidade daqueles seres humanos” foi posta em prática com muito sucesso. “Ao difundirem ensinamentos sobre a obtenção e tratamento de água para torná-la potável, conceitos básicos de saúde, higiene e agricultura de subsistência, e reforçarem o espírito de cooperação bastante presente nessas comunidades, conseguiram promover uma importante mudança de atitude em alguns de seus membros”, registrava a matéria da revista A Chama/ 1999.

No Rio, o CSVP desenvolve o projeto Esperança, que inclui as oficinas de artesanato para a geração de trabalho e renda, na Pavuna, e a Creche Cristo Redentor, que conta com a participação de alguns alunos do ensino fundamental. Além desses, existem as Bolsas de Estudo, a Monitoria na EJA e o Curso Pré-Vestibular Comunitário. Fora do Rio, há projetos em Serra do Ramalho e Carinhanha, no sertão da Bahia, em Riacho Fundo, no Distrito Federal, e em Francisco Badaró e Jenipapo de Minas, ambos no Vale do Jequitinhonha.

Deise Santana,
Assistente Social do Colégio



AO ALTO, AGROVILA NA SERRA DO RAMALHO, E ACIMA, UMA OFICINA EM FRANCISCO BADARÓ

O trabalho das Voluntárias da Caridade é, em si, um exemplo de que o Colégio já nascia com o objetivo de prosseguir na linha de seu santo fundador. “Educar para a transformação social” é o princípio básico da formação oferecida no São Vicente. São inúmeros os projetos e as ações conduzidas ao longo de todos esses anos. Na revista A Chama de 2008, a matéria de capa era justamente a Ação Social. “De oficinas na própria escola a trabalhos voluntários em outros estados do Brasil, alunos, professores e funcionários do CSVP desenvolvem projetos sociais e melhoram a vida de comunidades carentes” era a chamada. A extensa matéria mencionava o trabalho do grupo MAS junto às famílias da comunidade Chico Mendes, na Pavuna; o projeto Corte e Costura, que teve início em 1994 por iniciativa de Pe. Almeida e conta com o apoio da APM; o Comunicarte, para as crianças do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti); entre outros. E ressaltava também o trabalho de Monitoria para as turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos), dadas por alunos do 2º ano do ensino médio, como um importante trabalho de conscientização social.

Além dos projetos dentro do Colégio, do Domingão, das oficinas e do trabalho na Creche Cristo Redentor, alunos e professores viajam pelo Brasil para desenvolverem trabalhos voluntários. Conforme explicou Deise Santana, assistente social do CSVP, “todos os projetos do São Vicente fazem parte do CPF, que surgiu, por volta de 2000, a partir de um projeto na cidade baiana de Cocos visando à capacitação dos professores municipais”, se estendendo depois para outros lugares. A atuação da equipe do São Vicente em Serra do Ramalho, também no sertão da Bahia, começou em janeiro de 2006. Em Carinhanha, bem perto dali, a presença do colégio também se fez presente, onde são desenvolvidas, entre outras, as oficinas Jovens em Ação, para moradores de 15 a 25 anos. Já em Riacho Fundo, na periferia do Distrito Federal, o início do trabalho voluntário, com a capacitação de lideranças pastorais que lidam com crianças e jovens, se deu em julho de 2006. O esforço e a participação dos professores, alunos e funcionários do São Vicente são vitais para a condução dos projetos, sem contar o incentivo e o foco da própria direção do colégio. O fato é que o alcance das ações sociais só faz crescer.



DE CIMA PARA BAIXO, NANCY, ZEDUJ E GRAÇA, DA COMPASSO; AS CAMISETAS DO PROJETO ESPERANÇA; E TODOS, ALUNOS, PROFESSORES E MORADORES, REUNIDOS NA SERRA DO RAMALHO

AS VOLUNTÁRIAS DA CARIDADE E O GRUPO MÁ S

AO LADO, PE. LAURO E O GRUPO DAS VOLUNTÁRIAS REUNIDOS PARA FESTEJAR OS 47 ANOS DA INSTITUIÇÃO, EM 2007. ABAIXO, AS PARTICIPANTES DO GRUPO MAS NA OFICINA DE ARTESANATO PARA GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA, ONDE SE REÜNEM SEMANALMENTE, ENSINANDO COMO PRODUZIR AS PEÇAS E AJUDANDO NA COMERCIALIZAÇÃO. EMBAIXO, À DIREITA, ALGUMAS DAS PEÇAS PRODUZIDAS NAS OFICINAS DO GRUPO, CUJA VENDA É REVERTIDA PARA A COMUNIDADE CHICO MENDES. A SEGUIR, PAPAÍ NOEL ANIMA A FESTA DE NATAL, PATROCINADA PELAS VOLUNTÁRIAS, EM 2005.



APM - Associação de Pais e Mestres



REUNIÃO DA APM COM AS DIRETORIAS NOVA E ANTIGA, EM ABRIL DE 2009

Prestes a comemorar 50 anos, em maio de 2010, a APM, Associação de Pais e Mestres, tem um papel fundamental no Colégio São Vicente de Paulo. Além de propiciar um canal direto entre a direção da escola, pais e mestres e estabelecer um elo importante na formação dos alunos, participa ativamente nos inúmeros projetos do colégio. Sua presença é uma constante nos Domingões, na Festa Junina, no Churrasco dos Ex-Alunos, na Festa dos Funcionários. Os aparelhos de ar-condicionado, em 74, o ar-condicionado central, em 97, a construção e reforma das bibliotecas, também naquele ano, foram iniciativas da APM. Com sua presença, seu empenho e também sua participação financeira, ela viabiliza muitos dos projetos sociais desenvolvidos na escola, como as Caixa de Abelhas, o Corte e Costura e o trabalho das Voluntárias da Caridade. Promove campanhas educativas, fóruns e feiras e participa da vida cultural do colégio, apoiando o Loas e Luas e os Corais do São Vicente, entre outros projetos. A organização do arquivo do Colégio, que está sendo desenvolvido pela Profª Jéssica Campos, de História, também conta com a colaboração da APM. O projeto é, sem dúvida, um marco importante nesses 50 anos, ao resgatar a própria história do colégio.

PROJETOS APOIADOS PELA APM

- ARQUIVO
- ACERVO BIBLIOGRÁFICO
- ACERVO AUDIOVISUAL
- CAIXA DE ABELHAS
- CIRANDA DE LIVROS
- CORAIS JUVENIS
- CORAL INFANTIL LUAS E LOAS
- CORTE E COSTURA
- EDUCAÇÃO FÍSICA
- REVISTA A CHAMA
- TEATRO
- VOLUNTÁRIAS DA CARIDADE



O acervo de imagens do CSVP

A perspectiva da celebração dos 50 anos de fundação do São Vicente, em 2009, desencadeou inúmeras ações direcionadas ao planejamento e execução de diversos eventos comemorativos. Neste contexto, impôs-se como atividade fundamental a organização do acervo documental produzido e acumulado pela instituição ao longo de sua existência, de forma a garantir não só a preservação da memória institucional como também dar suporte às atividades pedagógicas e administrativas, possibilitando assim as pesquisas que se fariam necessárias aos eventos comemorativos previstos. Em virtude do prazo disponível e da amplitude e diversidade dos conjuntos documentais existentes, a Comissão de Memória e Divulgação estabeleceu que a organização do acervo documental da escola começaria pelo tratamento técnico do acervo de imagens, composto de fotografias e negativos.

O trabalho foi iniciado com um levantamento, seguido pela coleta e transferência do acervo disperso para um espaço disponibilizado pela escola para o início das atividades de organização e conservação. Embora uma parcela do acervo tenha sido organizada em 1997, a maior parte dos documentos encontrava-se dispersa, mal acondicionada e sem qualquer forma de organização. Além disso, constatou-se que a maior parte do acervo produzido após o ano de 2000 encontra-se registrada somente em meio digital. Recebemos também muitas contribuições a partir da mobilização da comunidade em torno das comemorações dos 50 anos da escola através da Internet, o que possibilitou o envio de fotos por ex-alunos, ex-funcionários e ex-professores. Esses documentos estão gravados na memória do computador que se encontra na nossa sala de trabalho.



A suspensão das atividades pedagógicas devido à gripe suína, as férias escolares e algumas dificuldades burocráticas fizeram com que só começássemos a tratar os documentos a partir de setembro. Até o momento, conseguimos realizar várias das etapas estabelecidas no projeto. Mas, sem dúvida, há ainda muito trabalho pela frente.

Jéssica Campos,
profª de História do 3º ano EM

Excursões

Desde o primeiro passeio à Vista Chinesa, em 59, o colégio incorporou à sua agenda um tempinho para tirar os alunos de sala de aula. E os passeios e excursões contribuem em muito para a formação dos alunos. Tem muita algarazara, é complicado, mas tudo sai bem ao final da história. Quem participa, não esquece, incluindo aí um roteiro diverso, entre os quais, Petrópolis, com visita ao Museu Imperial, Palácio de Cristal, entre outros pontos; as cidades históricas de Minas Gerais, com toda a sua riqueza colonial; e o Santuário do Caraça. As excursões começam a partir do 4º ano do ensino fundamental. Para muitos alunos, é a primeira viagem que fazem sem a companhia de seus pais. É, sem dúvida, uma oportunidade de amadurecimento e – certamente – muita diversão.

A 1ª EXCURSÃO, À VISTA CHINESA EM 59. CIDADES HISTÓRICAS DE MINAS NA DÉCADA DE 70, ITATIAIA EM 2003 E A AULA DE CAMPO DO PROF. ALEXANDRE, DE GEOGRAFIA, 3º ANO NO CARAÇA EM 2009



Saindo por aí

Frequentemente "brigamos" com quem nos quer vender produtos e espetáculos para promoções extracurriculares. Sempre respondemos que não temos nenhuma atividade extracurricular... Fazem aquela cara de espanto. Mas como?

Explicamos que não chamamos de atividades extracurriculares, pois tudo o que fazemos durante o ano faz parte do nosso currículo, mais aberto que as salas de aula, mais abrangente que o muro do Colégio. Tais atividades, então, por não se fazerem na sala de aula, são "extraclases", mas não "extracurriculares", pois no nosso currículo amplo entram os esportes, as olimpíadas, o teatro, os corais, a rádio, os shows de talentos, as feiras das linguagens, as semanas culturais, a pintura dos muros, a copa do mundo de futebol de salão, as mostras de ginástica olímpica, as gincanas de geografia ou matemática, o domingo vicentino, as aulas nas monitorias, os projetos sociais nas férias, etc. Mil e uma coisas boas e extremamente úteis.

Fora não só das salas de aula, mas do próprio Colégio, destacam-se as excursões que fazemos, nas várias séries, às cidades históricas de Minas, os dias de estudo em sítios arqueológicos do Estado do Rio, as idas a São Paulo, para visitas a exposições que não virão ao Rio, ou a Museus de lá, como o Museu da Língua, a excursão a Aparecida (fenômenos religiosos), Campos do Jordão (turismo intensivo e ecológico), a São Paulo (interesses infinitos) e Taubaté (onde pousam nos hotéis). Nem todos farão todas essas viagens, mas quem já foi em alguma delas sabe como são rendosas nossas excursões. Também, há os passeios à Baía da

Guanabara, ao Jardim Zoológico, ao Jardim Botânico, as idas a sítios de lazer, Caetés, Penedo, etc. Todos acabam aprendendo muita geografia, só de não dormirem no ônibus e olhar pelas janelas.

Os que vão ao Caraça, por exemplo, além do lobo-guará, que é um atrativo sempre badalado, podem conhecer uma reserva biológica de primeira classe, uma biodiversidade excepcional, um parque exemplar, o Colégio que inspirou a fundação do São Vicente, a escola em que se formou o Pe. Lauro (do 8º Ano ao fim do Ensino Médio) e onde ele aprendeu tanta coisa...

Para o 3º Ano do Ensino Médio, de modo muito especial, a excursão ao Caraça é acompanhada de Professores de História, Geografia, Sociologia e Biologia. Viajam de dia, ouvindo, do portão do Colégio à porta do Caraça, um milhão de informações de toda natureza. E, para quem não morreu da superdose de informações culturais e científicas da viagem, há três dias de cachoeiras, trilhas, cobras e lagartos, lobo-guará e jaritataca e agora, estes dias, até onça parda!

Ao voltar, três continuações de cada excursão, se bem feitas: documentação, fotografias e colecionismo, tudo isso bem incentivado e orientado, porque, afinal, ninguém sai do Colégio em excursão por falta do que fazer aqui dentro. Vamos enriquecer-nos ainda mais, aprender na vida, aprender brincando, como devia ser sempre cada aula, interessante, cativante, boa como o quê. Quem gostou volta com a Família, muitas vezes, a esses lugares e atividades. Quem se interessa começa em seguida sua coleção de selos de animais, de arqueologia, de dinossauros, do que foi ver nos museus e nas mostras.



A FACHADA, A
CASCATINHA,
A TRIMÉSIA
E O ESQUILLO.
FOTOS DO PE.
LAURO



Um dia no Caraça

Chegando pela BR, vindo de Belo Horizonte, pega-se o trevo em direção a Barão de Cocais e Caraça. Seis quilômetros depois de Barão, chega-se ao trevo do Caraça e serão mais 20 até lá em cima; a Fazenda do Engenho está a oito quilômetros e em seguida começa a subida da serra, que é impressionante. Vê-se claramente, em vários trechos, a transição entre a Mata Atlântica e o Cerrado. Depois de uma subida íngreme, a estrada começa a descer e avista-se, pela primeira vez, o Santuário do Caraça. É um longo e largo anfiteatro de montanhas escarpadas e parece que a casa está no meio de uma grandíssima cratera. Mas, na realidade, as edificações estão quase encostadas num dos lados dessa bacia portentosa. Esse primeiro contato com a casa se dá na curva chamada da Boa Vista. Quando voltamos e já com o coração doído, esse lugar se chama Curva da Saudade.

Chegando ao Caraça, ladeiam-se à esquerda as entradas para a Piscina do Irmão Lourenço e o Tanque Grande, passando pela Casa da Ponte e pela Ponte estreita sobre o ribeirão Caraça. Contorna-se o Calvário, passa-se pelo Banho do Imperador, e chega-se, então, ao fim do asfalto, à secretaria da casa. A recepção lhe dá as boas vindas, a chave do apartamento, as instruções, alguns horários e as mais cordiais boas-vindas. Você preenche sua ficha e pronto!

No quarto, vai admirar a limpeza, um friozinho ambiente, uma qualidade do ar, um silêncio especial, a água farta do chuveiro e seu aquecimento solar confortável. Ainda antes do almoço, vai sair para a Cascatinha, com mais um casal ou dois, algumas crianças, um grupo tagarela. Serão muitos tagarelas por todos os caminhos. Na Cascatinha, o banho é sempre uma coragem, mesmo nos dias mais quentes, como será também nos Tabuões, na Cascatona, no Banho do Belchior, nalguma cachoeira do Campo de Fora. Já no Tanquinho e no Tanque Grande é proibido nadar, por serem de correntes de águas frias e menos frias, que provocam câibras fatais.

Voltando da Cascatinha, não deixe de reparar a paisagem. Vai notar a altura dos montes. O mais alto não aparece, o Pico do Sol, escondido por outra parte do mesmo maciço. Com 2072 metros de altura, é o ponto mais alto de toda a Cadeia do Espinhaço. Mas poderá ver, da trilha da Cascatinha, o pico do Inficionado, o segundo mais alto do

AO LADO, A SERRA QUE SE AVISTA DO CARAÇA, QUE RECEBEU ESTE NOME POR CAUSA DA FORMA DA MONTANHA. ABAIXO, ALUNOS DO 3º ANO NO BANHO DO BELCHIOR



Espinhaço, com apenas 4 metros a menos do que o Pico do Sol. Depois o pequeno Pico da Verruguiha, em cuja direção estão as cidades de Mariana e, um pouco à direita, a de Ouro Preto. Depois vêm a Canjerana, os Três Irmãos, o Pico da Conceição, que esconde Belo Horizonte, e a baixada por onde se chega ao Caraça. Já do outro lado do anfiteatro, o Pico da Carapuça e o Beijo do Diabo são os mais imponentes, não tão altos, só 1955 metros, mas os mais próximos e sobranceiros.

O almoço é no refeitório onde comiam os Alunos, no tempo de Seminário. É um vozerio confuso de gente feliz, cansada das trilhas, cheia de novidades pelo que viram e puderam experimentar: as águas frias, algum bicho que saltou no caminho, o tucano que gritava no jardim, os esquilos e os coquinhos, a cobra que alguém viu e o boa que está a comida. Muitos não fazem nenhuma cerimônia: depois do almoço, uma boa sesta. Descansados, ainda passarão pela cantina, já indo na direção do Banho do Belchior, outra bela caminhada, com mais dois quilômetros de ida e dois de volta, isso se não for até o Tanque Grande ou à Prainha, com as crianças, para desfrutar ainda de um terceiro banho.

De volta à casa, nada como um bom descanso no jardim, vendo o cair da tarde. Tendo sorte, verá o bando de marrecos que regressa dos lados do Tanquinho para a mata do Tanque. O concerto das cigarras e os gritos dos japus nas árvores isoladas ou no cedro grande dão um tom inesquecível às tardes caracenses. Depois do banho, um papo no adro, com os outros hóspedes e, às vezes, já a primeira visita do lobo-guará. Depois dele, o jantar (até às sete e meia), a missa na capela neogótica, o vinho no barzinho, as conversas, as histórias do Caraça que nos contam os Padres, os hóspedes ou ex-Alunos. E depois é dormir tranquilo, com um sono profundo, embalado pelo cansaço, pelo silêncio, pelo toque regular dos sinos e pela harmonia do lugar.

Uma boa noite, bons sonhos... e bom dia! - pois o sol já despontou e suas aventuras vão recomeçar.

Pe. Lauro Palú, C. M.



ACIMA, A IGREJA NEOGÓTICA, UM GRUPO DO 3º ANO DE 2009 NA CAMINHADA COM A PROFª RENATA, DE SOCIOLOGIA. O LOBO GUARÁ, PERSONAGEM DO CARAÇA, QUE APARECE À NOITE PARA COMER. O POR DO SOL INESQUECÍVEL



O Projeto Pedagógico

Desde o início, respaldado pela tradição dos educadores Lazaristas, o CSVP primou pelo mais alto nível de ensino. De uma educação crítica, passou a discutir em profundidade o caminho a seguir, adotando a Educação Libertadora, em 1968. De lá para cá, só reforçou o caráter reflexivo e transformador de todo o processo educativo.

A reflexão tornou-se um grande diferencial do São Vicente: é parte integrante da formação oferecida aos alunos e um elemento dos mais importantes para o sucesso do projeto pedagógico do colégio.

Tudo é discutido, planejado, e também aperfeiçoado, quando necessário. E a participação de todos neste processo conduz a ações extremamente bem sucedidas. O Conselho Pedagógico, por exemplo, já existe há cerca de 40 anos. As jornadas pedagógicas, realizadas no início do ano letivo, contribuem para reforçar questões importantes, unindo o corpo docente em torno dos princípios que norteiam a formação a ser oferecida aos alunos. A APM, por sua vez, insere os pais na discussão sobre os rumos a tomar na educação de seus filhos.

Em 1999, a revista A Chama publicou uma matéria extensa sobre o Projeto Pedagógico da escola. A discussão sobre o projeto durou cerca de dois anos e envolveu toda a comunidade educativa do São Vicente, levando à elaboração de um importante documento, que definia os princípios orientadores da ação pedagógica do colégio e os meios para atingi-los. Dentre os principais

pontos abordados, vale destacar o papel da educação na formação de agentes de transformação social, segundo Nina Maria da Cunha, que responde pela Coordenação Acadêmica do CSVP e participou das discussões em 1999, assessorando Pe. Lauro e Prof. Arthur Motta. O documento ressaltou também a utilização de uma metodologia construtivista, dialogal e libertadora, em que o aluno é sujeito e não objeto; e a importância do apoio e da participação de todos neste processo, ou seja, a colaboração por parte da escola, dos professores e da família.

No debate que resultou na matéria da revista, estiveram presentes as atuais coordenadoras, Cristina Caldas, Liliane Santos, Solange Borba e Patrícia Rubim e também Marlene Bluhm e Sérgio Maia, antigos colaboradores, ambos tendo tido uma extensa e importante atuação no colégio.

Atualmente, a direção do CSVP vem se dedicando, juntamente com as coordenações, em envolver os professores na reelaboração de um novo documento, à luz dos desafios que surgiram nestes dez anos. Segundo Nina, a educação pode contribuir muito para reverter inúmeros problemas, desenvolvendo a solidariedade, combatendo o consumismo excessivo, proporcionando a vivência de relações baseadas no diálogo democrático, na tolerância e na aceitação das diferenças, estimulando o trabalho em prol da comunidade e criando uma consciência cidadã, que se explicita em responsabilidade, compromisso e atuação ética.

SOLANGE BORBA,
LILIANE SANTOS, NINA
CUNHA E CRISTINA
CALDAS,
COORDENADORAS
PEDAGÓGICAS DO CSVP



O papel do Coordenador

De acordo com o dicionário Michaelis, o verbo coordenar significa "combinar (-se), harmonizar (-se)". Partindo dessa acepção, tem-se que coordenação pressupõe um tipo de trabalho conjunto, baseado na partilha de saberes e no equilíbrio de pontos de vista entre os atores de um processo.

Nessa perspectiva de cooperação e divisão de responsabilidades e à luz do Projeto Pedagógico do Colégio São Vicente de Paulo, venho executando, há 16 anos, meu trabalho de Coordenação Pedagógica no Ensino Médio de nossa escola.

Trata-se de conjugar esforços para garantir ao aluno um Ensino Médio cujo currículo desenvolva nele a capacidade de se realizar em três domínios do saber humano: a vida em sociedade, a atividade produtiva e as experiências subjetivas. Assim, Coordenação, professores e responsáveis precisam trabalhar em parceria, conscientes de que cada vez mais o aluno deve ter uma formação ampla, promovendo o pleno desenvolvimento de suas múltiplas capacidades.

Para isso, a missão do Coordenador Pedagógico do Ensino Médio abrange não somente o lado conceitual, mas também aspectos éticos e críticos, permitindo, assim, uma postura mais efetiva do conhecimento e visando ao acesso dos alunos à Universidade para uma futura inserção no mundo do trabalho. Nesse trabalho, o Coordenador acumula as funções formadora, articuladora e transformadora no ambiente escolar, tarefa complexa que leva esse profissional a enfrentar muitos desafios.

É, pois, papel do Coordenador favorecer a construção de um ambiente democrático e participativo, por meio do qual incentive a produção do conhecimento por toda a comunidade escolar, de modo que se promovam mudanças atitudinais, procedimentais e conceituais nos educandos.

Maria Cristina Spinola Pereira Caldas,
Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio

Coordenação do Ensino Fundamental

O objetivo do Ensino Fundamental é inserir a criança e o adolescente no mundo do conhecimento, construindo estratégias para que ele possa ser sujeito da sua aprendizagem e estimulando competências e habilidades pertinentes a cada série e faixa etária.

Em nossa prática, verificamos que, além dos conteúdos conceituais, as questões atitudinais têm necessitado de um olhar constante, orientação atenta e responsável aos alunos e seus familiares.

Como nossa proposta educacional visa formar agentes de transformação social numa perspectiva contracultural, nos deparamos frequentemente com problemas que estão na sociedade e acabam sendo trazidos para o espaço escolar. Sendo assim, nossa reflexão é constante e nossa ação busca o caminho da solidariedade e da mediação de conflitos.

É um período de 9 anos em que as crianças passam por mudanças físicas e comportamentais e vivenciam experiências escolares significativas tais como criar o hábito de estudo, o acompanhamento de professores por disciplina, participar de protestos culturais e sociais. Enfim, viver a vida!

Nossa tarefa na Coordenação do Ensino Fundamental tem sido acompanhar o trabalho desenvolvido e estimular a participação colaboradora de todos.

Liliane Ferreira dos Santos e Solange Borba,
Coordenadoras do Ensino Fundamental

O FUTURO DA EJA É A EJA DO FUTURO

HÁ MUDANÇAS QUE NOS SÃO IMPOSTAS PELA REALIDADE. HÁ AS QUE DESEJAMOS. E HÁ AS QUE REÜNEM ESTAS CARACTERÍSTICAS. TAL É O MOMENTO DA EJA DO CSVP.

DESDE O FINAL DA DÉCADA DE 90, OS GOVERNOS FEDERAIS TÊM MASSIFICADO A OFERTA DE ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO E GRATUITO, ATINGINDO HOJE NÚMERO MUITO PRÓXIMO DA TOTALIDADE DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM IDADE ESCOLAR. ISTO SIGNIFICA QUE EM POUCAS DÉCADAS NÃO DEVEMOS TER MAIS DO QUE UM ÍNDICE RESIDUAL DE ADULTOS SEM O ENSINO FUNDAMENTAL.

O CURSO QUE OFERECEMOS, EMBORA DE EXCELENTE QUALIDADE, ATENDE PARCIALMENTE ÀS EXPECTATIVAS DE ALGUNS ALUNOS E ALUNAS. HÁ AQUELES QUE PASSAM POR SUCESSIVAS OCASIÕES DE REPETÊNCIA, O QUE SE DEVE EM PARTE AO MODELO CURRICULAR QUE ADOTAMOS, DIVIDIDO EM DISCIPLINAS, E QUE NÃO CONTEMPLA UMA EXPERIÊNCIA AUTÊNTICA DE SENTIDO PARA PESSOAS QUE JÁ VIVEM NO MUNDO INTEIRAMENTE PLURAL DO TRABALHO. OS QUE CONCLUEM NOSSO ENSINO FUNDAMENTAL MANIFESTAM ENCANTAMENTO COM A FORMAÇÃO INTEGRAL QUE AQUI CONSTROEM, MAS SOFREMOS EM VÊ-LOS PARTIR, ÀS VEZES SEM REALIZAR PLENAMENTE SEU POTENCIAL. A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO MÉDIO E DO ENSINO FUNDAMENTAL TRANSDISCIPLINAR SÃO, PARA NÓS, DESEJO, NECESSIDADE E VONTADE.

HÉLCIO ALVIM, COORDENADOR DA EJA- EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS



A TURMA DO SOE:
EM PÉ, PATRÍCIA
RUBIM, MARIA
CLARA BORGES, LUCI
MOURA E CORDÉLIA
FREITAS, SENTADAS,
MARIA ELEONORA
CALDEIRA, HELOÍSA
CARVALHO E NORMA
ANDRADE

IMPLEMENTAÇÃO DO 1º ANO EM 2007

A PARTIR DA APROVAÇÃO DA LEI 11.274 QUE DETERMINAVA O ENSINO FUNDAMENTAL EM 9 ANOS, O COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO ORGANIZOU UM GRUPO DE TRABALHO, PARA CONSTRUIR O PROJETO PEDAGÓGICO DESSA SÉRIE.

DURANTE TODO O ANO DE 2006, ESTUDAMOS METODOLOGIAS, VISITAMOS OUTRAS ESCOLAS, PENSAMOS NO ESPAÇO FÍSICO ADEQUADO, ESTABELECEMOS CONVÊNIO COM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ESCOLHEMOS A EQUIPE PEDAGÓGICA QUE ACOMPANHARIA NOSSOS ALUNOS DE 6 ANOS.

INICIALMENTE, COMEÇARIAMOS COM UMA TURMA, MAS A PROCURA FOI MAIOR E OFERECEREMOS VAGAS TAMBÉM PARA O TURNO DA MANHÃ.

ESSA SÉRIE NÃO FOI UMA NOVIDADE PARA O COLÉGIO, POIS, HÁ MUITO TEMPO ATRÁS, JÁ TIVEMOS CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO.

NO ENTANTO, A SOCIEDADE MUDOU E, HOJE, À LUZ DA EXPERIÊNCIA ADQUIRIDA E COM BASE NA PROPOSTA EDUCACIONAL DE FORMAR AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, O SÃO VICENTE RECEBE ESSAS CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS COM MUITA ALEGRIA E SATISFAÇÃO.

LILIANE CONCEIÇÃO FERREIRA DOS SANTOS, COORDENADORA PEDAGÓGICA



NA FOTO ACIMA, O PARQUINHO E, AO LADO, UMA DAS SALAS DE AULA, QUE FORAM CONSTRUÍDAS PARA RECEBER OS ALUNOS DO ALFA, EM 2007

Não se aprende só nas aulas

Além do ensino de qualidade e dos altos níveis obtidos nas avaliações dos alunos para o ingresso nas universidades, o Colégio São Vicente oferece muito mais. Os grêmios, as ações sociais, as atividades culturais e esportivas contribuem, sem dúvida, para a formação dos alunos. O trabalho dos monitores da EJA, os grupos de teatro, o Loas e Luas, os Corais do São Vicente, as Olimpíadas Vicentinas, os jornais são algumas das inúmeras atividades difundidas no colégio. Não é a toa que os ex-alunos se sentem em

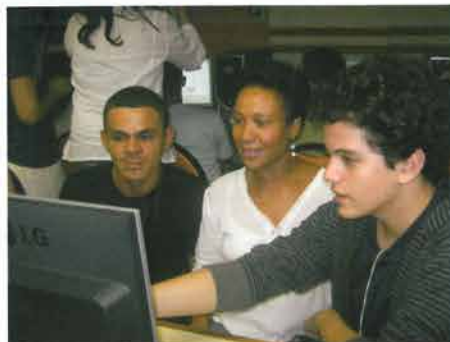
casa quando voltam ao colégio para comemorar. Pois as boas lembranças são muitas. O ambiente do colégio não se resume apenas à sala de aula; ele se estende pelos corredores, pelo pátio, pelas quadras, pelo auditório. As atividades extraclasse - os eventos esportivos, as apresentações artísticas, as excursões, os projetos sociais, o curso de Filosofia e Cinema, o PROVOC, o MIRIN, entre outros - representam uma gama diversa de experiências que garante a eles uma formação ampla para toda a vida.



AO LADO, OS PALHAÇOS, DO GRUPO DO TEATRO, NO DOMINGÃO DE 2009, E ABAIXO, A 2ª SERIE NA FESTA DOS ANOS 60, EM 99



EXPERIÊNCIA DO 2º ANO NA MONITORIA DA EJA: ACIMA, EDUARDO E JULIA EM SALA COM A PROFª ROSINHA. AO LADO, ANTONIO NO COMPUTADOR



AO ALTO, JOGO DE VÔLEI NAS OLIMPÍADAS VICENTINAS, AS MENINAS DO CORAL EM "O GRANDE CIRCO MÍSTICO" E O TEATRO EM "ÓPERA DO MALANDRO", EM 2006

A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO CSVP

O MIRIN, MODELO INTERCOLEGIAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, QUE É REALIZADO ANUALMENTE POR INICIATIVA DOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA PUC, TAMBÉM CONTA COM A PRESENÇA DO COLÉGIO SÃO VICENTE. SIMULANDO DEBATES DA ONU, ATRAVÉS DA FORMAÇÃO DE DELEGAÇÕES DE VÁRIOS PAÍSES, A IDÉIA DO PROJETO É JUSTAMENTE INCUTIR NOS JOVENS OS VALORES DO MULTILATERALISMO, DAS DIFERENÇAS ECONÔMICAS E CULTURAIS, TENDO POR PROPOSTA A SOLUÇÃO PACÍFICA PARA AS CONTROVÉRSIAS INTERNACIONAIS. A PROFESSORA JÉSSICA, DE HISTÓRIA, É QUEM ORGANIZA A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO SÃO VICENTE. NA FOTO AO LADO, JÉSSICA ESTÁ CERCADA PELOS ALUNOS DO COLÉGIO QUE PARTICIPARAM DO PROJETO EM 2006, ALGUNS DOS QUAIS INTEGRAM ATUALMENTE O INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA PUC. O ESFORÇO E A DEDICAÇÃO DOS ALUNOS CORRESPONDE À MOTIVAÇÃO E À EXPERIÊNCIA QUE JÉSSICA LHEZ OFERECE.



FORMANDO JOVENS PESQUISADORES

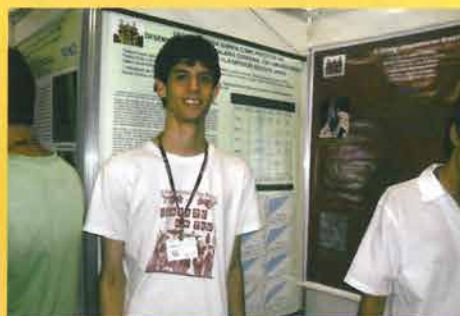
DESDE 1990, QUANDO O SÃO VICENTE ESTREOU O PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA (PROVOC), DIVERSOS ALUNOS PUDEAM CONHECER DE PERTO O TRABALHO DE UM PESQUISADOR. E MUITOS DELES ACABARAM OPTANDO POR SEGUIR ESSA CARREIRA. O PROGRAMA É UMA INICIATIVA DA ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO, QUE FAZ PARTE DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ), E FOI TRAZIDO PARA O COLÉGIO PELO PROFESSOR DE FÍSICA BIRA. HOJE, A GESTÃO DO PROVOC NO CSVP É FEITA PELA COORDENADORA DO SOE, PATRÍCIA MENDES RUBIM.

“É IMPRESSIONANTE A QUANTIDADE DE CONHECIMENTO QUE ELES ACUMULAM DURANTE O ANO. O ESTÁGIO DESENVOLVE A CRIATIVIDADE, AMADURECE OS ALUNOS E DÁ A ELES UMA MAIOR CAPACIDADE DE ADAPTAÇÃO” EXPLICA PATRÍCIA.

O PROVOC ESTÁ DIVIDIDO EM DUAS ETAPAS. NA ETAPA DE INICIAÇÃO, OS ALUNOS SÃO CONVIDADOS A PARTICIPAR DE DIFERENTES ATIVIDADES (COLETA E ORGANIZAÇÃO DE MATERIAIS, OPERAÇÃO DE TÉCNICAS BÁSICAS ETC). A ETAPA DO AVANÇADO, COM DURAÇÃO DE UM ANO E MEIO, É OPCIONAL PARA ALUNOS QUE CONCLUÍRAM A ETAPA ANTERIOR. O AVANÇADO ENVOLVE A ELABORAÇÃO DE UM PLANO DE TRABALHO, NO QUAL SÃO DISCUTIDAS E APROFUNDADAS AS QUESTÕES LEVANTADAS NA PRIMEIRA ETAPA.

AS ATIVIDADES COMEÇAM EM AGOSTO E TERMINAM EM JUNHO DO ANO SEGUINTE. O CUMPRIMENTO DE TRÊS HORAS SEMANAIS É INDISPENSÁVEL PARA OBTENÇÃO DO CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NO PROVOC. O PROCESSO DE SELEÇÃO É EXTENSO. COMEÇA NUMA REUNIÃO COM OS ALUNOS INTERESSADOS E OS PAIS. DEPOIS, OCORRE A ANÁLISE DO HISTÓRICO E DO BOLETIM ESCOLAR. MAIS TARDE, OS CANDIDATOS FAZEM UMA VISITA À FIOCRUZ. ALÉM DE ESCREVER UMA REDAÇÃO SOBRE O SEU DESEJO DE FAZER O ESTÁGIO, OS ALUNOS PRECISAM OBTER O PARECER DE UM PROFESSOR.

“A PROCURA É MUITO GRANDE INICIALMENTE. MAS HÁ VÁRIAS DESISTÊNCIAS AO LONGO DO PROCESSO. OS ALUNOS SE ASSUSTAM COM O DESAFIO. MAS VALE A PENA. É MUITO COMUM QUE DEPOIS DO AVANÇADO, OS ALUNOS INTERESSADOS PELA ÁREA CIENTÍFICA SIGAM CARREIRA NA FIOCRUZ”, LEMBRA A COORDENADORA.



AO ALTO, JULIA VIANNA QUE ESTAGIOU NO INSTITUTO FERNANDES FILGUEIRA, EM 1999, EXPÔE SEU TRABALHO. EM 2008, GABRIEL FARAH ESTAGIOU NO LABORATÓRIO DE PESQUISAS EM MALÁRIA, NA FIOCRUZ, DESENVOLVENDO PESQUISA SOBRE MALÁRIA CEREBRAL .

Parceria Família/Escola

Quando alguém pergunta como vai nosso Colégio, respondo que muito bem. O pior da vida é trabalhar onde alguém não se sente estimado, valorizado, reconhecido e importante. E isto lutamos por conseguir: Que cada um se sinta gente e importante, VIP.

Quando fui diretor a primeira vez, havia em nosso Supletivo, uma moça, de nome muito bonito, que ficou pelo menos 12 semestres, me parece, na mesma 3ª Série. Um colega perguntou: “Menina, por que você insiste tanto, se não consegue passar de ano?” E ela respondeu com a candura que ganhou de Deus: “Porque aqui sou tratada como gente”. Não era tratada como empregada nem como número, tinha um nome, muito bonito, e respondia à chamada com a maior alegria. Era ela.

Converso com as Famílias, há um certo tempo, com franqueza total. Na primeira reunião de Pais, cada ano, lembro que ninguém no Colégio é empregado de vocês. Isto parece um pouco rude, mas lembro que assinaram com o Colégio um Contrato de SERVIÇO. Então, não somos empregados, somos SERVIDORES, como Jesus Cristo, como São Vicente. Tudo o que somos e temos o pomos a serviço do crescimento humano dos Alunos e das Famílias e o fazemos com zelo, profunda alegria e nítida consciência de nossa missão social transformadora.

Aí eu brinco, para serenar o ambiente e facilitar o diálogo: Primeiro suscitamos a parceria, depois temos que “aguentar” os Pais na Escola... Mas podem ter certeza: Se querem mesmo ser parceiros, podem contar com nossa energia e nossa ajuda e, se for o caso, com nossa paciência e nosso perdão, como queremos contar com a colaboração enérgica e o perdão maduro e generoso de vocês.

Desde a primeira reunião de Pais que fiz, ao voltar como Diretor, em 1999, peço às Coordenações que não respondam imediatamente às reclamações dos Pais. Tenham a paciência e coragem de ouvir até o fim, mesmo que a queixa de um açule ou azede a crítica de outro e provoque um clima desagradável de reclamações. Não é que tenhamos a casca grossa, o couro insensível: pelo contrário, sabendo do esforço que fazemos, somos tanto mais suscetíveis, quando nos acusam ou agridem injustamente. Nenhum Pai nos agrediria por agredir. Quando recebo certos e-mails, minha vontade é, bem, minha vontade é, não, minha vontade é... Mas começo por agradecer que tenham escrito e mostrado seu desagrado ou censura, feito sua reclamação, às vezes até dado suas sugestões (viva!). Respondo o que posso, assumindo lealmente nossa impotência (nossa incompetência, como um Pai disse que era o que eu deveria dizer: e eu concordei). E no fim termino pedindo que continuem conosco, dando sempre sua colaboração.

Já falei da casca grossa, do couro insensível? Deus sabe quanto isso custa, se nos tínhamos esforçado. Mas todos sabem como tem sido proveitoso quando escrevem e respondemos.

Um exemplo bonito dessa parceria são os encontros de Pais com os Professores. Um tempo, era um trauma para os Professores, porque umas Famílias vinham em pé de guerra. Hoje, os Professores têm a maior alegria nesses encontros, porque vocês saem felizes, vendo como eles são competentes e quanta alegria têm em serem Professores de seus Filhos. Continuem. Continuem!

Pe. Lauro Palú, C. M.

Feiras de Linguagem e Qualidade de Vida



ACIMA, OS BALÕES DE GÁS, COM MENSAGENS DE PAZ, QUE FORAM SOLTOS NO CÉU NO ENCERRAMENTO DA FEIRA DE LINGUAGEM DE 2007. NO MESMO ANO, A DRAMATIZAÇÃO DO RECOLHIMENTO DO LIXO NO MAR. NO ALTO, À DIREITA, O PROJETO EJA DE 2006: "EX-VOTOS: PROMESSA DE UM MUNDO MELHOR". AO LADO, O CORAL LOAS E LUAS FECHA A FEIRA DE LINGUAGEM DE 2005 COM A APRESENTAÇÃO DA "NAU CATARINETA VICENTINA"

As Feiras de Linguagem e Qualidade de Vida são grandes acontecimentos na comunidade vicentina. Quase sempre norteadas pelos temas da Campanha da Fraternidade, são a culminância de vários projetos desenvolvidos no colégio ao longo do ano.

Tudo começa de fato no ano anterior, quando Padre Lauro apresenta ao corpo docente o tema e o lema da Campanha da Fraternidade a ser trabalhado no seguinte. Esses temas, propostos pela CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - versam sobre questões pertinentes à humanidade e vão desde a importância da água em nossas vidas, às questões da terceira idade, dos deficientes, dos índios, da preservação da Amazônia e das drogas, só para citar algumas.

Apresentadas as idéias, é hora de os professores começarem a traçar o planejamento do próximo ano, já que parte do conteúdo a ser ensinado versará sobre esse tema e suas inúmeras ramificações.

O quarteto fantástico que orchestra esses dois grandes eventos é composto

por Nina, do SOE; Esther, coordenadora de Informática; Nanci, da Compasso, e Maria Tereza, coordenadora da Biblioteca. Embora desenvolvam esse trabalho em conjunto, Nina participa mais da concepção das feiras, Esther se encarrega do suporte de equipamentos e tecnologia, Nanci cuida da execução, organização dos espaços e contatos com organizações e pessoas de fora, e Tereza coordena toda a parte de pesquisa. E unindo todos esses esforços, organizam as duas feiras que apresen-

POEMAS ILUSTRADOS DOS ALUNOS DO 6º ANO, NA FEIRA DE 2006



tam aos pais e familiares todo o percurso acadêmico e as práticas pedagógicas da escola, da primeira à última série.

A proposta das Feiras de Linguagem e de Qualidade de Vida surgiu da necessidade de concentrar uma série de eventos de menor porte promovidos anteriormente, como a Feira de Ciências, da Saúde, do Trabalho, do Livro e do Folclore, de forma a evitar a pulverização e dispersão de assuntos. Embora apresentem principalmente trabalhos realizados pelos alunos, as feiras também contam com a participação de ONGs, de instituições de fora da escola e de pais de alunos que venham a enriquecer o conteúdo proposto.

A Feira de Qualidade de Vida, que acontece no primeiro semestre, tem um caráter mais científico e acadêmico e aborda questões relacionadas ao meio ambiente, às cidades e à economia. Entre os temas trabalhados estão a água, a alimentação, a prática de hábitos saudáveis, a prevenção de doenças, e a preservação da natureza e do espaço urbano. A edição de 2004, inspirada na Campanha do mesmo ano - "Fraternidade e

Água”-, cujo lema foi “Água, Fonte de Vida”, foi das mais concorridas. Por meio de exposições de cartazes, instalações artísticas, fotografias e desenhos, os alunos ilustraram a importância da água em nossas vidas. Da poluição da Baía de Guanabara ao desperdício de tão precioso líquido, passando pela escassez da água como origem de conflitos entre os povos, estava tudo lá, exposto em originais e sofisticados trabalhos e projetos feitos por alunos de todas as séries.

Já a Feira de Linguagem, programada para o segundo semestre, se estrutura principalmente na área da comunicação

- linguagem, artes, música -, destacando o veículo que está sendo utilizado, com ênfase na questão visual. Há muitos trabalhos em vídeo, filmes e apresentações musicais. É um grande happening que entusiasma os alunos e fascina os visitantes. Uma das grandes Feiras de Linguagem foi a de 2003, cujo tema foi a Cidade do Rio de Janeiro, “na qual o passado, o presente e as expectativas para o futuro da cidade se misturavam numa riqueza de linguagem que espelhava, certamente, a própria riqueza da realidade.”(Chama/ 2003). A partir do relato de familiares e muita pesquisa, os alunos retrataram a cidade e os hábitos

da população de ontem e hoje. Foram também expostos trabalhos sobre a favelização e a exclusão social de forma crítica e construtiva, propondo até mesmo soluções para alguns problemas do Rio.

Em depoimento dado à Chama de 2005, Maria Tereza bem ilustra a experiência dessas Feiras: “Acreditamos que momentos como estes, de troca de informações e experiências, possam contribuir para a reflexão por parte da Comunidade Escolar, sobre conceitos relativos ao seu próprio bem-estar e, principalmente, sobre a prática de comportamentos socialmente responsáveis em relação à comunidade e ao meio ambiente.”

NA FOTO ABAIXO, NA FEIRA DO MEIO AMBIENTE E SAÚDE, EM 2000, A TURMA 62 PROTESTA CONTRA A POLUIÇÃO. AO LADO, OS COMPUTADORES NA BIBLIOTECA INFANTIL, EXIBINDO O PROJETO “DESVENDANDO OS SEGREDOS DO UNIVERSO”, DE 2009. NO PÁTIO DA ESCOLA, PROFª MONICA E A TURMA DA 8ª SÉRIE, COM O PROJETO “ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL”, EM 2005. JÁ EM 2008, CLARA, CATARINA E OLÍVIA, DA 7ª SÉRIE, FALAM SOBRE “CÉLULAS TRONCO”. NESTE MESMO ANO, ALUNAS EXPERIMENTAM TERAPIAS ALTERNATIVAS.



A HORTA EM DOIS TEMPOS:
NO INÍCIO DOS ANOS 60, AS PROFESSORAS LEVAM OS MENINOS PARA PLANTAR NO TERRENO ONDE HOJE É O GINÁSIO. EM 92, O INÍCIO DO PROJETO “NOSSA HORTA”, COM A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DA 1ª À 4ª SÉRIE. COM A AJUDA DOS PROFESSORES E DO GERÔNIMO, FUNCIONÁRIO DA ESCOLA, OS ALUNOS SEMEARAM E CUIDARAM DA HORTA DIARIAMENTE, NO LOCAL ONDE HOJE É A ENFERMARIA; E, NO FINAL DO SEMESTRE, PUDEAM COLHER O FRUTO DO SEU TRABALHO.

Um vasto campo de trabalho missionário

Muita gente pensa que ser missionário é só na África, na Ásia ou entre índios... Mas nosso próprio Colégio é um grande campo aberto a quem quiser ajudar a construir forte e bonito o Reino de Deus. A começar do nosso nome, São Vicente de Paulo, que fica muito bem numa obra social, num hospital, no nosso Colégio. E é fácil ver por quê.

Temos o ensino religioso e cuidamos atentamente dos Professores e Professoras deste setor. Temos preparações especiais para as turmas de 6º Ano que desejam fazer sua Primeira Comunhão. Também preparamos carinhosamente os que vão ser crismados, no 1º e 2º do Ensino Médio. No Curso noturno de Educação de Jovens e Adultos, esses sacramentos são celebrados cada ano, com os Alunos que se apresentam, desejosos de completar com os deveres religiosos o que estão conseguindo com os estudos e a própria promoção. E os Meninos e Meninas que pedem o batismo, durante o ano e são preparados por mim com tanto gosto!

Ainda há os Pais, a quem falei com insistência, na preparação da Primeira Eucaristia dos Filhos e Filhas: Se eles não participam, não dão o exemplo, acompanhando os Filhos à Missa, se não se confessam e comungam com eles, é inútil esperar que os Filhos frequentem a igreja e continuem comungando. A primeira fica sendo a última, a única comunhão... Acho que falei tão claro, graças a Deus, que várias Famílias vieram confessar-se e puderam comungar na mesma missa com o Filhos e Filhas, nos dias 5 e 6 de dezembro.

E também, porque falei claro, as Famílias souberam que em nossa capela celebramos casamentos, missas de 15 e 18 anos, ações de graças pela formatura, bodas de prata e de ouro, batizados de Irmãos e Irmãs, uma série de serviços religiosos que prestamos com o maior gosto. Podemos ajudar aqui e fora daqui, como comentei em relação aos doentes, a quem levei, levo e levarei a unção dos doentes e a comunhão, nas casas ou nos hospitais, como estou levando agora a um ex-Aluno de que me falou uma das Mães, a quem agradeço esta caridosa ajuda.

E tudo isso que fazemos como atos religiosos, além do ensino nas salas de aula e das catequeses na celebração de cada sacramento, é completado pelos projetos sociais, que nos levam como missionários aos sertões baianos, ao Distrito Federal e ao Vale do Jequitinhonha, além da Pavuna e Nova Sepetiba, aqui no Rio.

Se, por um lado, faltam Padres (somos apenas dois Padres no Colégio, o Padre Emanuel e eu, mais o Irmão Adriano Ferreira, que coordena os nossos projetos sociais), não têm faltado os leigos, Pais, Mães, Professoras e Professores, Funcionárias e Funcionários, Alunos, Alunas, ex-Alunos e ex-Alunas, que nos acompanham nas missões de férias de janeiro ou nos projetos baiano, mineiro e brasileiro, nas férias de janeiro e julho.

Pe. Lauro Palú, C. M.

Pastoral

“Minha mãe e meu dindo estudaram no São Vicente e foram batizados lá. Minha mãe, pelo Padre Almeida, e meu dindo, pelo Padre Lauro. Entrei no São Vicente este ano e, quando conheci Padre Lauro, quis me batizar também”, registrava Calvin Magno Lopes Bradford na revista A Chama, de agosto de 2007. Calvin, à época aluno da 1ª série, é uma das muitas crianças que são batizadas e, depois, catequizadas para receber a 1ª Comunhão no São Vicente. Nesta mesma edição, foram colhidos ainda depoimentos de Diogo Amorim e de Leonardo Torres (2ª série), ambos muito felizes com a celebração de Batismo. Por ocasião do churrasco dos ex-alunos, não são poucos os rostos conhecidos por Pe. Lauro. “Batizei muitas dessas crianças”, faz questão de ressaltar ele.

Sem dúvida, o trabalho pastoral realizado no colégio é de suma importância. A missa dos Dias das Mães e a do Dia dos Pais, a celebração da Páscoa, ou mesmo a missa aos domingos, são encontros sempre felizes para as famílias católicas praticantes que fazem parte da comunidade vicentina. Mas o trabalho pastoral não se resume apenas às missas de celebração, mas também ao apoio aos enfermos e ajuda aos necessitados. Tanto Pe. Lauro, atual diretor, quanto seu antecessor, Pe. Almeida, sempre foram muito requisitados pelas famílias, principalmente nos momentos de dor, oferecendo sempre uma palavra de carinho e um gesto de apoio.



FLAVIA COSTA FLOGSTAD, NA FOTO DE 86, RECEBE SUA 1ª COMUNHÃO DAS MÃOS DE PE. ALMEIDA. JÁ EM 6 DE DEZEMBRO DE 2009, NO MESMO AUDITÓRIO, A 1ª COMUNHÃO DO SEU FILHO, MATEUS COSTA FLOGSTAD, DA T. 605, POR PE. LAURO

Comemorações do jubileu



SÁBADO, 4 DE ABRIL DE 2009

A MISSA DE ANIVERSÁRIO, REALIZADA NA IGREJA SÃO JUDAS TADEU, NO COSME VELHO, FOI CELEBRADA POR PE. LAURO COM VÁRIOS COIRMÃOS, CONTANDO COM A PARTICIPAÇÃO DOS CORAIS DO SÃO VICENTE, SOB A REGÊNCIA DE PATRÍCIA COSTA, E DE TODA A COMUNIDADE VICENTINA. APÓS A CELEBRAÇÃO, O COLÉGIO OFERECERU UM BRUNCH, REUNINDO CERCA DE 600 PESSOAS, ENTRE ALUNOS E EX-ALUNOS, PAIS, PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS E COLABORADORES.



SEXTA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO

A FESTA NO SALÃO NOBRE DO CLUBE FLUMINENSE, COM JANTAR, SHOW E MUITA DANÇA REUNIU TURMAS DE VÁRIAS GERAÇÕES, DESDE AQUELAS QUE ENTRARAM NOS ANOS 50 ATÉ AS QUE AINDA ESTUDAM LÁ NOS DIAS DE HOJE. O DISCURSO DE PE. LAURO, SEGUIDO PELO DO PRESIDENTE DA APM E DE ALGUNS EX-ALUNOS, EMOCIONOU A TODOS.



SEGUNDA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO

A CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO PRESTOU UMA LINDA HOMENAGEM AO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO PELA SUA ATUAÇÃO NESSES 50 ANOS. REUNIDOS NA TRIBUNA, PE. LAURO, PE. EMANUEL E IRMÃO ADRIANO REPRESENTARAM A ESCOLA DURANTE A CERIMÔNIA, EM QUE ESTIVERAM PRESENTES TAMBÉM A DIRETORIA DA APM, COORDENADORES, EX-PROFESSORES E MEMBROS DO GRÊMIO. NA SOLENIDADE, FORAM DISTRIBUÍDAS PLACAS COMEMORATIVAS EM AGRADECIMENTO A ALGUMAS DAS CENTENAS DE PESSOAS QUE FIZERAM OU FAZEM PARTE DE SUA HISTÓRIA.



SÁBADO, 7 DE NOVEMBRO

O CHURRASCO PARA OS EX-ALUNOS, NO PÁTIO DA ESCOLA, PRECEDIDO POR UMA MISSA NO AUDITÓRIO, PROMOVEU MAIS UM ENCONTRO DE ANTIGAS TURMAS DE ALUNOS, CONTANDO AINDA COM A PRESENÇA DE EX-PROFESSORES, COMO DARIO, MIGDON, MOTA E JOÃO BATISTA. A OCASIÃO SE PRESTOU TAMBÉM PARA COLHER ALGUNS DEPOIMENTOS PARA O DOCUMENTÁRIO SOBRE O CSVP - "SE ESTES MUROS FALASSEM" - UM PROJETO DE TRÊS EX-ALUNOS DO COLÉGIO.

Homenagens



FRANCISCO, NATÁLIA E VINÍCIUS



TEDESCO



DARIO E ANTONIO SOARES



MARLENE BLUHM



SOLANGE BORBA



MIGDON COM PE. LAURO



NINA CUNHA

NA COMEMORAÇÃO DE SEUS 50 ANOS, O COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO FOI HOMENAGEADO POR SUA ATUAÇÃO DESTACADA NO ENSINO E NA FORMAÇÃO DE SEUS ALUNOS, CONTANDO COM UMA BELA SOLENIDADE NA CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO, DIA 16 DE NOVEMBRO DE 2009. EM AGRADECIMENTO PELA IMPORTANTE CONTRIBUIÇÃO AO COLÉGIO, FORAM DISTRIBUÍDAS PLACAS COMEMORATIVAS PARA ALGUMAS DAS CENTENAS DE PESSOAS QUE FIZERAM OU FAZEM PARTE DE SUA HISTÓRIA.

AO LONGO DESSES ANOS, MUITOS JÁ FALECERAM, MAS O PAPEL QUE DESEMPENHARAM PARA O SUCESSO DAS INICIATIVAS PROMOVIDAS NO SÃO VICENTE FOI TÃO SIGNIFICATIVO QUE MERECEM UM MENÇÃO ESPECIAL, ENTRE OS QUAIS, MOACYR DE GÓES, JORGE LUIZ, PE. GUERRA, HUGO PAIVA,

NA HOMENAGEM DA CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO AO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO POR OCASIÃO DE SEU CINQUENTENÁRIO (1959-2009)

A PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, POR SEU DIRETOR, PE. LAURO PALÚ, C.M. HOMENAGEIA

PAULO CÉSAR GOMES ESTIMA,

ALUNO DE MATRÍCULA NÚMERO 1, PORTA-BANDEIRA QUE INAUGUROU A TRILHA POR ONDE PASSARAM OUTROS 13.389, HONRA DA ESCOLA, SEMEITEIRA DE CIDADÃOS, GARANTIA DE RESULTADOS FELIZES NA VIDA, BRILHO E RAZÃO DE SER DESTA JUBILEU DE OURO.

MARITA ROSA SALGADO CARPINTEIRO,

PRIMEIRA ALUNA MATRICULADA EM 1967, QUE INICIOU VALENTAMENTE UMA FASE NOVA NA HISTÓRIA DO COLÉGIO, DE RESULTADOS FELIZES PELA CONVIVÊNCIA AMOROSA E ESTIMULANTE DE MENINOS E MENINAS, GLÓRIA E PRÊMIO MAIOR DESTA JUBILEU DE OURO.

LARISSA CHAVACER PIMENTA,

ALUNA DE MATRÍCULA MAIS RECENTE NESTE ANO JUBILAR. PARABÉNS PELA ESCOLHA, VOTOS DE SUCESSO COMO OCORRE NA VIDA DOS 13.389 QUE A PRECEDERAM NA ESCOLA. HOMENAGEM A SEUS PAIS NICOLE E CELSO CABRAL PIMENTA.

FRANCISCO OURIQUE, NATÁLIA FRANÇA OURIQUE E VINÍCIUS OURIQUE VELHO,

TRÊS GERAÇÕES DE ALUNOS QUE CRESCERAM À LUZ DE UM PROJETO HUMANISTA, ALEGRIA E RECOMPENSA DE SEUS PROFESSORES, ESPERANÇA DE UM FUTURO MELHOR PARA A HUMANIDADE, RAZÃO DE SER E PRÊMIO REALIZADOR DESTA JUBILEU DE OURO.

ANTÔNIO SOARES DE OLIVEIRA,

PELOS CINQUENTA ANOS DE BONS SERVIÇOS, PRESTADOS À COMUNIDADE COM ALEGRIA, LEALDADE E DEDICAÇÃO, PROVA E TESTEMUNHO DO ESPÍRITO DE FAMÍLIA QUE NOS UNE E NOS FAZ CELEBRAR COM EMOÇÃO ESTE DUPLO JUBILEU DE OURO.

SOLANGE GONÇALVES BORBA,

PROFESSORA E COORDENADORA HÁ 40 ANOS, LEVADOS COM ALEGRIA, LEALDADE E DEDICAÇÃO, VISÃO HUMANISTA E ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL, ANIMADORA DE UM ESPÍRITO DE FAMÍLIA E DE COOPERAÇÃO ENTRE SEUS PARES, MARCA SIGNIFICATIVA DESTA JUBILEU DE OURO.

SÉRGIO LUIZ ALVES DRAGO,

MESTRE DECANO DO CORPO DE PROFESSORES, INCENTIVADOR DO ESPÍRITO INVENTIVO E COMPETIDOR DOS ALUNOS, A QUEM ENCANTA COM A MATEMÁTICA E OS DESAFIOS DA VIDA, MARCA SIGNIFICATIVA DESTA JUBILEU DE OURO.

MARLENE LIDIA BLUHM,

EDUCADORA E FORMADORA DE VÁRIAS GERAÇÕES, ÀS QUAIS SOUBE ABRIR HORIZONTES DE HUMANISMO, DE ARTE, DE RELIGIÃO, DE ORGANIZAÇÃO E CARINHOSA CONVIVÊNCIA, CORAÇÃO FIRME E LEAL NA DEDICAÇÃO E NA AJUDA FRATERNA, MARCA SIGNIFICATIVA DESTA JUBILEU DE OURO.

ALCIDES RESTELLI TEDESCO,

PROFESSOR, EDUCADOR E ORIENTADOR, LÍDER MARISTA E VICENTINO, AMIGO DOS ALUNOS, APOIO DOS COLEGAS, PRESENÇA LEAL JUNTO ÀS FAMÍLIAS, QUE MARCOU E HONROU A DURAÇÃO DESTA JUBILEU DE OURO.

MIGDON PINTO COELHO GONÇALVES DE SOUZA,

PROFESSOR, EDUCADOR E ORIENTADOR, COIRMÃO E LÍDER VICENTINO, AMIGO DOS ALUNOS, APOIO DOS COLEGAS, PRESENÇA LEAL JUNTO ÀS FAMÍLIAS, QUE MARCOU E HONROU A DURAÇÃO DESTA JUBILEU DE OURO.

CLÁUDIO MÁRIO G. DA SILVA,

PROFESSOR EMÉRITO E COORDENADOR DO ENSINO MÉDIO, BATALHADOR DO ENSINO, EXEMPLO DE AMOR AO ESTUDO E AO DEVER, PRESENÇA MARCANTE E SIGNIFICATIVA NESTE JUBILEU DE OURO.

DARIO NUNES SILVA,

PROFESSOR, EDUCADOR E ORIENTADOR, COIRMÃO E LÍDER VICENTINO, AMIGO DOS ALUNOS, APOIO DOS COLEGAS, PRESENÇA LEAL JUNTO ÀS FAMÍLIAS, QUE MARCOU E HONROU A DURAÇÃO DESTA JUBILEU DE OURO.

OS GRÊMIOS DOS ALUNOS, GRECO, GREGI E MINIGRÊMIO,

REPRESENTANTES DAS SUCESSIVAS GERAÇÕES DE ALUNOS E ALUNAS, ESCOLAS DE CIDADANIA, CÉLULAS GERMINAIS DE MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES CIDADÃS, APRENDIZES E MESTRES DE PARTICIPAÇÃO RESPONSÁVEL E DEMOCRÁTICA. DOS GRÊMIOS DERIVOU MUITO DO BRILHO DESTA JUBILEU DE OURO.

NINA MARIA VERNES TEMPONE DA CUNHA,

BATALHADORA INCANSÁVEL, SABEDORIA ATENTA, VISÃO ÓTIMA DO ALCANCE E DAS EXIGÊNCIAS DE UMA EDUCAÇÃO COMPROMETIDA COM A VERDADE, A BELEZA, O FUTURO, A VIDA, CONTEÚDO E CELEBRAÇÃO DESTA JUBILEU DE OURO.

O NÚCLEO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CARIDADES,

CRIADO E MANTIDO NO CORAÇÃO DO COLÉGIO, DESDE OS INÍCIOS DE NOSSA COMUNIDADE E QUE FRUTIFICOU AO LONGO DESTES ANOS, ENRIQUECENDO DE MÉRITOS NOSSO JUBILEU DE OURO

A ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES,

QUE DESDE O INÍCIO DEFINIU A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS E DOS MESTRES COMO PRESENÇA DE COLABORAÇÃO LEAL, INTENSA E ESCLARECIDA, RESPONSÁVEL PELO CLIMA FRATERNAL DE SERENIDADE NAS RELAÇÕES DOS PAIS COM OS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS, AO LONGO DE TODO ESTE GLORIOSO JUBILEU DE OURO.

Depoimentos



ARTHUR, NO SABADÃO, COM NATÁLIA E JOANNA

Deixei o São Vicente após 17 anos e alguns meses, quase 18 anos! Senti-me como um adolescente que deixa a segurança da casa paterna para alçar novos voos... A segurança para isso veio das vivências nessa Casa que sintetizou as experiências de tantas outras... As saudades existem, principalmente dos companheiros e companheiras de trabalho e de vida! E existem porque construímos juntos um lugar, um espaço significativo, repleto de memórias e projetos individuais e coletivos, confirmando a frase de Bachelard: O tempo não existe! O que existe são memórias de espaços que foram de algum modo, significativos nas nossas vidas! Na minha vida, o que hoje sou e sei está indelevelmente marcado por esse lugar chamado Colégio São Vicente de Paulo, do Cosme Velho.

Artur Motta



Trabalhei na Administração até 2008. Aprendi muito com as pessoas. Todos vestem a camisa e participam. Gosto muito do Colégio, venho sempre, participo do futebol da APM e funcionários, sou sempre muito bem recebido.

Padre Paulo Venuto

O SÃO VICENTE FOI UMA DAS COISAS MAIS IMPORTANTES DA MINHA VIDA, FOI ALI QUE O MUNDO SE ABRIU PRÁ MIM. EU VINHA DE UM COLÉGIO DE FREIRAS CARETÃO E ODIAVA! AÍ QUANDO FUI PARA O SV, PARECE QUE ABRIU UM JANELÃO NA MINHA CABEÇA, EU PERCEBI O MUNDO EM QUE VIVIA (A DITADURA, A RESPONSABILIDADE DA POLÍTICA NAS DESIGUALDADES SOCIAIS), ENTREI EM CONTATO COM TODO ESSE LADO CULTURAL, PERCEBI QUE EU TAMBÉM PODIA FAZER CULTURA. EU IA A PASSEATAS, SHOWS DE PROTESTO, FIZ PARTE DO DEPARTAMENTO DE TEATRO, DO MUSICLUBE, TUDO COM A GALERA DO SV! FIQUEI MEIO DESLUMBRADA QUANDO ENTREI PARA LÁ PORQUE NO OUTRO COLÉGIO NÃO TINHA NADA! NEM GAROTOS TINHA DIREITO (UNS 2 OU 3 GATOS PINGADOS EM CADA TURMA)! "

GAL LABRUNIE, TURMA DE 1980, MÃE DE MATEUS, DO 2ºC



GAL, QUE FORNECEU AS FOTOS DO TEATRO RELÂMPAGO, IOLANDA, QUE VEIO DA ESPANHA PARA A FESTA, RAPHAELA, REDATORA DA REVISTA A CHAMA E NADINE, TODAS DA TURMA DE 80, NA FESTA DO FLUMINENSE.

"O São Vicente de Paulo acolhia todos aqueles que, por suas visões humanistas e revolucionárias, se viam banidos de outros espaços. Unidos e dispostos a escrever a mais bela história de um colégio do Rio de Janeiro, não se fixavam só em sofrimentos; olhavam para frente e viam os sorrisos da futura festa – que talvez demorasse, mas que chegaria. Entrei para o Colégio menino, com 22 anos apenas e cheio de expectativas. Naquele momento, tornou-se inevitável que minha vida se misturasse com a dessa instituição, como num acordo de cumplicidade."

Sérgio Drago, Prof. de Matemática



MARCOS PALMEIRA EM SUA PLANTAÇÃO ORGÂNICA DE HORTALIÇAS, NA FAZENDA VALE DAS PALMEIRAS

O São Vicente foi muito importante na minha formação. Tenho o colégio como referência nas minhas atitudes políticas, na minha maneira de enxergar a vida! Até hoje convivo com amigos dessa época, que são muito especiais! A liberdade que cultivávamos, as relações que estabelecíamos eram muito fortes no nosso movimento estudantil. Fazer parte do grêmio era a possibilidade de pensar o mundo através da escola! Os maravilhosos professores nos estimulavam a formar novos pensamentos! A vigília que fizemos em defesa desse professores, a ditadura que nos cercava, tudo isso fazia do São Vicente um pólo de resistência naquela época! Muito orgulho de ter vivido esses belos dias e muita saudade daquela efervescência que nos transformaria em cidadãos! Parabéns pelos cinquenta anos e que vocês possam se reinventar para os anos que virão! Beijos

Marcos Palmeira, ator, ex-aluno

O COLÉGIO É MAIS UMA FAMÍLIA PARA MIM. FICO AQUI MAIS TEMPO DO QUE EM CASA. TRABALHO COM O QUE GOSTO, COM O PÚBLICO. É UMA BOA FAMÍLIA, UMA FAMÍLIA VICENTINA!

ALEXANDRE FERREIRA, ASCENSORISTA



GOSTEI MUITO DE REVER E CONVERSAR COM O MIGDON, DARIO, MOTA, TEDESCO E OUTROS. FOI BOM RELEMBRAR MOMENTOS DE QUANDO EU TINHA 10 ANOS.

NICOLAU BACHÁ, EX-ALUNO, TURMA DE 71



São Vicente, palco e cenário de construção de memórias dos nossos quatro filhos e nossas também. Memórias que têm cor; cheiro de mato, de suor e de pipoca; e o burburinho que fervilha o aprendizado para fazer a diferença. Que também carregam fortes amizades, encontros, desencontros e despedidas eternas. Aqui, no exercício de Educador - Diretor, Professor ou Funcionário -, no crescer transformador dos nossos Filhos e Filhas, fica a marca de valorização à vida, com suas vitórias e desafios. Para além de uma sólida Instituição, o CSVP é uma Casa Amiga, uma Mão de aconchego que nos recebe e nos reúne como Família em São Vicente, para sempre habitar em nossos corações.

Sílvia e Joaquim Almeida, pais de Henrique - 2º C, Rodrigo - T. 702, Marcela - T. 503 e Guilherme , ex-aluno



" PARTICIPAR DOS PROJETOS SOCIAIS DESENVOLVIDOS PELO CSVP TEM SIDO UM GRANDE PRÊMIO, UMA BÊNÇÃO. A CONVIVÊNCIA COM AS EQUIPES DO COLÉGIO E COM AS COMUNIDADES ASSISTIDAS É UM APRENDIZADO ENRIQUECEDOR PARA MEU CRESCIMENTO ESPIRITUAL."

MARILEY PROHMANN, MÃE DE EX- ALUNOS, RELAÇÕES PÚBLICAS DA APM EM 2005/2006, PARTICIPA ATUALMENTE DAS VOLUNTÁRIAS DA CARIDADE

Estudar no São Vicente com certeza fez uma grande diferença na minha vida. Todos os alunos que saem desta escola levam consigo uma marca, não só no currículo, mas na vida, na maneira de ser, de pensar. Por esse motivo que resolvi junto aos amigos feitos na escola produzir esse filme.

Luiza Campos, ex-aluna, turma de 2007



LUIZA BORGES - T. 2007, ANA RIOS - T.2007, E PEDRO NOGUEIRA - T 1999, NA FILMAGEM DO DOCUMENTÁRIO SOBRE O CSVP

"Desde meus 14 anos, estudei nos seminários dos Padres Lazaristas, em Fortaleza (1949/1951), no Caraça (1952/1953) e em Petrópolis (1954,1955). No mesmo ano em que saí do seminário, ingressei na Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro. Estou formado há 49 anos. Tudo o que sou devo à Congregação da Missão, aos Padres Lazaristas. "

Rômulo Cavalcante Mota,
Pai de três ex-alunos: Marcelo - T.1981
Marcos - T.1979 e Simone - T.1990



Estou aqui há cinco meses. A impressão que tenho é que eu não entrei numa empresa, mas numa família.

Rodrigo Suplicio, encarregado da papelaria



LUCIANO, ENTRE JORGE E ANTONIO ROSA, EM FESTA DOS 50 ANOS

TRABALHAR COMO INSPETOR É CANSATIVO, COMPLICADO, MAS TENHO MUITO PRAZER EM TRABALHAR COM AS CRIANÇAS, COM EDUCAÇÃO, ACOMPANHAR O CRESCIMENTO DELES. SEM ISTO AQUI, EU NÃO SOU NINGUÉM. É MUITO GRATIFICANTE TAMBÉM REVER OS EX-ALUNOS, SABER QUE ELES ESTÃO BEM, ELES SEMPRE VOLTAM COM MUITA ALEGRIA.

LUCIANO DA SILVA QUEIRÓS, INSPETOR



CLAUDIA E RITA, ENFERMEIRAS DO COLÉGIO, COM O MURAL DE BILHETES CARINHOSOS DOS ALUNOS

O Carinho que as crianças nos passam é gratificante. Nunca tinha trabalhado com crianças, é uma experiência inesquecível. Comecei na Casa Central e fui tranferida para o colégio há 5 anos.Vim muito assustada e, agora, não teria coragem de sair daqui. Tem uns que vem chorando quando tiram nota baixa, quando os pais se separam. E sempre mandam muitos bilhetinhos carinhosos, que colocamos no mural da enfermaria.

Rita , enfermeira do colégio

GOSTO DE TRABALHAR COM AS CRIANÇAS. VEJO A MUDANÇA DE ANO PARA ANO. ACOMPANHO O CRESCIMENTO DELES. MINHA VIDA É AQUI.

ALOÍSIO XAVIER, ALEMÃO, CANTINA





CAIO, THIAGO E VICTOR, DO MINI-GRÊMIO

Participar do grêmio é bom por um lado, porque podemos mudar algumas coisas no Colégio como pensávamos. No entanto, das seis propostas só conseguimos realizar três, tipo ping-pong, troféus e show de talentos. Achamos que o show de talentos foi muito legal. Mas, por outro lado, é muito chato, porque nos comprometemos em fazer outras coisas e as pessoas ficam cobrando e não podemos realizar, porque a coordenação apesar de autorizar não deixou fazer. Mesmo assim é muito importante ter as eleições para o grêmio, mas precisamos ter mais autonomia.

Caio Portella, presidente Mini-Grêmio
Victor Lameiras, secretário Mini-Grêmio

O São Vicente foi muito importante para mim. No início foi difícil me adaptar. Eu tinha saído da AMAN, Academia Militar, em Resende, onde a gente recebia ordens, quando dei de cara com o São Vicente, que era uma escola contra a ditadura. O colégio mudou a minha maneira de ser e de pensar.

As minhas filhas estudaram no Colégio.
Sergio Rabelo, Coordenador de Educação Física de 1971 a 1988



DESDE QUE CHEGUEI AQUI MUDEI MEU OLHAR SOBRE A VIDA, ADQUIRI UM OLHAR DIFERENTE SOBRE A REALIDADE. AQUI ME VOLTEI PARA AS QUESTÕES DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA, PARA AS QUESTÕES SOCIAIS, ME ENGAJEI NOS PROJETOS SOCIAIS. TRABALHAR AQUI É DESAFIADOR E RENOVADOR, ME SINTO CONSTANTEMENTE ESTIMULADO.
GILBERTO, OPERADOR DE AUDIO-VISUAL DESDE 95

"O São Vicente tem um ambiente muito alegre, de companheirismo, de solidariedade. Supervisiono um grupo de funcionários e, mesmo quando não sabem executar o serviço, se empenham em aprender. Somos uma grande família, sinto como se fossem meus filhos, cada qual com a sua personalidade - um mais alegre, outro mais fechado, outro mais ousado, - porém todos muito amigos e prestativos. Neste ano do cinquentenário, com muitos dos eventos nos finais de semana, tivemos que fazer horas extras, ficamos cansados, mas todos nós gostamos de participar, abraçamos a ideia das comemorações. Todos têm muito carinho e são gratos à escola. A rotatividade aqui é muito baixa, é um ambiente de muito diálogo e compreensão."

Cristina Rodrigues, funcionária desde 94



DENISE E SERGIO COM GRAÇA, DA COMPASSO, AO CENTRO

Durante os últimos dez anos vivemos a experiência de repartir bancos escolares, professores e ensinamentos com a Giovanna, que cursa o 2º ano do Ensino Médio neste ano do Jubileu do São Vicente. A participação na APM teve grande papel em nossa formação de Pais, indivíduos, cidadãos, seres humanos. O tempo passou voando. Os erros e acertos do caminho percorrido vêm sendo convertidos em "milhagens" de aprendizado conjunto, que certamente nos trará a possibilidade de chegar a mais belos destinos. O convívio com os jovens e suas plenitudes traz a certeza da existência de um paraíso alcançável, aquele daquele dos anjos ou das virgens. Propriedade deles e nosso usufruto, este Paraíso carece de atenção, de sociedades justas, de respeito e de ética. É a dádiva da VIDA na TERRA, cuja continuidade depende de um árduo e sincero trabalho diário e do verdadeiro espírito vicentino de doação.

Sergio Castiglione e Denise Braune, ex-diretores da APM



HÉLCIO E ELEONORA, DO EJA

TRABALHAR NO SÃO VICENTE FAZ COM QUE EU ME SINTA PARTE DE UM PROJETO MAIOR DE TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO, AINDA QUE COM OS MEUS ERROS E COM AQUILO QUE EU ENXERGO COMO DEMORAS INSTITUCIONAIS. É UMA EXPERIÊNCIA DE REALIZAÇÃO E DE COAUTORIA.

HÉLCIO ALVIM, COORDENADOR DA EJA

Há dois anos o CSVP é minha casa, literalmente. Sou um dos poucos que têm a graça de respirar estes ares 24 horas por dia.

E junto ao ar desta casa flutua um emaranhado de sons. O São Vicente é uma casa de sons, todos próprios daqui, únicos. O infalível "bom dia" do Pe. Lauro, que cumprimenta e abençoa; a campanha que termina o recreio e sempre vem acompanhada de alegres gritos infantis; os gritos de "gol" nas quadras; o canto dos corais, a fala ensaiada dos teatros; o barulho do giz que enche o quadro de conhecimento ante os olhos desconfiados e atentos; enquanto isso, nos escritórios ouvimos cliques de mouses, teclados nervosos, telefones clamando atenção, quase uma orquestra. E à noite, enquanto todos dormem, ouvem-se vassouras, rodos, água e sabão, gente que fica acordada para que a escola brilhe na manhã seguinte. Tudo isso é o barulho do tempo, a sinfonia do conhecimento que há cinquenta anos ressoa em direção dos corações que aqui se fazem abertos para escutar.

Irmão Adriano Ferreira, C. M., Coordenador dos

NO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO EU ENTENDI QUE, NÃO IMPORTASSE COMO, EU SERIA UM BOM SER HUMANO. PELO MENOS TERIA ESSA CHANCE. ACHO QUE O BRASIL DEVERIA AGRADECER POR ISSO.

LUCIANA MARTHA, EX-ALUNA, T. 1976



Das muitas escolas onde trabalhei foi a única onde tive liberdade para trabalhar as informações de física que os jovens deveriam aprender a repetir em provas e concursos mantendo-as num mesmo plano de preocupação com a formação dos aspectos moral e intelectual. Foi este colégio que me permitiu avaliar os jovens de forma personalizada, ajudá-los refletir sobre a importância do erro, da dúvida, da paciência e muito mais. Neste colégio ensinei menos física do que aprendi, praticando, sobre a amizade, o amor, a caridade, a compaixão, a compreensão, a confiança, a contemplação, o contentamento, a coragem, a crença, a fraternidade, a humildade, a perseverança, a solidariedade, a ternura, a tolerância, as verdades, a vontade e muitos valores, sentimentos e emoções. Foi escola inesquecível da minha vida.

prof. Hugo Pinheiro



Os pais têm a consciência de que seus filhos, aqui no São Vicente, são como nossos filhos. Nós temos o maior cuidado e o maior respeito por eles.

Maria Concetta, Profª de Matemática dos 7º e 9º anos, ex-aluna e mãe de aluno

"O trabalho aqui é muito instigante, dinâmico e cheio de surpresas. Gosto imensamente de trabalhar aqui. Lidar com o ser humano é uma surpresa diária, é muito gratificante, a gente se sente recompensada com o resultado. Nem sempre esse resultado é imediato, às vezes vem mais tarde, mas é sempre gratificante e inspirador.

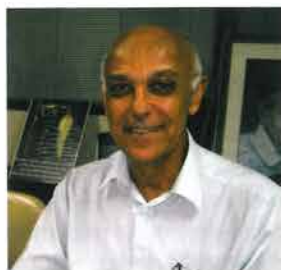
Cordélia - SOE, desde 98



MARCELA E ISABEL, EX-ALUNAS DA TURMA DE 2008

"No final do terceiro ano, quando as coordenadoras pediram para marcarmos o que nós fizemos no colégio, para poder entrar no histórico, eu comecei a marcar varios X, pois fiz tudo o que o São Vicente me ofereceu em todos os meus 10 anos lá. Fui 5 anos representante de turma, participei do teatro, time do colégio..., mas uma das experiências mais legais na qual participei foi o Grêmio do colégio, com a chapa "O Berro". Essa foi uma ótima experiência, primeiramente porque o grêmio era feito de amigos, eu, Joaquim Pedro, Nicole Meireles, Dora Adesse, Gabriel Menezes, Alice Passos e Bruna de Oliveira. Durante o "mandato" recriamos o jornal "O Elefante", a pintura do muro, a festa junina, a semana cultural entre outras coisas, tudo isso foi válido, pois me ajudou a ter um pouco mais de organização e responsabilidade, já que tudo o que fizéssemos teria que ser aprovado e acompanhado pelo conselho de coordenadores. Todos esses momentos no CSVP serão guardados com muito carinho por mim, na minha memória e no meu coração, assim como todos os amigos que fiz."

Marcella Sotto-Maior, ex-aluna

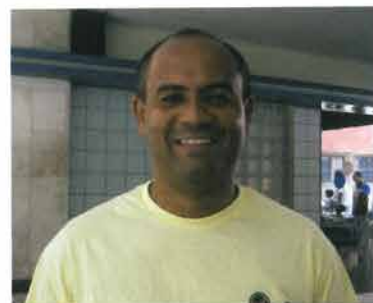


SINTO-ME HONRADO E FELIZ POR TER ESCOLHIDO O COLÉGIO CSVP PARA A EDUCAÇÃO DOS MEUS FILHOS. TER ESTADO NA DIREÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES ME PROPORCIONOU CONHECER A ORGANIZAÇÃO E O TRABALHO DESTA CONCEITUADO COLÉGIO. FAZER PARTE DA COMISSÃO DE FESTAS, NESTE ANO DO SEU CINQUENTENÁRIO, QUE SE CONSAGROU COM A FESTA NO CLUBE FLUMINENSE, PROPORCIONOU-ME A ALEGRIA DE PERTENCER À FAMÍLIA VICENTINA.

JOÃO AFONSO DE MATOS TEIXEIRA, PAI DE IGOR E VINÍCIUS, PRESIDENTE DA APM 2005/2009

OBJETIVO CUMPRIDO. É COM ESTA FRASE CURTA E FORTE QUE RESUMIMOS O PASSAR DO ANO DE 2009, FREQUENTANDO SEMANALMENTE A COMUNIDADE CHICO MENDES NA PAVUNA. SABÍAMOS QUE ESTE ANO SERIA A CONCLUSÃO DO MESMO, POIS AO LONGO DO PERÍODO ESTIPULADO E PROJETADO, PROCURAMOS PASSAR E RESGATAR VALORES ATÉ ENTÃO NÃO CONHECIDOS POR TODAS AS FAMÍLIAS QUE COMPÕE O NOSSO GRUPO. FOI PROVEITOSO PARA AMBAS AS PARTES; TODAS NÓS AMADURECEMOS, APRENDEMOS E FOI UM TROCA CONSTANTE. TEMOS CERTEZA DE QUE FOI RECÍPROCO, MEDIANTE TODAS AS HOMENAGENS E CARTAZES QUE RECEBEMOS NO ENCERRAMENTO DO PROJETO NO ÚLTIMO DIA 15/12/2009. PELO MENOS 1/3 DAS FAMÍLIAS CADASTRADAS ESTÃO ENCAMINHADAS E GARANTINDO O PRÓPRIO SUSTENTO. VALEU A PENA!

ROSANGELA SANTOS, GRUPO MÃE DOS ALUNOS PAULA E BERNARDO



TRABALHAR AQUI É UMA GRANDE ALEGRIA. CONSTRUÍ MINHA VIDA TODA AQUI. TUDO QUE TENHO AGRADEÇO AO COLÉGIO SÃO VICENTE.

VALDINEY DE SOUZA, INSPETOR DAS QUADRAS

"O aprendizado que o CSVP me proporcionou marcou toda a minha vida profissional e pessoal. Parabéns a todos os que contribuíram para o lugar alçado pelo Colégio São Vicente de Paulo em seu cinquentenário: o de formar com competência e sensibilidade cidadãos dispostos a atuarem como agentes de transformação na direção da justiça social para todos os brasileiros. Que o futuro do Colégio seja longo e virtuoso. Com apreço e gratidão."

Adriana Cavalcanti de Aguiar, ex-aluna, Doutora em Educação pela Univ. de Harvard



ENVIADO PELA PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, CHEGUEI AO SÃO VICENTE HÁ DOIS ANOS, PARA TRABALHAR NA ADMINISTRAÇÃO, DESCONFIADO E DESAFIADO PELA GRANDEZA DA OBRA E DE SEU SIGNIFICADO HISTÓRICO. SÓ TOMEI CONSCIÊNCIA TOTAL DE SUA ENVERGADURA NO ANO DO CINQUENTENÁRIO, PELOS DEPOIMENTOS, FATOS E MEMÓRIAS CONTADOS PELOS QUE FIZERAM E CONTINUAM A FAZER PARTE DA CONSTRUÇÃO DE SUA HISTÓRIA. SINTO-ME HONRADO E PRIVILEGIADO POR PODER FAZER PARTE DESSA HISTÓRIA QUE RENASCE E SE PERPETUA NA VIDA DE CADA COIRMÃO, ALUNO E EDUCADOR, QUE AO VIR E FICAR AQUI E AO SAIR DAQUI DEIXAM MUITO DE SI E LEVAM MUITO PARA MUITOS PELO MUNDO A FORA.

APRENDI COM MEUS MESTRES, NOS DEZ ANOS QUE PASSEI NO SEMINÁRIO ME FORMANDO PARA SER MISSIONÁRIO VICENTINO, A ME SENTIR MISSIONÁRIO EM QUALQUER OBRA DESENVOLVIDA POR NOSSA CONGREGAÇÃO, ESPECIALMENTE POR NOSSA PROVÍNCIA. AQUI NO SÃO VICENTE, ENSINARAM-ME A DESENVOLVER EM MIM O "SENSE" DE EDUCADOR, COMO É INCENTIVADO EM CADA COLABORADOR: "SOMOS DESAFIADOS A PASSAR DE PROFESSORES A EDUCADORES; DE EDUCADORES A FORMADORES E, QUIÇÁ, UM DIA, DE FORMADORES A MISSIONÁRIOS VICENTINOS".

O SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO É DISCRETO, MAS DE EXTREMO VALOR E IMPORTÂNCIA, SOBRETUDO HOJE EM QUE SE FALA TANTO SOBRE GESTÃO, PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO, ESTRATÉGIA, ETC. O SÃO VICENTE NÃO NASCEU PRONTO, NÃO CAÍRAM DO CÉU NEM SUAS PAREDES E NEM SUA HISTÓRIA. MUITO SE FEZ ADMINISTRATIVAMENTE PARA QUE CHEGASSE AOS 50 ANOS ESBANJANDO VITALIDADE. MUITOS DÃO TESTEMUNHO DO ESMERO, DA DEDICAÇÃO E APLICAÇÃO COM QUE PE. NOGUEIRA, O SEBASTIÃO COSTA, O PE. DOMINGOS FARIA, PE. MAURÍCIO PAULINELLI, PE. AGNALDO DE PAULA E PE. PAULO VENUTO CONTRIBUÍRAM PARA A HISTÓRIA VIVA DESTA CASA, PARA QUE HOJE POSSAMOS GOZAR DE TÃO SÓLIDA E SUBSTANCIOSA HERANÇA, QUE TORNA, POR UM LADO, MAIS SERENO E SEGURO O CAMINHO E, POR OUTRO, AINDA MAIOR O DESAFIO DE MANTÊ-LA VIVA POR MAIS 30 ANOS.

É DESAFIADOR MANTER O SÃO VICENTE VIVO E ATUANTE, COM SUA RAZÃO DE SER NO MUNDO ACADÊMICO E SUA MISSÃO CARISMÁTICA DE EDUCAÇÃO, SEM FAZER DELE UMA EFICIENTE E EFICAZ EMPRESA DE RESULTADOS ECONÔMICOS. POIS AQUI NÃO SE NEGOCIA UMA VAGA NA UNIVERSIDADE, NÃO SE VENDE EDUCAÇÃO... PELO CONTRÁRIO, "EDUCAÇÃO É PROCESSO, NÃO É PRODUTO; EDUCAÇÃO NÃO É RESULTADO; É CONSTRUÇÃO". SÃO VICENTE NOS AJUDE A SABER LIDAR COM ESTA TENSÃO CONSTANTE, QUE NOS AMEAÇA E NOS RONDA, PARA JAMAIS PERDERMOS DE VISTA O HORIZONTE QUE NOS TROUXE ATÉ AQUI, AOS PRIMEIROS 50 ANOS DESTA OBRA COLOSSAL.

PE. EMANOEL BEDÊ BERTUNES, C. M.

Agradecimentos

FECHANDO (FINALMENTE!) ESTAS PÁGINAS, AGRADECEMOS AOS QUE NOS AJUDARAM NESTA EDIÇÃO HISTÓRICA. COMEÇAMOS LONGE, COM A DIRETORIA DA APM, LIDERADA PELO FERNANDO POTSCH, PELAS JORNALISTAS LUCIANA MENDONÇA (MÃE DE EX-ALUNO), RAPHAELA PERES (EX-ALUNA) E JOÃO ROCHA LIMA (EX-ALUNO), SOB MINHA ANIMAÇÃO E SOB AS EXIGÊNCIAS SEGURAS DA DESIGNER CHRISTINA BARCELLOS (MÃE DE ALUNO E DE EX-ALUNOS). E, AO LONGO DO CAMINHO, FORAM DECISIVAS AS AJUDAS DO PESSOAL DA CASA, JÉSSICA CAMPOS E SUA AUXILIAR DÉBORA VASCONCELOS, SÔNIA DO CARMO, MINHA SECRETÁRIA, MÁRCIA SOARES, SECRETÁRIA DA APM, CRISTINA VELACO, SECRETÁRIA DA PROVÍNCIA MANTENEDORA DO COLÉGIO, JOCA E AS TURMAS DO AUDIOVISUAL, GILBERTO E LEONARDO, E DA INFORMÁTICA, ESPECIALMENTE BIA E ESTHER, TERESA GUEDES E AS OUTRAS BIBLIOTECÁRIAS, CRISTINA RODRIGUES, QUE ABRIU TANTAS PORTAS, OS PROFESSORES SÉRGIO DRAGO E PAULO NASCIMENTO, AS COORDENADORAS LILIANE E NINA, O HÉLCIO, COORDENADOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, E A VALOROSA EQUIPE QUE CUIDA DE TUDO MAIS, A COORDENAÇÃO COMUNITÁRIA, PASTORAL E SOCIAL (COMPASSO), GRAÇA, NANCIE JOSÉ EDUARDO.

AÍ NOS LANÇAMOS EM DUAS FRENTE DE TRABALHO: AS COMISSÕES QUE ORGANIZARAM AS COMEMORAÇÕES DOS 50 ANOS DO COLÉGIO E OS EX-ALUNOS E AMIGOS DO COLÉGIO.

AS COMISSÕES FUNCIONARAM DE TODOS OS MODOS, COM EFICIÊNCIA E BOM-HUMOR, DESTACANDO-SE O VOLUNTARIADO, O TEMPO CAVADO ENTRE OUTRAS OBRIGAÇÕES PARA NOS DAREM SUA AJUDA INESTIMÁVEL: COMISSÕES PEDAGÓGICA, CULTURAL, SOCIAL, RELIGIOSA, DE FESTAS, DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO. SÃO OITENTA E POUCOS NOMES E OS REUNI, NO FIM DO ANO, PARA UMA CELEBRAÇÃO E UM CHURRASCO AMIGO, AGRADECENDO O CONVÍVIO, A AJUDA E AS PRÓXIMAS COLABORAÇÕES.

A LISTA DOS EX-ALUNOS QUE COLABORARAM PARA A EDIÇÃO DESTA REVISTA É GRANDE. AQUI, ESPECIALMENTE, CORRO O RISCO DE OMITIR ALGUM NOME. MAS O CUIDADO DE MENCIONAR TODOS ESTES MOSTRA QUE NÃO HAVERIA O MENOR PROBLEMA EM CITAR TODOS, UM POR UM: ERA SÓ TER LEMBRADO OU TER MAIS COISAS ANOTADAS. EM CADA UM DOS QUE LEMBRAMOS TODOS VOCÊS SE SINTAM LEMBRADOS E AGRADECIDOS E CONTINUEM A NOS QUERER BEM APESAR DE TUDO!

FIZEMOS ENTREVISTAS COM EX-PROFESSORES, DARIO NUNES, MIGDON GONÇALVES, ALMIR TELLES, SÉRGIO RABELLO, COM EX-ALUNOS, ANDRÉ PEREIRA, JOSÉ CLÁUDIO DOS SANTOS, PEDRO AUGUSTO LAGO, NELSON RICARDO, SÉRGIO RUI, SÉRGIO MAGALHÃES, MAURO VIANA, ADRIANA DIDIER. MUITOS OUTROS CONTARAM AS HISTÓRIAS QUE REPETIMOS E NOS TROUXERAM AS FOTOS DE TODAS AS NOSSAS PÁGINAS, MESMO DAS RECENTES: CARLOS EDUARDO LEITÃO, JOSÉ RICARDO PESSOA DA SILVA, MÁRIO SILVA FERRÃO, FLAVIA FLOGSTAD, ANA DIEKMANN, NADINE CASTANHOS, LUCIANA MARTHA, GAL, CLÁUDIO SABATINI, TIAGO C. GOMES ALMEIDA, CLARA SANDRONI, ANTONIO GOIS. O CELSO HENRIQUE FIGUEIREDO, EX-PROFESSOR E PAI DE ALUNOS, E SIMONE, MÃE DO CAIO, PRESIDENTE DO MINI GRÊMIO, NOS AJUDARAM NOS CONTATOS QUE PRECISAMOS FAZER. O JOÃO BATISTA FERREIRA, EX-PROFESSOR, TROUXE DE GOIÂNIA O DARIO, O MIGDON VEIO SOZINHO, EU TROUXE O TEDESCO, E TODOS FICAMOS MUITÍSSIMO FELIZES COM OS ENCONTROS COM ESSES DA NOSSA QUERIDÍSSIMA VELHA GUARDA.

QUEM DERA CADA UM DE NÓS VIVESSE O QUE OCORREU COM AS JORNALISTAS: COMEÇARAM DEVAGAR, PENSANDO EM TERMINAR NO PRAZO, FORAM DESCOBRINDO OS CONTINENTES DESMESURADOS DA MEMÓRIA, EMPOLGARAM-SE COM NOSSA HISTÓRIA E MAL DERAM CONTA DE FECHAR A EDIÇÃO ANTES DO CENTENÁRIO...

A LETRINHA É MIÚDA, MAS A VIDA FOI TUMULTUADA, INTENSA, FERVIDA E CAPITOSA, NESTES PRIMEIROS 50 ANOS, EU JURO!

PE. LAURO PALÚ, C. M.

Formandos de 2009



3ºA

ANA CAROLINA FALCÃO DE OLIVEIRA . ANA CECÍLIA ARCANJO DA SILVA . CAROLINA TAVARES DE MACEDO OTTONI DE MENEZES . CLARA SANT'ANNA MELO DE OLIVEIRA . CLARA VASCONCELOS ORLANDI . DANIEL ESTEVES CORTES SALVIO DORA ADESSE PEDRA MARTINS . FRANCISCO DUARTE FERREIRA . GABRIEL KELSON DE OLIVEIRA . GUILHERME DE MELLO FRANCO FAORO . HANNA DO REGO MONTEIRO BERLINER . ISABEL DE CAMPOS LEVY . JOÃO CARLOS ESPÍUCA MONTEIRO . JOYCE BENEVELLO TAAM . JULIA DUARTE SABACK NOGUEIRA DE SÁ . LARISSA SVIATOPOLK-MIRSKY . LAURA CARIUJO VELLOZO . LUCAS LÉO MENDES MACHADO . LETICIA BANDEIRA DE CASTRO . LUISA DE CARVALHO SERFATY . MANUELA BINS COMETTE . MARCELLA DIAS DA SILVA SANTOS . MARCOS DE CARVALHO BETHLEM . MARIA CAROLINA MONTEIRO TAVARES . MARIA EDUARDA MIRANDA BERENGUER . MAYSA SILVEIRA DE SIQUEIRA CAVALCANTI . PATRICIA BANDEIRA DE MELLO DE SOUZA CAMPOS . PEDRO CORRÊA NEVES EBERT CAZAR . PEDRO ROCHA BRANCO SJOSTEDT . RAFAEL CARVALHO FERNANDES . RAFAEL DRUMMOND CARRASCO . THAÍS AZEVEDO VERZTMAN . TOMÁS PIRES AMORIM . VINICIUS LEVIS .
NA FOTO, A TURMA COM OS INSPETORES LUCIANO E SAMUEL

3ºB

ANA MARIA DINIZ ENNES . BÁRBARA GONÇALVES CHAVES . BERNARDO FEIJÓ JUNQUEIRA . BRENO PERRICONE FISCHER . CAIO LEGAY VERMELHO . CAIO MELLO MORAES . CÂNDIDO GRINSZTEJN RODRIGUES D'ALMEIDA . CLAUDIO CABRAL . DANIEL MONTEATH DE FRANÇA . DANIEL RIBEIRO PEIXOTO . DANIELLA CHIMELI LOPES RAPOSO . DIANA MORAES DE AZAMBUJA . ERIC COUTO PEITER . FELIPE ALVES MENESCAL . FRANCISCO JOSÉ MAGLUTA FERNANDES . GABRIEL FARAH NORÕES GONÇALVES . GUILHERME RIBEIRO DE CASTRO MORSCHACKER . GUSTAVO BARROS DA CUNHA . GUSTAVO PEREIRA MIRANDA SILVA . HEITOR VARVAKI PRAZERES . HELENA TAVARES CAVALCANTI DOMONT DE SERPA . JOÃO GABRIEL DUARTE FERREIRA . LUCAS GARBOIS MATTOS . MAÍRA PROTASIO DIAS DE OLIVEIRA . MARCELO PITA GOMES DE CASTRO . MARIA SILVA PRADO LESSA . PATRICK CONTARINI RICHARD . PEDRO DANTAS FARIA DE MORAES MORGADO . RODOLFO DAMIANI ALBUQUERQUE . SARAH TAKECHI DE FREITAS HORIUCHI . VINÍCIUS DE CASTRO CRUZ ALARCÃO .
NA FOTO, A TURMA COM O PROFESSORES JÉSSICA E WAGNER E OS INSPETORES LUCIANO E SAMUEL.



3ºC

BERNARDO SANTO ANASTÁCIO COSTA VELHO . BRUNA GALVÃO CUNHA . BRUNO LOUREIRO . BRUNO VALLADARES GUIMARÃES TABOADA . CAROLINE CARVALHO SELJAN . CLARA MOREIRA BARONE . CLARISSA PARANHOS DE ARAUJO RIBEIRO . EDUARDO GERMANO XISTO DA CUNHA . EDUARDO GIL SANTOS CARVALHO DA SILVA . FELIPE BARROS DA CUNHA . FILIPE AMARAL TAVARES PAES . GABRIEL FAERSTEIN E SILVA . GABRIELA SALEM DEL DEBBIO . IAN COSTA CAPILLÉ . IGOR DOMINGUES DE FREITAS . ISADORA DA CUNHA CIDADE . JOÃO PEDRO MELLO E GUIMARÃES . KARINA PEIXOTO RODRIGUES PINHO . LARA SOUTTO MAYOR VIEIRA . LUCAS BUENO CORRÊA . LUCAS CAMPELLO FORTES . LUIZA BOZKO CHAGAS . LUIZA CHIEZA FORTES GARCIA . MANUELA MATTOSO CAMARA DE MENEZES RIBEIRO . MARCELO SOUZA DE ARAUJO . MARIA EDUARDA BELLO COSENDEY RIBEIRO . PAULA BORBA WERNER . PEDRO HENRIQUE SILVA DE MELLO . RAFAELA LIMA DE ALMEIDA . RODRIGO SALLES DA SILVA . TATIANA LOUREIRO BAPTISTA . VINICIUS PRODANOFF DE FARIA . YASMIN DA MOTTA OLIVEIRA . YURI NOGUEIRA MAIMONE



Ninguém, vendo a taturana,
pode certo dizer
se será uma borboleta
bonita ou feia de ver.

Quando se funda uma escola
também não podem prever,
vendo as paredes subirem,
o que o Colégio vai ser.

Meio século passado,
agora posso escrever
que sempre valeu a pena
o que veio a acontecer.

Colégio que nasce feito
não dá gosto de viver.
Colégio se vai fazendo
como criança a crescer.

Cada dia um jeito novo
e bom de surpreender,
enfrentar se for preciso
e cumprir se prometer.

O Colégio São Vicente
é uma casa do saber.
O que se aprende com gosto
nunca se vai esquecer.

São Vicente, meu Colégio,
a tua história e dever
é melhorar com o tempo
e jamais envelhecer.

Borboleta, borboleta,
cresça e venha aparecer,
feliz por bênção de Deus
e bonita por querer.

1959 RIO - 2009



INAUGURAÇÃO DA BIB. INFANTIL



1ª OLIMPIADA VICENTINA



INÍCIO DA 1ª DIREÇÃO DO PE. HORTA



INAUGURAÇÃO DO LAB. DE INFORMÁTICA



INAUGURAÇÃO DO PARQUINHO



INSTALAÇÃO DO AR-CONDICIONADO



INÍCIO DA 1ª DIREÇÃO DO PE. ALMEIDA



CRIAÇÃO DO COMITÊ GRAUNA



CRIAÇÃO DA HOME PAGE DO COLÉGIO



APOIO



**Banco
Cruzeiro
do Sul**